

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UFJF**

**MARIANA CRISTINA BORGES NOVAIS**

**“À BEIRA DO GRAMADO OU FORA DO JOGO?”: As treinadoras do futebol de  
mulheres no Brasil**

Juiz de fora

2018

MARIANA CRISTINA BORGES NOVAIS

“À BEIRA DO GRAMADO OU FORA DO JOGO?": As treinadoras do futebol de  
mulheres no Brasil

Dissertação apresentada ao PPGEF –  
Mestrado em Educação Física da Faculdade  
de Educação Física e Desportos da  
Universidade Federal de Juiz de Fora, como  
parte dos requisitos para obtenção do título  
de Mestre. Área de concentração: Estudos do  
Esporte e suas manifestações.

Orientadora: Profa. Dra. Ludmila Nunes  
Mourão

Juiz de Fora  
2018

NOVAIS, Mariana.

**“À beira do gramado ou fora do jogo?”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil/ Mariana Novais. -- 2018.**

190 f. : il.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2018.

**1. Treinadoras. 2. Futebol de mulheres. 3. Trajetórias. I. Nunes Mourão, Ludmila, orient. II. Título.**

**MARIANA CRISTINA BORGES NOVAIS**

**“À BEIRA DO GRAMADO OU FORA DO JOGO?”: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil**

Dissertação apresentada ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Estudos do Esporte e suas manifestações.

Aprovada em 26 de Junho de 2018, pela Banca Examinadora composta por:

---

Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

---

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Dedico esta dissertação à toda minha família: “porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

## AGRADECIMENTOS

“Pode-se encontrar a felicidade mesmo nas horas mais sombrias, se a pessoa se lembrar de acender a luz”.

Eis que chega o momento de agradecer a todos e todas que não só foram responsáveis por me lembrar disso, mas que, sobretudo, foram luz em meu caminho.

Agradeço a Deus por ter me enviado a este mundo rodeada por pessoas de bom coração e com uma energia abundantemente positiva, pois, somente dessa maneira considero ser possível conquistar o que se almeja com prazer e alegria.

Dito isso, sigo agradecendo ao núcleo de pessoas mais importantes da minha vida, sem as quais eu não seria quem sou: minha família. Obrigada Mãe (Ilmara), por ser exemplo de honestidade, resiliência e amor. Na verdade, obrigada por ser tudo, porque tendo você como Mãe eu entendo o que dizem sobre o “amor de mãe ser incondicional”. Você deve se lembrar de quando ainda morávamos juntas e eu escutava “O Teatro Mágico” todos os dias e, na música, Fernando Anitelli diz “Sei que toda mãe é Santa [...]”. É o que você representa para mim, no sentido da pureza e da coragem pelas quais todas as “Santas” são reconhecidas. Agradeço por todas as abdições durante todo o tempo que precisei e saiba que, na maior parte dele, o plano foi o de poder te recompensar num futuro próximo. Obrigada Pai (Everaldo), por ser “O Cara!” Agradeço todos os dias por ter herdado, além do seu DNA, a sua personalidade, porque devo a ela boa parte do que sou. Como bem nos disse Alvo Dumbledore “Não são nossas habilidades que mostram o que realmente somos. São nossas escolhas”. E você me ensinou a sempre escolher o certo e não o fácil. Obrigada à minha irmã (Vitória), por ser meu maior exemplo de persistência e dedicação. Nossa diferença de sete anos de idade cronológica fica minúscula diante do tanto que me ensinou durante esses três últimos anos. Completando a música já citada aqui “[...] Sei que incerteza traz inspiração”, e a sua entrega ao processo seletivo para a aprovação na Universidade me inspirou a encarar meus objetivos também de maneira mais plena, por isso, devo a você todos os frutos que eu vier a colher.

Estendo os agradecimentos à família, em geral, bem como aos meus amigos e amigas. Avôs, madrinhas, tias, primas, primos e irmãos e irmãs que a vida me deu.

Talvez não se lembrem, mas a ajuda mais singela, uma palavra sequer, sempre significaram muito e vocês também são parte disso tudo.

Obrigada à minha namorada, Fernanda, que ao longo de um ano me mostrou a complexidade mas também a beleza do amor. Como nos fala Nando Reis: “Protegem as flores, seus espinhos. Preferem os cactos, que a solidão da noite assista a flor, quando se abre”. Qualquer dificuldade e dor trazida por espinhos nos conduziram bem ao privilégio de ver uma linda flor se abrir. Obrigada pela compreensão, apoio e orgulho dispensados a mim nesse tempo.

Agradeço à minha amiga, parceira e conselheira, que por coincidência também é minha Orientadora (Ludmila). Novamente parafraseando Fernando Anitelli, “Acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz”. Lud além de ter o dom da palavra, arrasta a todos e todas com seu exemplo de mulher íntegra e sensível. Num mundo acadêmico do “produtivismo a qualquer custo”, ser orientada por alguém com tamanha sensibilidade é engrandecedor e digno de muito agradecimento.

A companhia e parcerias para as aulas, reuniões e estudos foram também fundamentais. Agradeço aos e às integrantes do nosso Grupo de Estudos (GEFSS) por toda ajuda e apoio. Em especial, a Ayra, minha consultora para todas as horas e assuntos, afinal, “O bagulho é doido!”. Ao amigo Igor, pela consideração e incentivo em todos os momentos e também ao João Paulo pela boa vontade de sempre compartilhar seus conhecimentos comigo.

Obrigada a todas as treinadoras que tornaram o estudo possível. Foi uma honra conhecer trajetórias tão bonitas, além de ter sido muito gratificante conhecer mulheres tão inteligentes, corajosas e persistentes que provam todos os dias que “lugar de mulher é onde quiser”.

Agradeço também à Professora Silvana e ao Professor Osmar pela oportunidade de lhes mostrar um pouco do meu trabalho e, em contrapartida, ter o privilégio de ouvir suas orientações e sugestões. Mais do que pessoas que me acompanharam desde a Qualificação até a Defesa, são professores que muito me inspiraram desde o início da imersão nesse campo e que continuarão a me motivar pelo trabalho que desempenham.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora pela formação e à CAPES pelo apoio financeiro.

***“Todo sopro que apaga uma chama reacende o que for pra ficar”.***

***(Fernando Anitelli)***

## RESUMO

Esta pesquisa buscou refletir sobre as trajetórias e experiências de mulheres que ocupam o cargo de treinadoras de futebol, espaço tradicionalmente direcionado aos homens em nossa sociedade. Além desse objetivo, buscou-se compreender como se dá o processo de inserção e permanência dessas mulheres nas comissões técnicas; identificar os desafios na construção de suas carreiras e; conhecer seus anseios acerca das perspectivas de ascensão na carreira como treinadora. Esta pesquisa possui natureza qualitativa e caráter descritivo. Como metodologia, foram utilizados os referenciais e pressupostos da História Oral Temática. A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada, realizada com um grupo de nove treinadoras que atuaram no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Caixa (Brasileirão) e Copa do Brasil no ano de 2016. A pesquisa se desenvolveu de maneira *online* e por telefone, durante dez meses, no período de março de 2017 a janeiro de 2018. A partir dos dados coletados, percebemos que as trajetórias das treinadoras do futebol de mulheres no Brasil são marcadas pela transposição de barreiras e superação de desafios, desde o período em que ocupavam a posição de desportistas até chegarem ao cargo de treinadoras. O processo de inserção e permanência das treinadoras nas comissões está relacionado ao alto grau de capacitação que apresentam, bem como ao bom desempenho enquanto atletas e profissionais da Educação Física. As treinadoras acreditam em possibilidades de ascensão em meio às novas regras impostas pelos órgãos responsáveis pelo futebol do Brasil e da América, e em função de conquistas recentes de suas semelhantes. Entretanto, elas ainda observam muitas barreiras para permanecerem e ascenderem na profissão, além de considerarem que a carreira ainda é incipiente e apresenta condições aquém daquelas oferecidas aos homens. As trajetórias das treinadoras traduzem a eminente resistência oferecida pelas mulheres em espaços tradicionalmente reservados aos homens e apontam para a eficácia das estratégias de subversão utilizadas, as quais abalam as relações de poder estabelecidas nesse campo e questionam os discursos de interdição instituídos na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Treinadoras. Futebol de mulheres. Trajetórias.

## **ABSTRACT**

This research sought to reflect on how the trajectories and experiences of women who occupied the position of soccer coaches, the style traditionally aimed at men in our society. In addition to this objective, it was sought to understand how the process of insertion and permanence of these women in the technical commissions takes place; identify challenges in building their careers and; know their longings about career prospects as a coach. This qualitative research is characterized as a descriptive study, which had as its methodology the references and presuppositions of Oral Thematic History. The collection technique used was the semistructured interview conducted with a group of nine coaches who participated in the Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Caixa (Brasileirão) and Copa do Brasil in the year 2017. The research was developed online and by telephone, during ten months, from March 2017 to January 2018. The trajectories of the soccer managers of Brazil are marked by the transposition of barriers and overcome of challenges from the occupation stage to the load of coaches. The process of insertion and permanence of the trainers in the commissions is related to the high degree of qualification that they present as well as to the good performance as athletes and professionals of the Physical Education. The coaches believe in possibilities of ascension in the midst of the new rules imposed by the bodies responsible for soccer in Brazil and America, as well as in the light of recent achievements of their peers, but they still see many barriers to remain and ascend in the profession, the career as still incipient and in conditions inferior to those offered to men. The trajectories of the trainers reflect the eminent resistance offered by women in spaces traditionally reserved for men and point to the effectiveness of the strategies of subversion used, which undermine the power relations established in this field and call into question the discourses of interdiction instituted in society.

**KEY WORDS:** Coaches. Women's Soccer. Trajectories.

## LISTA DE FIGURAS

Figura1	Licenças CBF.....	51
---------	-------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Exemplo do desenvolvimento da segunda etapa de análise.....	30
Quadro 2	Caracterização das treinadoras.....	33

## LISTA DE SIGLAS

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEME	Centro de Memória do Esporte
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
CREF	Conselho Regional de Educação Física
GEFSS	Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade
JIMI	Jogos do Interior de Minas
PJF	Prefeitura de Juiz de Fora
RNF	Ranking Nacional de Federações
STJ	Supremo Tribunal de Justiça
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

1. “PRELEÇÃO: FUNDAMENTOS PARA ENTRAR EM CAMPO	
.....	13
2. “ESQUEMA TÁTICO: UMA DESCRIÇÃO SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO	.....21
2.1 Onde estão as treinadoras brasileiras?	.....21
2.2 Instrumentos e procedimentos de coleta.....	25
2.3 Procedimentos e técnicas de análise dos dados .....	28
3 “COMEÇA O JOGO:” TRAJETÓRIAS ESPORTIVA E PROFISSIONAL DAS TREINADORAS DE FUTEBOL	.....32
3.1 “Escalando a equipe”: quem são as treinadoras do futebol de mulheres no brasil?	.....32
3.2 “Mulher é sexo frágil e não dá para jogar futebol”: mulheres e homens que viram o jogo .....	36
3.3 “Subiu a bandeira!”: um passo à frente dos homens, logo, impedidas.....	46
4 “RESENHA” FINAL.....	68
REFERÊNCIAS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.71
ANEXOS .....	76
APÊNDICES .....	80

## 1 “PRELEÇÃO”: FUNDAMENTOS PARA ENTRAR EM CAMPO

Estudos relacionados às questões de gênero e, especialmente sobre os desafios e conquistas das mulheres nos mais diversos âmbitos, vêm ganhando cada vez mais espaço na academia, tendo como matriz teórica predominante o denominado Pós-estruturalismo.

Essa perspectiva surgiu como uma alternativa de repensar e ressignificar as antigas teorias estruturalistas por meio da desconstrução de alguns conceitos considerados até então como verdades absolutas. Algumas teorias se vinculam diretamente a essa perspectiva, tais como, a teoria do discurso, estudos culturais e teoria *queer*. De acordo com Aguilar e Gonçalves (2017):

É importante compreender a perspectiva pós-estruturalista, por explicar as relações de dominação existentes na sociedade, cuja dominação vai além do aspecto econômico, incluindo questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade. Assim, nas diversas formas de dominação, um determinado grupo social é visto como hegemônico o qual estabelece relações de poder a outros grupos que são vistos socialmente como subordinados. (AGUILAR; GONÇALVES, 2017, p. 37)

Nesse sentido, é consensual na literatura que versa sobre a história das práticas corporais e esportivas, que às mulheres não foram proporcionadas iguais condições de acesso quando comparadas aos homens. Essa falta de equidade vem sendo superada de forma lenta e gradual no que concerne à prática esportiva<sup>1</sup>, principalmente no alto rendimento, onde é possível perceber um aumento da participação das mulheres como atletas em esportes antes interditados a elas (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012).

Um desses esportes é o futebol. De acordo com Coelho (2009) e Goellner (2005), o ambiente esportivo em geral se apresenta como um terreno de afirmação da identidade “masculina” e, portanto, preserva e reforça as desigualdades culturais entre os gêneros, além de reproduzir o que durante muito tempo se fez presente nas representações sociais acerca dos papéis desempenhados por homens e mulheres.

---

<sup>1</sup> A última edição dos Jogos Olímpicos (2016), realizada no Rio de Janeiro, registrou um aumento de 70% na participação das mulheres brasileiras em relação à Londres-2012 (COMITÉ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2017). A delegação brasileira foi composta 253 atletas homens e 209 atletas mulheres.

Especificamente sobre o futebol, Damo (2007, p. 137) afirma que “não é preciso ser especialista para identificar no futebol um predomínio masculino acentuado, seja ele prático ou simbólico”. O autor reforça essa assertiva dizendo que embora a participação das mulheres dê a impressão de aumento quantitativo ou visibilidade, não significa que o futebol deixou de ser um espaço de homosocialidade<sup>2</sup> masculina.

Além disso, o referido aumento quantitativo ou de visibilidade observado no âmbito prático, não é igualmente notado no campo da gestão e do treinamento. A presença masculina ainda é predominante na ocupação de cargos de liderança administrativa, na posição de treinador, dirigente, árbitro, narrador, repórter, comentarista e muitos outros cargos. Essa hegemonia dos homens pode ser atribuída aos presentes discursos patriarcalistas<sup>3</sup> e heteronormativos<sup>4</sup> que nos circundam.

Sabe-se que às mulheres, historicamente, não foram dadas condições iguais de acesso ao mundo do trabalho. Elas, em sua maioria, foram confinadas ao espaço privado, às funções domésticas e à maternidade. Nesse contexto, por ser aquele que detinha o poder econômico, desde o início da sociedade capitalista, seguindo o conceito weberiano, estabeleceu-se o homem como autoridade familiar e doméstica e, por conseguinte, instituiu-se uma determinada divisão sexual do trabalho (MACHADO, 2000), que ainda hoje é sustentada.

No âmbito esportivo, especialmente em espaços culturalmente concebidos como masculinos, tais ideais não foram plenamente superados. Dessa forma, o conjunto de regras que se articulam em prol da manutenção da heteronormatividade se configura como mais um desafio imposto às mulheres em suas trajetórias profissionais dentro do esporte. Segundo Seffner (2013), está de acordo com a norma a mulher que, além de ter a vagina, torna-se mulher dentro dos padrões de feminilidade impostos culturalmente e manifesta interesse afetivo e sexual por

---

<sup>2</sup> Para Eve Kosofsky Sedgwick (1985), homosocial é uma palavra usada às vezes na História e nas Ciências Sociais para descrever os vínculos sociais entre pessoas do mesmo sexo. Trata-se de uma analogia ao termo “homossexual”, ao mesmo tempo em que busca se distinguir dele. Na verdade, esta palavra é aplicada a atividades onde há “ligações do sexo masculino”, o que pode, numa sociedade, ser caracterizado por intensa homofobia, medo e ódio à homossexualidade (FALCÃO; CAMARGO, 2016, p. 89).

<sup>3</sup> “Chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas” (WEBER, 1964, t.1. p. 184).

<sup>4</sup> Norma que articula as noções de gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa) (SEFFNER, 2013, p. 150).

homens. Notamos, portanto, que não basta ser competente e apresentar bons resultados, uma vez que para legitimarem sua atuação no campo profissional elas devem ser “mulheres de verdade”.

Sara Salih (2015, p. 66) sugere, baseada em Judith Butler, pensarmos a(s) “mulher(es)” como um termo em processo por meio da evocação da célebre declaração de Simone de Beauvoir (1980):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que se qualifica de feminino (p. 9).

Judith Butler, em sua obra intitulada *Problemas de Gênero*, escreve:

Se o argumento de Beauvoir, de que não nascemos, mas nos *tornamos* uma mulher, está correto, segue-se que a *mulher* em si é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer legitimamente que tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta à intervenção e à resignificação. Mesmo quando o gênero parece se cristalizar nas formas mais reificadas, a “cristalização” é, ela própria, uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por diversos meios sociais (1990, p. 33. Grifos da autora).

Foi à luz desses conceitos que trabalhei sobre a trajetória de mulheres que vêm construindo carreiras como treinadoras em equipes de futebol de mulheres<sup>5</sup> no Brasil. Mulheres estas que vêm reiterando o aporte teórico aqui utilizado, na medida que resignificam o lugar conferido a elas nas comissões técnicas de futebol por meio de suas histórias de vida.

Conforme muito bem nos fala Goellner (2007):

Adotar como objeto de investigação as mulheres, os esportes e suas historicidades é, sem dúvida alguma, uma opção individual e está permeada por significações que cada autor/a empreende ao seu

---

<sup>5</sup> Cláudia Kessler empreende esforço em explicar a adoção e preferência pelo termo “futebol de mulheres” em detrimento do “futebol feminino”, pretendendo para além da mudança de termo, uma mudança também no olhar sobre esse universo com o objetivo de contemplar a diversidade presente nos mundos futebolísticos de mulheres: “O termo *futebol de mulheres* se relaciona a um universo complexo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e religiosidades, no interior desta coletividade. Ou seja, entendo o termo ‘mulheres’ como abrangendo corpos e subjetividades de sujeitos que não são neutros, abstratos e nem universais” (KESSLER, 2015, p. 32).

esforço investigativo. É ainda político porque circunscrito ao ambiente acadêmico, onde temáticas como essas se encontram, muitas vezes, nas zonas de sombra, sendo responsabilidade do/a pesquisador/a trazê-las à luz, conquistar espaços, atribuir-lhes sentidos. Político também porque pesquisar implica fazer opções epistemológicas e metodológicas e estas nunca são neutras, a-históricas, muito menos universalistas. (GOELLNER, 2007, p. 173-174)

Tendo como base tal reflexão, torna-se necessário ressaltar a estreita relação desta investigação com os estudos de gênero e com as epistemologias feministas, que vêm há alguns anos possibilitando a eminência de diferentes práticas discursivas e “conferindo visibilidade às mulheres como sujeitos históricos” (GOELLNER, 2007, p. 175).

Nesse momento, faz-se importante discorrer a respeito das motivações e perturbações que resultaram neste estudo. O desejo por conhecer a trajetória das mulheres como técnicas esportivas parece ser parte de mim e, por essa razão, impossível de ser precisado cronologicamente. Acredito que o sonho em me tornar uma dessas mulheres tenha sido o que me trouxe até aqui e o que continuará a impulsionar-me nesse campo de estudos, reflexões e problematizações.

Desde criança pratiquei esportes, em especial o futsal. Dessa forma, desde a mesma época me deparei com o preconceito, manifestado majoritariamente pelos meninos, mas também por meninas. Entretanto, conforme apresentava a minha habilidade para o jogo, garantia meu direito de praticá-lo sem tantas ofensas, piadas ou brincadeiras pejorativas. Não obstante, essa mesma habilidade suscitava outras formas de preconceito como, por exemplo, a comparação com o referencial masculino do jogo e a suspeição sobre minha sexualidade.

Nada disso foi obstáculo para que eu continuasse na prática do futsal. Na verdade, essas barreiras foram apenas mais alguns dos gatilhos que me fizeram continuar e, mais que isso, desejar ingressar no curso de Educação Física buscando, através da atuação como professora e treinadora, contribuir para a transformação e superação dessa realidade. No decorrer do referido curso, fui estabelecendo contatos com equipes esportivas da cidade de Juiz de Fora, da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Faculdade de Educação Física e Desportos desta instituição. Assim, a ausência de mulheres à frente dessas equipes passou a me incomodar e intrigar ainda mais.

Então, concomitantemente à minha aproximação com os estudos sobre gênero para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, fundei, em parceria com outras jovens, o *Tá Joia Futsal Clube*: um time de futsal de mulheres, gerido e comandado por mulheres, na cidade de Juiz de Fora. A ocupação dessa função de treinadora da equipe, foi na verdade, advinda de uma necessidade imposta a mim pela situação vivida pelo nosso projeto. Eu era atleta e tínhamos uma amiga que já realizava cursos e capacitações para se tornar treinadora, atuando nessa função dentro do *Tá Joia Futsal Clube*, mas ela precisou viajar para o exterior às vésperas de nossa principal competição em Juiz de Fora. Dessa forma, em função de meu desempenho em quadra e também da atuação como gestora do projeto, assumi função de treinadora também. Durante a disputa da nossa primeira competição oficial, a *Copa Prefeitura Bahamas de Futsal 2016*<sup>6</sup>, notei que apenas dois (incluindo a minha equipe), dos nove times participantes da categoria adulta feminina, tinham mulheres a frente de suas comissões técnicas. Esse número cai para zero quando se fala das equipes de homens que disputaram a mesma categoria etária. Ou seja, no que tange à liderança no campo esportivo em geral, assim como no cenário nacional e mundial (GOMES, 2006; PFISTER; RADTKE, 2007; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009; READE; RODGERS; NORMAN, 2009) somos sub-representadas também na cidade de Juiz de Fora.

Já no ano de 2017, em virtude da boa campanha e também de inúmeras ações positivamente reconhecidas por pessoas e órgãos do futsal em Juiz de Fora, algumas atletas do *Tá Joia* e eu, enquanto treinadora, fomos convidadas a participar dos *Jogos do Interior de Minas (JIMI)*<sup>7</sup>. Passei então, a integrar também a Comissão Técnica do

---

<sup>6</sup> A "Copa Prefeitura Bahamas de Futsal" é realizada pela Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) há mais de 30 anos, sendo que desde 1999 tem a parceria do Grupo Bahamas. A competição é disputada nas categorias iniciante (sub-9), pré-mirim (sub-11), mirim (sub-13), infantil (sub-15), infanto-juvenil (sub-17), juvenil (sub-20), adulto (de 20 a 34 anos), veterano (de 35 a 39 anos) e master (a partir de 40 anos) no masculino, e, no feminino, nas categorias infantil (sub-16), infanto-juvenil (sub-19) e adulto (a partir de 20 anos). A competição também tem caráter regional e reúne outros municípios, entre eles, Bicas, Chácara, Coronel Pacheco, Goianá, Lima Duarte, Matias Barbosa, Rio Novo, Santos Dumont e São João Nepomuceno. (Disponível em: <[https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/sel/campeonatos/copa\\_pjfbahamas\\_futsal/index.php](https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/sel/campeonatos/copa_pjfbahamas_futsal/index.php)>. Acesso em: 09 dez. 2016.)

<sup>7</sup> O Programa Minas Esportiva/Jogos do Interior de Minas 2018 é um programa esportivo de integração entre municípios do interior e da capital do Estado e faz parte do projeto estruturador do Governo de Minas Gerais. Tem por finalidade desenvolver o intercâmbio social e esportivo, difundir a prática das várias modalidades esportivas e dar oportunidade aos jovens valores objetivando a melhoria física, técnica e tática do desporto dentro de uma comunidade ou região, possibilitando surgir novos valores no panorama desportivo nacional. (Disponível em: <<http://jimi.esportes.mg.gov.br/sobre/>>. Acesso em 23 de julho de 2018)

time de futsal e mulheres da cidade, denominado Seleção de Juiz de Fora. Eu participava de todo o trabalho durante o treinamento, a gestão, o planejamento e era também a responsável legal pela equipe uma vez que eu era a pessoa que detinha a cédula do Conselho Regional de Educação Física (CREF), documento exigido para a participação nos Jogos. Entretanto, dividia o banco com um homem, também treinador de uma das principais equipes da cidade, cuja maioria compunha a Seleção, e minha atuação era limitada e invisibilizada algumas vezes em detrimento da dele.

Concomitantemente a esses fatos, me aproximei do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS), participei do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação Física das Universidades Federais de Juiz de Fora e Viçosa e ingressei no Mestrado dentro da linha de pesquisa tangente aos *Estudos do Esporte e suas manifestações*.

Assim, ao aprofundar-me na leitura dos textos e nas discussões propostas em nosso Grupo, mergulhar no universo do futebol de mulheres no Brasil e enfrentar os desafios de uma treinadora de futsal, comecei a me inquietar ainda mais com as questões relativas à inserção das mulheres nas comissões técnicas esportivas em nosso país, em especial, no futebol. Nesse sentido, foi possível perceber que a presença das mulheres no campo esportivo, sobretudo no futebol, um território historicamente masculino, é complexa e repleta de estereótipos. Foi possível apreender ainda que a discussão sobre gênero implica o debate sobre as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres (NORONHA, 2016).

A concepção que atravessou grande parte dos Estudos Feministas foi a de um homem dominante *versus* uma mulher dominada – como se essa fosse uma fórmula única, fixa e permanente. No entanto, nos últimos anos, a leitura de Michel Foucault por estudiosas e estudiosos das relações de gênero resultou em novos debates e, de modo especial, trouxe contribuições para as discussões sobre as relações de poder (LOURO, 1997).

Foucault, em sua clássica obra intitulada *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, propôs uma nova maneira de pensarmos sobre o poder:

Parece-me que se deve compreender o poder primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e

contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 2011b, p. 102-103).

O conjunto de normas por nós conhecido se constitui dentro dessa matriz de forças que se propagam e se reiteram por meio de discursos que, segundo Foucault (2011<sup>a</sup>), podem ser entendidos como sistemas e códigos de significação que constituem o conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, construídos historicamente dentro das relações de poder.

Segundo a concepção foucaultiana, é necessário desvincular o poder das estruturas políticas, governos e instituições repressoras que supostamente o exercem sobre os subordinados, para refletir sobre a existência de micro poderes ascendentes que se fazem presentes em qualquer relação humana. Para o autor, o poder deveria ser concebido mais como uma “estratégia” e não como um privilégio que alguém possui (e transmite) ou do qual alguém se “apropria”. A preocupação maior centra-se nos efeitos do poder como estando vinculados “a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos” (FOUCAULT, 1987, p. 29), os quais, por sua vez, são resistidos e contestados, respondidos, absorvidos, aceitos ou transformados (LOURO, 1997). Dessa forma, esse jogo de forças e resistências acontece o tempo todo e em todos os âmbitos das relações humanas, passando evidentemente, pelas relações de gênero no terreno esportivo.

Diante disso, busquei refletir sobre as trajetórias e experiências de mulheres que ocupam o cargo de treinadoras de futebol, espaço tradicionalmente direcionado aos homens em nossa sociedade. Nesse sentido, os objetivos do estudo foram:

- a) Compreender como se dá o processo de inserção e permanência dessas mulheres nas comissões técnicas;
- b) Identificar os desafios na construção de suas carreiras;
- c) Conhecer seus anseios acerca das perspectivas de ascensão na carreira como treinadora.

A investigação se justifica, em primeiro lugar, enquanto uma maneira de reconhecer a atuação de mulheres treinadoras no Brasil. Se justifica também pela necessidade de compreender como as trajetórias dessas mulheres ajudam a

ressignificar e reconstruir as relações de gênero dentro dessas comissões técnicas, e também pela tentativa de contribuir para a ampliação da discussão na literatura específica, bem como de dar visibilidade a mulheres que subvertem e resistem no campo da liderança esportiva.

O estudo apresenta-se organizado em cinco capítulos. O Capítulo 1 “Preleção’: fundamentos para entrar em campo” expõe a problematização, minhas motivações, as questões norteadoras do estudo, os objetivos e a justificativa. O Capítulo 2 “Esquema tático’: uma descrição sobre o percurso metodológico” consiste na apresentação e descrição do tipo de abordagem da pesquisa, do processo de busca e identificação das treinadoras, bem como da utilização dos instrumentos e técnicas de coleta e análise dos dados. O Capítulo 3 “Começa o jogo:’ trajetória esportiva e profissional das treinadoras de futebol” é dividido em três partes principais dedicadas, respectivamente, à: apresentação do perfil das treinadoras (“Escalando a equipe”: quem são as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil); análise da trajetória esportiva das treinadoras (“*Mulher é sexo frágil e não dá para jogar futebol*”: mulheres e homens que viram o jogo); e análise sobre suas carreiras como treinadoras de futebol (“Subiu a bandeira!”: um passo à frente dos homens, logo, impedidas). Portanto, a análise de dados se desenvolve também no Capítulo 3 concomitantemente a apresentação dos resultados da investigação e dos pressupostos teóricos que a subsidiam. O Capítulo 4, intitulado “Resenha’ final”, aponta para as principais conclusões do estudo. Após este último capítulo, estão listadas as referências que embasaram o trabalho, seguidas dos anexos e apêndices. Nestes últimos, são apresentadas as entrevistas concedidas por nossas colaboradoras por ordem de realização.

## **2 “ESQUEMA TÁTICO”: UMA DESCRIÇÃO SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo. A ênfase desse tipo de metodologia é a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Através desses meios, buscamos compreender os sentidos e significados do objeto de estudo – trajetória esportiva e profissional de treinadoras e auxiliares no futebol de mulheres – a partir da perspectiva e dos discursos das participantes da investigação

### **2.1 Onde estão as treinadoras brasileiras?**

As mulheres cujas trajetórias são objeto de estudo desta investigação, fazem parte de um pequeno grupo de profissionais que atuaram como treinadoras e/ou auxiliares nas comissões técnicas de equipes da categoria adulta que disputaram o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Caixa (Brasileirão) e a Copa do Brasil, os dois campeonatos de maior expressão nacional disputados no ano de 2016, os quais serão detalhados nesta seção.

A escolha por trabalhar com as trajetórias das auxiliares, além das treinadoras, se deu em função de minha experiência nas comissões que ocupei, em decorrência de relatos de pessoas que também já ocuparam ambas as funções e também pela própria definição do que vem a ser essa função. No que tange à minha experiência, uma vez que atuei como treinadora e como auxiliar, observei que no exercício da função não existem grandes diferenças. Em cada momento do treino, de acordo com o objetivo do mesmo, treinadora ou treinador e auxiliares assumem o comando, revezam, discutem e decidem; para as atletas, ambos são referências. Em entrevista concedida à Universidade do Futebol, o auxiliar técnico Ivan Izzo (atualmente atuando pela equipe adulta de futebol masculino do Figueirense) destaca que “o próprio nome já diz” ao relatar que auxilia o treinador em tudo que se relaciona ao treinamento, aos jogos e também ao relacionamento com os atletas e demais ocupantes da comissão. Jairo Leal<sup>8</sup>, chama atenção em sua entrevista à Universidade do Futebol que não

---

<sup>8</sup> Na função de auxiliar-técnico, trabalhou no Al Shabab, Al Wasl, Al Emirates (Emirados Árabes) e São Cristóvão (1998), Sub-17 e Sub-20 da seleção brasileira (1991-93), Fenerbahce-TUR (1995/97),

existe formação específica para o auxiliar já que quem ocupa a função é o mesmo indivíduo capacitado para ser treinador.

Em decorrência da maneira pela qual o futebol de mulheres é (não) visto e conduzido no Brasil, o próprio processo de identificação das mulheres treinadoras se mostrou problemático. Enquanto no cenário do futebol dos homens, especialmente no chamado futebol de espetáculo<sup>9</sup>, a grande maioria das pessoas conhece o treinador do time X ou Y e se depara constantemente com notícias sobre esses homens nos mais diversos canais de comunicação, no campo do futebol de mulheres pouco ou nada se fala sobre as treinadoras. A dificuldade observada no processo de identificação, para a posterior realização da pesquisa, fala por si: praticamente não existem registros oficiais sobre as equipes de futebol de mulheres e, por conseguinte, sobre as treinadoras e suas atuações.

Em experiência realizada *online*, com acesso aos sites dos clubes de futebol de mulheres participantes dos campeonatos de maior expressão do Brasil, na maioria deles, foi possível identificar a invisibilidade e o amadorismo conferido às equipes. Para as equipes correspondentes no futebol de homens, existem sites específicos, bem organizados, com apresentação de elenco e comissão, com foto e descrição, além de inúmeras notícias de interesse dos torcedores e torcedoras e também de quem deseja encontrar registros mais formais. No entanto, quando desejamos buscar por informações acerca das mulheres, é preciso vasculhar todas as abas da página buscando encontrar algum *link* que faça referência a elas e, por vezes, encontraremos tais referências em guias que se diferem daquelas intituladas “Futebol profissional”.

Aparentemente, no entendimento de quem gerencia as páginas dos clubes brasileiros, o futebol de mulheres não se enquadra na categoria profissional. Nesse sentido, chama atenção, em especial, o caso do Clube de Regatas do Flamengo, cujo *link* para acesso à equipe de mulheres é: <<http://www.flamengo.com.br/site/noticia/subcategoria/111>>. Sabemos que o prefixo “sub” tem sentido de “hierarquicamente inferior” e é exatamente assim que o futebol de mulheres é registrado, apresentado e estruturado. Dentre todos os sites visitados, somente as equipes do Santos (São Paulo), do Internacional (Rio Grande do Sul) e

---

Corinthians (1997-02), Grêmio (1998), Fluminense (1999-00), Atlético-MG (2000), Santos (2000) e Inter-RS (2001).

<sup>9</sup> Ver mais em: Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de doutorado de Arlei Sander Damo (2005). Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

do América (Minas Gerais) apresentam os elencos e comissões de homens e mulheres seguindo o mesmo padrão entre eles. Além destas, a equipe de Araraquara (São Paulo), conhecida como Ferroviária, tem um site exclusivo destinado ao futebol de mulheres cujo domínio traz o apelido das meninas do elenco: “Guerreiras Grenás”.

Além de não haver registros oficiais, as notícias veiculadas pelas mídias mais populares são escassas. Em uma etnografia virtual desenvolvida por Rihan (2016), no site *Globoesporte.com*, cujo objetivo foi identificar quais valores são emanados a partir desse tipo de produção midiática e como ela está interpretando as experiências de homens e mulheres no futebol, foi possível concluir que, na maioria das vezes, “são veiculadas com mais frequência notícias acerca do esporte praticado por homens, invisibilizando os feitos das mulheres atletas de acordo com a prática, trazendo para as reportagens importância maior aos atributos físicos em detrimento da performance” (RIHAN, 2016, p. 46-47).

Portanto, frente à invisibilidade pela qual as mulheres treinadoras também são submetidas, fez-se necessário, antes de mais nada, descobrir onde elas estavam. Para tanto, a única alternativa encontrada foi consultar as súmulas (disponíveis no site da Confederação Brasileira de Futebol – CBF<sup>10</sup>) dos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Caixa (Brasileirão) e da Copa do Brasil. As súmulas trazem registro nominal de toda a equipe, incluindo comissão técnica. Somente assim foi possível identificar as treinadoras e auxiliares.

Posterior à identificação das treinadoras, o desafio foi estabelecer contato para apresentar a pesquisa e possivelmente marcar uma entrevista. Algumas foram facilmente encontradas em redes sociais, especialmente o Facebook<sup>11</sup>, outras foram contatadas via e-mail e telefone. Por outro lado, algumas delas infelizmente não foram encontradas ou não retornaram ao contato realizado. Nesse ponto, percebemos mais uma vez como a ausência de registros sobre o futebol de mulheres em nosso país compromete também as investigações sobre o mesmo, na medida em que tornou inviável o contato e, conseqüentemente, a participação de algumas treinadoras na

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-feminino#.Wfu7BWhSzIU>>. Acesso em: 08 set. 2016.

<sup>11</sup> É uma rede social lançada em 2004. Foi fundada por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por face (que significa cara em português) e book (que significa livro), o que indica que a tradução literal de Facebook pode ser “livro de caras”. O aplicativo conta com o recurso de “bate-papo” online suportando também chamadas de vídeo, maneira pela qual foram realizadas as entrevistas do estudo.

pesquisa. O estudo contou, portanto, com a participação das profissionais que atuaram somente no ano de 2016. O total absoluto encontrado foi de quinze (sete treinadoras e oito auxiliares), porém, as entrevistas se concretizaram com nove delas.

Esse total de mulheres identificadas chama a atenção para a baixa representatividade de treinadoras nos dois maiores campeonatos do país. O Campeonato Brasileiro de 2016 foi disputado por vinte equipes, de onze estados brasileiros. Pelo regulamento, as oito melhores equipes de mulheres do *ranking* da CBF, as campeãs da Copa do Brasil e Brasileirão Feminino do ano anterior (2015) têm garantida a participação na competição. As outras dez vagas são divididas entre as equipes que disputam as Séries A e B do campeonato correspondente no futebol de homens.

A Copa do Brasil 2016 foi disputada por trinta e dois clubes, escolhidos a partir das classificações e indicações das correspondentes Federações Estaduais de Futebol, os quais se baseiam no Ranking Nacional de Federações (RNF)<sup>12</sup>, exceto em estados onde existe campeonato ou torneio seletivo. Nesses casos, a indicação tem como base a classificação do clube na referida competição. A distribuição, tendo como referência o RNF, foi realizada para 2016 da seguinte maneira:

- a) três vagas para o estado posicionado como número 1 do RNF/FF – 2016 (São Paulo);
- b) duas vagas para os estados posicionados como números 2 a 4 do RNF/FF – 2016 (Rio de Janeiro, Pernambuco e Santa Catarina, respectivamente);
- c) uma vaga para os estados posicionados como números 5 a 27 do RNF/FF – 2016 (demais estados).

Sendo assim, levando em consideração a realidade do ano de 2016, as quinze treinadoras foram encontradas num universo de quarenta e cinco equipes, dado pelo somatório de ambos os campeonatos, subtraindo-se sete equipes que disputaram o Brasileiro e a Copa do Brasil concomitantemente. Se a realidade das comissões técnicas do futebol de mulheres fosse equitativa a dos homens, cada equipe contaria com um ou uma treinadora e um ou uma auxiliar e, portanto, considerando dois cargos ocupados por pessoas diferentes, o quantitativo de profissionais atuantes nas quarenta e cinco equipes identificadas seria de até noventa. Dessa forma, o número

---

<sup>12</sup> Disponível para consulta em: <[https://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151208170927\\_0.pdf](https://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151208170927_0.pdf)>. Acesso em: 8 set. 2016.

absoluto de quinze treinadoras corresponde a uma representatividade de 16,66% apenas e, assim como demonstra Ferreira (2013), trata-se de uma taxa percentual aquém de metas<sup>13</sup> estabelecidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) há mais de quinze anos. Entretanto, cabe destacar que nas comissões das equipes de futebol de mulheres, não há necessariamente a mesma quantidade de membros presentes nas equipes de futebol masculino.

Para o ano de 2017, o formato do Campeonato Brasileiro foi alterado com a divisão em duas séries (A1 e A2), compostas por dezesseis times cada, havendo acesso e descenso<sup>14</sup>. Embora tal alteração tenha resultado em um aumento de doze equipes disputando o Brasileiro, quando comparado ao ano anterior, a CBF oficializou, em 2017, a extinção da Copa do Brasil.

Portanto, cabe destacar que as mudanças feitas pela CBF não favoreceram uma maior inserção de treinadoras de futebol, uma vez que o número de equipes, antes um total de quarenta e cinco, se reduz agora a trinta e duas. Em 2017, a representatividade de mulheres ocupando cargos de treinadoras ou auxiliares foi de apenas 9,37% (taxa percentual que diz respeito a seis mulheres: quatro treinadoras, sendo duas de cada série, e mais duas auxiliares da série A2). Logo, podemos perceber que houve decréscimo não somente no número de equipes contempladas por um campeonato nacional oficial, como também nas oportunidades de trabalho para as mulheres (uma redução de aproximadamente 7,32%).

A seguir, descreverei os procedimentos adotados desde a elaboração do roteiro de perguntas até a realização das entrevistas com as nove treinadoras.

## **2.2 Instrumentos e procedimentos de coleta**

A coleta de dados empíricos foi iniciada em março de 2017, logo após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob parecer número 1.947.687 (Anexo I) e finalizada em janeiro de 2018. Todas as participantes foram esclarecidas da natureza

---

<sup>13</sup> O COI estabeleceu que uma meta de 20% de participação feminina em cargos de liderança e administração fosse alcançada até o ano de 2005 pelos comitês nacionais e federações, mas esse objetivo não foi alcançado.

<sup>14</sup> Maiores informações disponíveis em: <<https://www.cbf.com.br/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/brasileiro-feminino-2017#.WsNwUVWnHIU>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que pode ser visualizado no Anexo II.

O método de pesquisa eleito para a realização deste estudo foi a História Oral, que utiliza a técnica de coleta de dados conhecida como entrevista e também lança mão de outros procedimentos articulados entre si, para registrar narrativas da experiência humana (FREITAS, 2002).

Dentre as variações existentes no que tange aos tipos de entrevistas, os dados foram obtidos através de uma entrevista semiestruturada que, segundo Triviños (1987), consiste na realização de questionamentos básicos que têm fundamentação teórica e se apoiam em hipóteses que interessam à pesquisa. É semiestruturada, pois, permite que se abra um amplo campo de novas perguntas oriundas de novas hipóteses que surgem à medida que as informantes respondem.

Soares (2014) aborda sobre a relevância da técnica de entrevista para a História Oral, ao afirmar que:

A relevância da técnica de entrevista reside na possibilidade de se trabalhar com a experiência individual e ampliar para entradas no espaço pessoal subjetivo, supondo uma sequência menos factual dos acontecimentos da história de vida e mais vinculadas a alternativas diversas, que revelam as narrativas pessoais, por meio de impressões, sentimentos e sonhos (MEIHY, 2005 apud SOARES, p. 14).

Além disso, o autor destaca que “trabalhar um documento enquanto processo de documentação, implica superar o pressuposto da entrevista fortuita (MEIHY, 1994, p. 54)”. O mesmo autor complementa, ao abordar que a História Oral:

[...] deriva de um método complexo e arrola particularidades que vão desde a organização de um projeto até o compromisso de publicação do texto devolvido à comunidade imediata que o gerou e a seu contexto mais amplo. É exatamente na importância delegada à elaboração do texto como documento que a História oral se difere de outros trabalhos ligados as entrevistas (MEIHY, 1994, p. 55).

Corroborando com as palavras de Meihy, Freitas (2002, p. 19) destaca que “a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetivos da pesquisa”.

Dessa forma, o instrumento de coleta foi elaborado com base nos pressupostos da História Oral Temática, a qual prevê a objetividade no processo de elaboração e realização das entrevistas. Nesse tipo de abordagem, a entrevista assume caráter de depoimento e não abrange necessariamente a totalidade da existência da informante. Segundo Meihy (2005):

A história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião dos entrevistados sobre algum evento definido. A objetividade, portanto é direta [...]. Detalhes da história pessoal do narrador interessam na medida em que revelem aspectos úteis à compreensão da temática central do estudo (MEIHY, 2005, p. 162).

A temática central desta investigação diz respeito aos desafios encontrados nas trajetórias esportivas e profissionais de treinadoras de futebol, e a escolha pela História Oral enquanto método de pesquisa se justifica por ela traduzir o amplo esforço de resgatar a palavra de pessoas que, sem a mediação de uma pesquisa desse tipo, talvez não deixassem nenhum testemunho de seus feitos e conquistas. Assim, nas palavras de Freitas (2002, p. 50) “essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir”.

O Roteiro para entrevista (Apêndice A) foi elaborado em conjunto com a Orientadora e validado por professores e professoras que possuem conhecimento na área específica da investigação e em metodologia da pesquisa. A maioria, membros do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS), fez considerações e sugestões no que concerne à retirada, alteração, manutenção e disposição dos questionamentos elaborados.

Conforme será melhor exposto na seção de apresentação das treinadoras, elas se encontram em diferentes estados do Brasil, fato que tornou inviável o contato pessoalmente. Portanto, as entrevistas foram realizadas via Internet e também por telefone. Mais precisamente, foram seis entrevistas concedidas via chamada de vídeo, pelo aplicativo Messenger, que é vinculado à rede social Facebook; duas entrevistas foram realizadas por meio do recurso de áudio via aplicativo WhatsApp<sup>15</sup>; e uma entrevista, concedida por uma das treinadoras, foi realizada através de chamada de

---

<sup>15</sup> WhatsApp Messenger é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, como também fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a *internet*. A empresa com o mesmo nome foi fundada em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, ambos veteranos do Yahoo, e está sediada na cidade estadunidense de Santa Clara, na Califórnia.

voz convencional pelo telefone celular. A necessidade e, por conseguinte, a opção por recursos alternativos ao contato pessoal, não comprometem a coleta dos dados e são, inclusive, reconhecidos e amplamente utilizados nesse campo de pesquisa, conforme mostra o estudo de Félix (2014), que se dedicou a explorar os modos de se utilizar as entrevistas *online* e os bate-papos virtuais.

A gravação dos áudios aconteceu através do aplicativo *Gravador de Som* instalado em um aparelho de celular *Motorola 2ª Geração (MOTOG2)* e também por meio de um *Gravador Olympus (VN-6200 PC)*.

Após a finalização de cada entrevista, foi realizado o processo de transcrição dos áudios, seguindo as orientações do Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME), atualizado em abril de 2012<sup>16</sup>. As entrevistas foram transcritas na íntegra e devolvidas às treinadoras por e-mail e/ou através do próprio Messenger, para que pudessem avaliar seu conteúdo e reavaliar suas falas, com o objetivo de ratificá-las ou retificarem o que julgassem necessário em seus depoimentos. Todas as treinadoras aprovaram suas entrevistas bem como autorizaram sua identificação nominal no decorrer de todo o trabalho.

### **2.3 Procedimentos e técnicas de análise dos dados**

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo qualitativa, ou seja, aquela na qual o foco é qualificar as vivências do sujeito bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos (BARDIN, 1977). Operacionalmente, a Análise de Conteúdo dispõe de variadas técnicas, que podem ser escolhidas por quem pesquisa de acordo com o tipo de pergunta elaborada e ao tipo de conhecimento que se deseja produzir frente ao objeto estudado (OLIVEIRA, 2008 apud CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014). Dentre essas técnicas, tem-se a chamada Análise Temática, segundo a qual analisei os dados desta investigação e, por sua vez, desdobra-se nas etapas pré-análise, exploração do material ou codificação, e tratamento dos resultados obtidos/interpretação (MINAYO, 2007).

Seguindo a técnica adotada, o primeiro passo no processo de análise foi a leitura flutuante do material coletado, caracterizando a pré-análise. Nessa etapa do

---

<sup>16</sup> Disponível para consulta na página do projeto “Garimpendo Memórias”: <[http://www.ufrgs.br/ceme/site/projetos/pesquisa/1\\_Garimpendo\\_Memorias\\_\\_esporte\\_\\_educacao\\_fisica\\_\\_lazer\\_e\\_danca\\_no\\_Brasil](http://www.ufrgs.br/ceme/site/projetos/pesquisa/1_Garimpendo_Memorias__esporte__educacao_fisica__lazer_e_danca_no_Brasil)>. Acesso em: 15 out. 2017.

processo, é possível identificar pontos que podem não ter apresentado clareza; perguntas que, no decorrer da entrevista, podem ter sido feitas de maneira incompleta ou não terem sido feitas em função da postura da entrevistada, mas que são importantes para as questões norteadoras do estudo; dados pessoais fornecidos de maneira incompleta; e quaisquer outras peculiaridades inerentes ao processo que devem ser observadas e reparadas. Além disso, é nessa etapa que se constitui todo o corpus, a formulação ou reformulação de hipóteses e pressupostos. De acordo com Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p. 16), essa fase “requer do pesquisador o contato direto e intenso como material de campo, em que pode surgir relação entre as hipóteses ou pressupostos iniciais, as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas ao tema”. Sendo assim, realizei o agrupamento das nove entrevistas já transcritas e procedi com a leitura de todo o material, buscando, em primeiro lugar, identificar os pontos falhos que necessitavam de reparos e, em seguida, observar a coerência dos dados com as questões norteadoras do estudo, bem como verificar a emergência de alguma nova questão.

Posteriormente, prossegui com a fase de exploração do material, que consiste na busca por categorias, que são expressões ou palavras em função das quais o conteúdo de uma fala está organizado. Para cumprir com tal objetivo, destaquei manualmente no texto dos áudios transcritos, as respostas diretas a cada pergunta do roteiro e também os complementos considerados relevantes à temática da investigação. Posteriormente, organizei as respostas em quadros de análise que possibilitaram uma visão geral do que cada participante relatou frente à uma determinada pergunta, conforme exemplifico no Quadro 1, com a exposição das respostas à questão “Como foi o início de sua participação no futebol?”. Essa espécie de “mapa visual” permitiu uma melhor interpretação das informações que se cruzam, se distanciam ou se complementam, além de explicitar comentários acerca das afirmações feitas pelas treinadoras.

Quadro 1: Exemplo do desenvolvimento da segunda etapa de análise

<b>Entrevistadas</b>	<b>Respostas</b>	<i>Na infância, na rua com meninos</i>	<i>Nas aulas de Educação Física</i>	<i>Escolinha, time, clubes e afins</i>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>Talita Oliveira</b>					“[...] nos quinze anos eu comecei a jogar futebol também”.
<b>Luana Paula</b>					“Eu comecei no futebol com uns nove anos de idade [...]”.
<b>Macarena Celedon</b>					“Futebol começou mais ou menos quando eu tinha uns catorze anos [...]”.
<b>Neila Rosas</b>					“[...] eles jogavam futebol profissional e sempre me levavam com eles [...]”.
<b>Patrícia Gusmão</b>					“Porque eu sempre joguei muito com meninos, aí quando surgiu a possibilidade de um clube [...]”.
<b>Fabiana Guedes</b>					“Que eu jogava com os meninos na rua era até uns onze, doze anos. Quando eu fui para o projeto eu já tinha quinze”.
<b>Gleide Costa</b>					“Geralmente eu praticava o futebol no meio dos meninos”.
<b>Michele Kanitz<sup>8</sup></b>					“[...] jogava assim de brincadeira o campo e o futsal cheguei a participar de uma escola”.
<b>Thaissan Passos</b>					“Então eu comecei a brincar de futebol com os meus primos em casa, no terraço de casa, na garagem e depois minha família acabou me liberando para brincar na rua com eles de futebol”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma vez elaborados os quadros de todas as perguntas e respostas do roteiro, prosseguimos com a categorização dos dados, identificando os núcleos de sentido nas falas das treinadoras. A categorização, para Minayo (2007), consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. A Análise Temática tradicional, aqui utilizada, trabalha essa fase recortando o texto em unidades de registro que podem constituir palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes para pré-análise, conforme desenvolvemos nos quadros mencionados. Não optamos por uma regra de contagem rígida e quantitativa, mas, sim, levamos em consideração palavras e termos iguais ou semelhantes no que concerne aos seus sentidos e significados, bem como ideias similares que se repetiam na maioria das respostas. Realizamos, por fim, a classificação e a agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas responsáveis pela especificação do tema (BARDIN, 1977). A partir daí, propusemos inferências e interpretações, inter-relacionadas ao quadro teórico, porém, não restritas a ele.

A última fase, de tratamento dos resultados obtidos/interpretação, foi desenvolvida em três blocos temáticos organizados em um capítulo. O primeiro empreendimento de análise foi realizado em torno das características pessoais das treinadoras e a apresentação das mesmas, juntamente com alguns apontamentos sobre o que suas características pessoais têm a dizer sobre sua profissão. A partir daí, foram propostas inferências e interpretações, inter-relacionando-as com o referencial teórico simultaneamente. Todo esse constructo fora organizado em dois grandes blocos que trataram, respectivamente, da análise das experiências esportivas em geral das treinadoras e, por fim, de suas carreiras.

### **3 “COMEÇA O JOGO:” TRAJETÓRIAS ESPORTIVA E PROFISSIONAL DAS TREINADORAS DE FUTEBOL**

O Capítulo 3 é dividido em três partes principais dedicadas, respectivamente: à apresentação do perfil das treinadoras, à análise da trajetória esportiva das treinadoras e à análise sobre suas carreiras como treinadoras de futebol.

#### **3.1 “Escalando a equipe”: quem são as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil**

A trajetória das treinadoras muito tem a nos fazer pensar, admirar e discutir. Seus dados pessoais, a *priori*, trazem apontamentos a respeito dos embates e desafios pelos quais passam essas mulheres.

Apresentamos as principais características das treinadoras do futebol de mulheres do Brasil, neste capítulo, por meio do Quadro 2.

Quadro 2: Caracterização das treinadoras, produzido pela autora.

<b>DADOS/ NOMES</b>	<b>Talita Oliveira</b>	<b>Luana Paula</b>	<b>Macarena Celedon</b>	<b>Neila Rosas</b>	<b>Patrícia Gusmão</b>	<b>Fabiana Guedes</b>	<b>Gleide Costa</b>	<b>Michele Kanitz</b>	<b>Thaissan Passos</b>
<b>Cargo</b>	Auxiliar	Auxiliar	Treinadora	Treinadora	Treinadora	Treinadora	Treinadora	Auxiliar	Auxiliar
<b>Equipe temporada 2016</b>	América – MG	Santos – SP	Vitória – PE	Atlético Acreano – AC	Grêmio – RS	Tiradentes – PI	Botafogo – PB	Corinthians – SP	Duque de Caxias – RJ
<b>Idade</b>	27 anos	32 anos	30 anos	49 anos	38 anos	32 anos	40 anos	26 anos	31 anos
<b>Ex-atleta?</b>	Sim	Sim	<b>Não</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	<b>Não</b>	Sim
<b>Nacionalidade</b>	Brasileira	Brasileira	<b>Chilena</b>	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira
<b>Natural de</b>	Belo Horizonte	Santos	Santiago	Cruzeiro do Sul	Novo Hamburgo	Taboão da Serra	Uiraúna	Muçum	Duque de Caxias
<b>Etnia autodeclarada</b>	Negra	Branca	Branca	Parda	Branca	Negra	Branca	Branca	Parda
<b>Estado Civil</b>	Solteira	Solteira	<b>Casada</b>	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
<b>Filh@s</b>	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Nenhum
<b>Escolaridade/Formação</b>	Superior em Educação Física	Superior em Educação Física	Superior em Técnica de Futebol Profissional	Graduação em Gestão Pública e Graduada em Educação Física	Superior em Educação Física	Superior em Educação Física	Superior em Educação Física	Superior em Educação Física com especializações em futebol	Superior em Educação Física com especializações em futebol
<b>Profissão ou profissões</b>	Treinadora de futebol e professora de natação	Treinadora e Gestora em um projeto de Futebol de Mulheres	Treinadora de Futebol	Servidora Pública	Treinadora e Professora de Futebol	Treinadora e Professora de Futebol	Treinadora de Futebol e futsal e Empresária	Treinadora de Futebol	Treinadora de futebol e futsal
<b>Tempo de dedicação</b>	Todos os dias. Natação manhã e tarde. Futebol à noite.	30 horas semanais	Todos os dias	6 horas semanais	Todos os dias	20 horas semanais	6 horas semanais (futsal), 12 horas semanais (futebol) e eventos esporadicamente	70 horas semanais	Todos os dias

Fonte: Elaborado pela autora.

A média de idade das treinadoras é de aproximadamente 34 anos, com intervalo de 23 anos para os limites inferior e superior, em que há uma treinadora de 26 anos e sua colega de 49 anos.

A maioria das nossas treinadoras declararam praticar variados esportes desde a infância e relataram ter começado a prática do futebol nesse mesmo momento em caráter recreacional. A maioria delas seguiu praticando o futebol ou o futsal durante a adolescência, inclusive atuando em clubes e escolinhas até chegarem à condição de atletas de rendimento na vida adulta. Com essa trajetória, sete das nove colaboradoras do estudo, são ex-atletas de futebol e/ou futsal. Veremos adiante, como essa característica impulsionou a carreira dessas mulheres até as comissões técnicas.

Quanto à nacionalidade delas, oito treinadoras são brasileiras e apenas uma é estrangeira, nascida no Chile, característica que tem papel determinante na carreira. É possível perceber o quanto a cultura de um país é capaz de produzir representações distintas sobre as mulheres no futebol e, por conseguinte, influenciar na trajetória pessoal e profissional das mesmas.

Em relação a naturalidade, curiosamente, foram encontradas treinadoras de quatro regiões diferentes do Brasil: norte, nordeste, sudeste e sul. Levando em consideração que temos cinco grandes regiões, é possível inferir que as treinadoras estão distribuídas e também representadas por grande parte do território nacional. Mesmo na região Centro-Oeste, única na qual não consegui estabelecer contato com a treinadora para realizar a entrevista, há registros de uma famosa treinadora que atua há anos na equipe do Comercial, no Estado do Mato Grosso do Sul.

A multiplicidade de experiências durante a trajetória esportiva e profissional das mulheres entrevistadas pode também se justificar pela diversidade que sabemos existir entre os Estados brasileiros. Dentro dessas quatro regiões mencionadas, entrevistei treinadoras nascidas e atuantes em oito Estados distintos.

No que concerne à etnia, as treinadoras expressam a miscigenação de nosso país, sendo que duas se autodeclararam negras, duas pardas e as outras cinco se autodeclararam brancas. A categoria étnica não demonstrou inter-relação com as trajetórias narradas.

Em relação ao estado civil, oito treinadoras são solteiras. Apenas a treinadora chilena é casada e seu marido também é treinador de futebol no Brasil. No tocante à maternidade, agora de maneira unânime, nenhuma treinadora é mãe. Mais adiante,

me dedicarei a pensar como esse conjunto de fatores pode indicar que as características inerentes a carreira de treinadora, assim como a todas aquelas relacionadas ao esporte de rendimento, podem influenciar os modos de ser, viver e se relacionar dos indivíduos envolvidos nesse meio, construindo suas histórias e trajetórias.

No que tange ao aspecto da formação, todas as treinadoras possuem, no mínimo, curso superior em Educação Física. Essa questão da capacitação da mulher terá lugar de destaque nas análises, uma vez que nos deparamos com treinadoras com formação diferenciada, se comparadas aos seus pares treinadores homens atuantes no futebol de mulheres no Brasil, e ainda assim constatamos que elas estão sub-representadas no campo.

As treinadoras, em sua maioria, não têm como ocupação profissional apenas o desempenho desta função. Somente duas delas são **exclusivamente** treinadoras de futebol em algum clube do Brasil. As demais relatam acumular dupla ou até tripla função para subsistirem, na medida em que a profissão de treinadora não se encontra bem estruturada em diversos aspectos, principalmente, no tocante à remuneração.

De maneira coerente à rotina de pessoas que acumulam diversas ocupações, as treinadoras mencionam exaustivos tempos de dedicação à profissão, conforme exposto no quadro 2. Algumas relataram o tempo em horas, outras em dias, mas os relatos convergem para uma alta carga horária e/ou alta frequência de trabalho. Alheia a essa realidade, se apresenta apenas a Treinadora 4, que declarou ser Servidora Pública. Ou seja, sua resposta demonstra que, em sua concepção, o cargo que ocupa como treinadora de uma equipe de futebol de mulheres não é sequer considerado como profissão e veremos o porquê na seção pertinente ao debate desse tema.

Conforme pudemos observar, dentre outros pontos de concordância, o perfil das treinadoras do futebol de mulheres no Brasil apresenta homogeneidade em relação ao envolvimento dessas mulheres desde cedo com o futebol e/ou futsal na condição de atletas. A seção que se segue se dedica à análise desse traço em comum da trajetória das treinadoras e do momento em que foi despertado nelas o desejo de migrar da condição de praticantes para treinadoras de futebol.

### 3.2 “Mulher é sexo frágil e não dá para jogar futebol”: mulheres e homens que viram o jogo

A relação estabelecida entre as treinadoras e o esporte data da infância de todas elas. Guardadas as devidas proporções, seja de forma apenas recreativa, na Educação Física ou até mesmo profissionalmente, todas praticaram variados esportes desde pequenas:

*“Eu sempre pratiquei esporte. Desde os quatro anos eu sempre fiz natação e sempre fui ligada a todo tipo de esporte. Eu fazia vôlei, futebol, natação... Joguei handebol, basquete, todos esses esportes eu passei”. (Talita Oliveira)<sup>17</sup>*

*“Eu na verdade fui esportista toda a minha infância mas fiz muitos esportes. Fazia natação, fazia ginástica e joguei muito vôlei”. (Macarena Celedon)*

*“Sempre fui uma criança que gostava de praticar diversas modalidades [...]”. (Gleide Costa)*

Percebemos, então, que as treinadoras vão subjetivando desde a infância suas relações com a bola, com o corpo e com os esportes, construindo atitudes e comportamentos vigorosos e desafiadores. Assim como em nossa investigação, outros estudos apontam para uma relação entre a infância ativa das mulheres que se envolvem com a gestão e a prática de esportes na vida adulta.

O estudo de Ferreira (2012), com técnicas de variadas modalidades esportivas no Brasil, ao traçar a trajetória esportiva das participantes, identifica o forte envolvimento dessas mulheres com a prática esportiva desde a infância. Das treze técnicas entrevistadas, doze eram atletas. Seguindo a mesma tendência, Fernandes (2014) constatou que mulheres lutadoras também se envolviam em atividades esportivas desde cedo. Duas entrevistadas desse estudo relataram, inclusive, terem iniciado a vida esportiva no futebol e no futsal, migrando posteriormente para a luta. Extrapolando as carreiras de técnicas e atletas de outras modalidades, podemos estabelecer relações também entre a vida esportivamente ativa e a profissão de árbitras de futebol. Monteiro (2016) observou que boa parte das árbitras de futebol

---

<sup>17</sup> Nomes reais. Apenas nos apêndices, para fins de fluência na leitura, elas serão identificadas em suas falas com a letra “T” seguida do número correspondente a ordem de realização de sua entrevista. E com a intenção de destacar o relato das treinadoras e auxiliares, todas as falas serão escritas em parágrafos com recuo e em itálico.

profissional do Brasil cultivavam paixão pelo futebol e também o praticavam desde a infância. Ainda que haja exceção, como por exemplo uma ex-ginasta, fica evidente que mulheres que se envolvem desde criança com o esporte têm maior tendência a permanecerem no campo também na vida adulta.

Especificamente em relação à prática do futebol, em nosso estudo, foi unânime a resposta sobre a inserção nessa modalidade desde a infância. Mais da metade das treinadoras entrevistadas alegam ter tido suas primeiras experiências brincando na rua e predominantemente com meninos, ou então dentro das aulas de Educação Física na escola:

*“Eu comecei no futebol com uns nove anos de idade, precisamente assim. Joguei como a maioria das meninas começou, na escola, jogando nas aulas de Educação Física. Naquele momento em que os professores mandavam as meninas para um lado e os meninos para o outro eu sempre ia para o lado dos meninos [risos]”. (Luana Paula)*

*“[...] principalmente na Educação Física que foi onde eu tive minha primeira iniciação esportiva e foi ali que também eu comecei a jogar futebol e a me inserir nesse mundo do futebol”. (Patrícia Gusmão)*

*“Tive uma criação mais livre e quando criança, geralmente eu praticava o futebol no meio dos meninos.” (Gleide Costa)*

*“Eu comecei a brincar de futebol com os meus primos em casa, no terraço de casa, na garagem e depois minha avó... A minha família acabou me liberando para brincar na rua com eles de futebol.” (Thaissan Passos)*

Assim como em nossa investigação, as colaboradoras do estudo de Pisani (2012), jogadoras do time de futebol Foz Cataratas, narraram com entusiasmo suas relações com o futebol e/ou o futsal desde crianças. Semelhante às treinadoras participantes deste estudo, elas contam que começaram a prática na rua e também predominantemente com meninos. Além disso, algumas de nossas treinadoras, de modo similar a algumas jogadoras do Foz, começaram cedo nas escolinhas de futebol e seguiram como atletas de clubes posteriormente na adolescência, até a idade adulta.

*“Porque eu sempre joguei muito com meninos, aí quando surgiu a possibilidade de um clube, como o Inter e o Grêmio que são clubes tradicionais aqui do Rio Grande do Sul, abrirem o departamento de futebol feminino, eu fui para Porto Alegre e fiz então o primeiro teste*

*na escolinha lá do Inter e depois permaneci por oito anos jogando lá profissionalmente”. (Patrícia Gusmão)*

*“Que eu jogava com os meninos na rua era até uns onze, doze anos. Quando eu fui para o projeto eu já tinha quinze”. (Fabiana Guedes)*

*“Quando eu estava fazendo treze para catorze anos abriu uma escola no núcleo do Vasco perto da minha casa, e aí eu ficava sentada vendo os treinos até que o professor me chamou para participar das aulas e tal”. (Thaissan Passos)*

Podemos afirmar que, em geral, as treinadoras de futebol de mulheres no Brasil são ex-atletas e passaram por experiências na infância, com meninos, jogando bola na rua. Essa característica tem papel fundamental na trajetória das treinadoras, visto que os desafios e barreiras enfrentados por elas começaram no âmbito da prática do futebol e futsal desde meninas e perduram em suas carreiras como jogadoras e treinadoras. Ainda que pareça ter sido fácil e natural se inserirem no futebol dentro da escola, na rua e nas escolinhas, discursos como o de Thaissan, ao dizer que a família “*acabou liberando*” para brincar com os meninos, aponta para uma certa resistência quanto a essa inserção. Outra fala que deixa eminente o fato de que não é tido como predominante e natural a vivência do futebol por parte das meninas é a de Talita ao narrar a segregação de gênero presente em sua aula de Educação Física.

Contudo, é preciso ter clareza de que a interpretação e representação do futebol como prática restrita aos meninos não é uma prerrogativa da Educação Física escolar, nesse caso. As treinadoras contam também sobre a dificuldade em encontrar clubes e escolinhas que aceitassem meninas em suas aulas:

*“Então eu ligava para o Manuel Maria, porque o Manuel Maria era o treinador das meninas do Santos, quando eu tinha uns dez, onze anos e eu falava para ele: ‘Porque não tem uma escolinha para a minha idade?’”. (Luana Paula)*

*“Com o futebol especificamente que eu lembre foi em 1992 quando eu entrei para um time de bairro chamado Monte Castelo aqui em João Pessoa. Foi quando eu dei os primeiros passos dentro de um campo de futebol. Eu tinha 15 anos para fazer 16. E aí foi a minha primeira vez, mas eu sempre quis participar dos jogos onde os garotos estavam envolvidos. Até na própria pracinha da cidade, nas ruas, eu sempre tinha aquela disposição para estar embora sofresse com muita reclamação por parte da família”. (Gleide Costa)*

*“E com doze para treze anos os meus primos entraram para uma escolinha de futebol e eu tentei entrar nessa escolinha também, mas não aceitavam meninas. Aceitavam só meninos. E aí eu fui jogar*

*handebol porque a moça falou que era uma modalidade mais próxima do futebol que eu chegaria. Eu fiquei bem frustrada por não conseguir jogar com os meninos, não participar daquela brincadeira com eles”.* (Thaissan Passos)

Quando questionadas sobre receberem apoio e incentivo para a prática, apenas duas treinadoras declaram não ter sido incentivadas. Entretanto, ainda que a maioria tenha tido algum tipo de apoio, esse se deu com ressalvas, conforme indicia o discurso de Gleide ao mencionar as reclamações de sua família. No mesmo sentido, caminha a história de suas companheiras:

*“[...] tinha mais [incentivo] do irmão, assim. Meu irmão é três anos mais velho. Minha mãe não. Minha mãe já não curtia muito não.”* (Talita Oliveira, grifo nosso)

*“Olha, eu tinha meu pai que me incentivou. Muito. Mas quem mais me dava incentivo era o técnico que eu tinha no projeto que eu treinava aqui perto de casa. Que ele disse que eu tinha potencial, que eu podia ser uma boa jogadora futuramente. Então ele me incentivou muito mais que o pessoal da minha casa, da minha família. Minha família foi bem pouco”.* (Fabiana Guedes, grifo nosso)

*“Mas na realidade, ela nem incentivava mas também não brigava [riso]. Ela [mãe] preferia que eu estivesse jogando com as meninas em um time do que estar com os meninos na rua, lógico. Na realidade dentro da minha família aquela pessoa incentivadora mesmo não existiu. Eu fui [pausa] na contramão de todos”.* (Gleide Costa, grifo nosso)

Outro fator a ser destacado é que, na maior parte dos casos, são os homens os apoiadores dessas mulheres, seja na família ou fora dela, uma vez que eles se encontram em maior número no campo futebolístico. Dessa forma, esses homens se tornam as referências das mulheres como nos contam as treinadoras:

*“Meus irmãos quando eram pequenos sempre me levavam para jogar futebol, eles jogavam futebol profissional e sempre me levavam com eles para assistir”.* (Neila Rosas)

*“Assim, eu sempre tive um apoio da minha família, que eu tenho um irmão mais velho que sempre foi jogador de futebol. Agora ele até atua como treinador também em uma equipe profissional masculina e por ter essa ligação da família, meu pai já foi dirigente de clube daqui da cidade, então a minha família sempre esteve muito envolvida com o futebol e eu desde pequena cresci nesse mundo aí”.* (Patrícia Gusmão)

Dois aspectos importantes merecem atenção nessas narrativas. A resistência em relação à prática do futebol por parte das mães, na maioria dos casos, e a predominância da referência masculina para essas mulheres.

Damo (2006) desenvolveu um trabalho no qual se dedicou a analisar “As dramatizações de gênero numa configuração futebolística”. Nesse trabalho, o autor se debruçou sobre a realidade da rua buscando “mostrar a maneira como o jogo se presta para dramatizar determinados códigos éticos e estéticos associados ao masculino e ao feminino” (DAMO, 2006, p. 1), trazendo como principal argumento que o futebol é um jogo culturalmente definido como masculino e masculinizante. Ao observar a realidade da rua, com o olhar centrado na sociabilidade e na dinâmica do grupo como um todo, o autor conclui que o futebol é praticado por razões de ordem simbólica. Portanto, os meninos que não se ocupam de sua prática têm seu *status* comprometido, e as meninas, por sua vez, tendem a se excluírem. Talvez por essa razão, constatemos na maior parte dos espaços onde o futebol é praticado uma presença menor das meninas: não por falta de interesse ou apreço pela modalidade, mas por interpretarem os códigos éticos e estéticos daquele espaço segundo a educação que têm e se auto excluírem na medida em que significam esse jogo como sendo para meninos.

Não obstante, quando esse processo não ocorre, os meninos se encarregam da exclusão alegando que a presença das meninas faz com o que o jogo “não seja para valer”. Essa expressão diz sobre as características que se naturalizaram, entre nós, em relação ao futebol como prática masculina que espera de meninos e meninas atitudes distintas. Conforme o autor:

Meninas atrapalham não apenas porque não dominam as técnicas corporais, senão que são percebidas pelos meninos como propensas a não se deixarem absorver pelo jogo, e raramente o fazem. Medir-se, hostilizar-se, fazer-se temer, subjugar e, sobretudo, fazê-lo aberta e publicamente – razão pela qual o jogo constitui uma ocasião privilegiada – é um arbitrário imposto aos meninos e os jogos são absorventes na medida em que suscitam tais atitudes (DAMO, 2006, p. 2).

Todos aqueles, então, que não correspondem ao que se espera do jogo são hostilizados. Assim, espera-se que os meninos tomem as ofensas para si e reajam a elas, que ameacem e que se vinguem tornando o jogo aquilo que deve ser: “jogo duro”, “pau quebrando” ou “pegado”. Quando a menina se faz presente, como foi o caso da

rua observada pelo autor, e também de todas as ruas onde cresceram as treinadoras participantes deste estudo, há um temor de que elas deem a tudo isso uma significação diferente, não correspondendo a dimensão simbólica do jogo aqui descrita. No entanto, no estudo em questão, Marina (nome fictício) surpreendia a todos na medida em que tomava o jogo como “sério” e, assim, garantia sua permanência nele.

Isso se torna possível, visto que, na dimensão simbólica do jogo de futebol, não somente a habilidade motora é valorizada mas também a coragem e a virilidade (DAMO, 2006). Ou seja, no momento em que as nossas treinadoras ainda crianças, assim como Marina, ocupam o espaço na rua e apresentam coragem para o “jogo duro”, os meninos as enxergam como “iguais”.

Diante disso, a aceitação dos meninos para com as meninas tem papel determinante nas relações de poder que se estabelecem no âmbito do futebol. Enquanto maioria que produz e reproduz os discursos que atestam o direito a ocuparem esse espaço, os próprios meninos lançam mão de manobras e estratégias que possibilitam a inserção e permanência das meninas no jogo. Busco concluir aqui que o apoio e incentivo dispensado às treinadoras quando eram praticantes foi oriundo dos homens, pois, o campo do futebol ainda é território majoritariamente ocupado por homens, embora não restrito a eles. Meninas e mulheres que apresentam atributos valorizados na dimensão simbólica do jogo são apoiadas e incentivadas.

Não estou, nesse momento, atribuindo responsabilidade aos homens pela inserção das meninas no jogo de futebol. A intenção é apenas apontar para a presença de um jogo de forças e resistências que se configura entre homens e mulheres. Conforme destaca Michel Foucault (1977), em entrevista sobre o tema “Poder e Saber”, gravada em Paris, a relação de poder não está na subjeção de um dominado a um dominante. Suas reflexões superam essa polarização de forças. Em suas palavras:

(...) é preciso dizer também que não se podem conceber essas relações de poder como uma espécie de dominação brutal sob a forma: “Você faz isto, ou eu o mato.” Essas não são senão situações extremas de poder. De fato, as relações de poder são as relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. Com frequência se disse – os críticos me dirigiram esta censura – que, para mim, ao colocar o poder em toda parte, excluo

qualquer possibilidade de resistência. Mas é o contrário! (FOUCAULT, 1977, p. 249).

De acordo com o autor, o exercício do poder é fluido, disperso e traduzido por estratégias individuais ou coletivas implícitas nos discursos e nas ações. Portanto, somente se configura como relação de poder aquela em que há espaço para a resistência. As treinadoras que jogam bola desde a infância, bem como a Marina da rua de Porto Alegre, resistiram e empreenderam manobras e estratégias de ação para garantirem acesso e permanência no âmbito do futebol.

Uma das estratégias, conforme vimos no estudo de Damo (2006), é apresentar atributos valorizados pela dimensão simbólica do jogo, tais como coragem e virilidade. Porém, lembrando que o jogo é tido como “masculino e masculinizante”, as meninas enfrentam desafios póstumos à inserção, que estão relacionados às questões de feminilidade.

A fala outrora destacada, pronunciada por Talita, em relação a falta de incentivo por parte da mãe, é reforçada também por Gleide:

*“Na realidade, dentro da minha família aquela pessoa incentivadora mesmo não existiu”. (Gleide Costa)*

Embora as duas se apresentem como as exceções, visto que todas as outras tiveram apoio dentro da família, é possível perceber, no mínimo, um incômodo com a prática delas, especialmente advindo das mães. Algumas narrativas das treinadoras demonstram como as próprias mulheres representam a feminilidade e o papel social atribuído a elas, de modo a reproduzirem, enquanto mães, esses estereótipos na educação das meninas ou até mesmo as próprias meninas se limitarem a eles. Thaissan conta como foi essa dinâmica com sua mãe:

*“Eu nunca passei por preconceito para jogar bola dentro do meu ciclo familiar. Com minha avó, os meus primos, a minha madrinha... Sempre me apoiaram para eu fazer o que eu quisesse. A questão da minha mãe, eu tinha medo porque a minha mãe tinha um salão de beleza, ela tentou me colocar no balé, ela tinha uma questão, mas ela nunca me proibiu. Eu que tinha medo de frustrar a minha mãe. Tanto que quando eu fiz quinze anos, eu era goleira e então eu pedi um kit de goleira. Eu ganhei chuteira, luva, caneleira, meião da minha família para eu poder iniciar meus treinamentos. Então assim, não é que minha mãe tinha preconceito. Eu que tinha medo de não ser para minha mãe o que ela gostaria que eu fosse, entendeu?” (Thaissan Pssos)*

A narrativa de Thaissan reúne uma série de ideias ligadas ao que um dia se estabeleceu como feminilidade hegemônica. Dentro de uma concepção hegemônica de feminilidade, a “verdadeira mulher”, para além do sexo biológico, é aquela cujo corpo traduz os padrões de beleza e vaidade concebidos socialmente. Conforme constatou Goellner (1999, p. 49), “para ser belo o corpo da mulher deve ser forte, ágil, harmonioso e atlético. No entanto, não pode deixar de ser gracioso, delicado e fértil, pois é na feminilidade que reside o maior encanto da mulher e, também, o que a diferencia do homem”. As posturas da mãe e da adolescente, à época, traduzem-se como tentativas de corresponder a esse ideal de mulher feminina. Isso requer não somente adequar o corpo às regras como também adequar suas práticas corporais a essas regras. Por isso, a mãe escolhe o balé, modalidade que conta com gestos finos e delicados, e a menina, por sua vez, tem receio do que a mãe vai pensar sobre o fato dela praticar o futebol, uma modalidade com características opostas.

Justamente buscando compreender que representações as pessoas tinham sobre as treinadoras enquanto ainda praticantes do futebol, indaguei-as sobre o que costumavam ouvir e obtivemos respostas do tipo:

*“Futebol não é coisa de mulher”. Vai machucar”. (Talita Oliveira)*

*“Mulher é sexo frágil e não dá para jogar futebol”. (Neila Rosas)*

*“Futebol é para homem”. Você nunca vai ser reconhecida porque o preconceito sempre vai ter”. (Fabiana Guedes)*

*“Na minha época [riso] era mulher macho, macho-fêmea, sapatão [...]” (Gleide Costa)*

Essas narrativas vão ao encontro dos ideais de feminilidade mencionados. É unânime a alegação sobre terem sido alvos de preconceito, sempre de ordem verbal. Constantemente ouviam comentários sobre serem o “sexo frágil”, xingamentos atrelando-as ao que se tem estabelecido como “masculino” e, por consequência, insinuações e suspeições sobre sua sexualidade.

Nesse momento das entrevistas, não foram feitas indagações acerca da sexualidade das treinadoras bem como não foi aprofundada a questão do estado civil e da maternidade. Conforme exposto, é muito comum que a sociedade e, inclusive as próprias mulheres se cobrem e cobrem umas às outras, que se encaixem nos padrões de feminilidade estabelecidos outrora. Tais padrões abarcam não só os atributos e

comportamentos descritos por Goellner (1999) como também escolhas e caminhos a serem “obrigatoriamente” seguidos como o matrimônio e o desejo por ter filhos. As treinadoras subvertem aquilo que um dia foi a ordem na medida em que levam suas vidas e tocam suas carreiras sendo solteiras e nem por isso, deixando de serem mulheres verdadeiramente. Conforme constatado por Ferreira (2013), manter a carreira de treinadora e uma família, com ou sem filhos, não é tarefa fácil para as mulheres, tendo em vista as características do trabalho desempenhado e também o modo como as relações de gênero ainda se estabelecem no cotidiano doméstico. A treinadora está constantemente viajando; trabalhando exaustivamente com um elevado número de horas por semana (conforme pudemos observar em nosso quadro de apresentação); muitas vezes, em função da baixa remuneração elas precisam acumular mais de um emprego e; não obstante todas essas barreiras, a mulher ainda é tida como a responsável principal pelos afazeres domésticos e pela educação das crianças. Portanto, é necessário desconstruir a ideia de que mulheres que não são casadas e não são mães, como as treinadoras desse estudo, não o fazem por razões de ordem sexual.

Nesse sentido, Franzini (2005) destaca como o território brasileiro, no que tange ao futebol, se apresenta ainda nos dias de hoje como um espaço de preservação de fronteira entre os gêneros e de reforço aos estereótipos trazidos nos relatos das treinadoras. Conforme o autor:

Em nosso contexto, sabemos bem quais as respostas produzidas. A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença “futebol é coisa para macho” (ou, em uma versão pouco menos rude, “coisa para homem”), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito. O jornalista Sérgio Cabral conta que, perguntado certa vez sobre o que achava do futebol feminino, o comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha disse ser contra — e justificou, com sua língua ferina: “Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela: ‘O que você faz, minha filha?’ E a mocinha responde: ‘Sou zagueiro do Bangu’. Quer dizer, não pega bem, não é?” (FRANZINI, 2005, p. 316)

Comentários como este perpassam a trajetória de todas as entrevistadas. Assim como pudemos observar no comentário do ex-treinador João Saldanha, ainda é comum as pessoas colocarem em questão a feminilidade de mulheres que transitam

por espaços tradicionalmente masculinos e, conseqüentemente, colocarem também em dúvida sua sexualidade.

De fato, a análise da sexualidade está presente em estudos que abordam os esportes socialmente considerados masculinos quando praticados por mulheres (MENNESSON, 2004; 2005; MENNESSON; CLÉMENT, 2003; DORNELLES, 2004)<sup>18</sup>, possivelmente devido à pluralidade de maneiras de viver a sexualidade de suas praticantes. É um assunto que chama a atenção pela heterogeneidade e pela quantidade de mulheres homossexuais presentes nas equipes (SILVEIRA; STIGGER, 2009). Entretanto, esta relação de “causa e efeito” entre a prática esportiva e a sexualidade não existe e, mais importante e urgente que reafirmar isso, é desconstruirmos a noção singular de feminilidade e desmontar o trinômio sexo-gênero-sexualidade que dita as regras na matriz heteronormativa:

A partir da constatação da produção discursiva sobre o conceito biológico “imutável” do sexo, abre-se a possibilidade do questionamento de um sistema normativo engendrado em nossa sociedade, com fortes reflexos no campo das práticas corporais esportivas: o sistema sexo-gênero-sexualidade. Esse diz respeito à associação direta de um “sexo biológico” (macho ou fêmea), geralmente pronunciado pelo discurso médico, a um gênero (masculino ou feminino), que fica evidente nos processos de significação dos corpos e construção de feminilidades e masculinidades normalizadas, e uma sexualidade heteronormativa compulsória relegada aos sujeitos (SOARES *et al.*, 2017, p. 256).

O errôneo atrelamento entre a biologia do ser, sua maneira de se identificar e expressar, somados também aos seus anseios sexuais e afetivos, causa um deturpamento nas representações sobre essas mulheres que, em incontáveis ocasiões, acabaram sendo alvos de preconceitos.

Outros relatos apontaram para o fato de que o preconceito e os comentários extrapolam as questões de representações sobre feminilidade e sexualidade, já tratadas aqui, e buscam também reforçar a noção de que o esporte (e posteriormente também o treinamento) não é tarefa para mulheres. A elas estariam reservadas as atividades domésticas, como nos narra Fabiana:

---

<sup>18</sup> Respectivamente: “Os processos de construção e de modificação das disposições sexuais das mulheres que investem em esportes ditos ‘masculinos’”; “Ser mulher no mundo dos homens: socialização esportiva e a construção do gênero”; “Homossociabilidade e homossexualidade: o caso de mulheres jogadoras de futebol”; e “O futebol feminino de várzea: uma análise cultural”.

*“Olha, teve uma vez que eu fui jogar [...]. E a gente estava perdendo o jogo e tinha um muro do lado de fora e estavam gritando: “Vão lavar louça” [risos], “Vão lavar louça, lugar de mulher é na cozinha!”. (Fabiana Guedes)*

As trajetórias esportivas das treinadoras são marcadas não apenas por comentários negativos, visto que os elogios também foram relatados por aquelas que alegaram ter sido mais incentivadas:

*“Por já estar envolvida no meio do futebol e estar sempre brincando com a bola, eu sempre até recebia muitos elogios e incentivos”. (Patrícia Gusmão)*

*“[...] era uma paixão tão grande que as pessoas se comoviam e acabavam dando uma força”. (Talita Oliveira)*

*“[...] me recordo de comentários positivos, principalmente do lado masculino. Amigos... Principalmente amigos do meu pai e algumas pessoas da família que achavam bacana, que eu estivesse nesse esporte”. (Michele Kanitz)*

Especificamente Patrícia e Michele, tiveram irmão e pais, respectivamente, envolvidos no mundo do futebol desde suas infâncias. Cabe destacar, portanto, que o fato de nascer em uma família que já está nesse meio esportivo mostrou-se como uma evidência favorável em nossa investigação, visto que as duas colaboradoras em questão obtiveram grande sucesso na carreira de atleta e/ou treinadora, e hoje atuam como treinadoras em dois dos maiores clubes do Brasil.

Na próxima seção, serão discutidos os aspectos relacionados a carreira, desde a inserção, os desafios de permanência, chegando até as possibilidades de ascensão das treinadoras.

### **3.3 “Subiu a bandeira!”: um passo à frente dos homens, logo, impedidas**

Conforme expusemos na seção anterior, a maioria das treinadoras foram atletas de futsal e/ou futebol antes de assumirem a função que ocupam hoje. Podemos também observar por meio de seus perfis, que a maioria delas tem idades compatíveis com a de mulheres que ainda são atletas. Buscando, portanto, compreender “como”,

“quando” e “por que” essas mulheres despertaram para o lado do treinamento, questionamos as treinadoras sobre como foi o processo de inserção nesse meio.

Sabemos que apenas duas de nossas entrevistadas não tiveram carreira de atleta. Dentre as sete que eram praticantes do futebol, identificamos um ponto comum na trajetória de quatro delas, que foi determinante para que elas decidissem seguir no esporte, porém, em outra função. A lesão no joelho seguida por cirurgia foi o fator que motivou algumas treinadoras a buscarem maneiras diferentes de permanecerem no futebol, ainda que fora do gramado.

*“Eu venho de algumas lesões no joelho. Então eu tive muita dificuldade, principalmente, para aceitar essa questão minha com essa condição física. E a partir daí eu fui abrindo um pouco mais o meu campo de visão, para quem sabe, trabalhar de outra forma no futebol”.* (Talita Oliveira)

*“Eu tive uma lesão no joelho. Jogava no time, tive uma lesão no joelho daí eu parei de jogar. O técnico desse time que eu participava, que eu jogava, me convidou para ajudar ele. Daí eu comecei no futebol de campo. Quando apareceu o futebol feminino aqui no futsal aí eu resolvi fazer... Tomar conta do time de futsal. Ele tomando conta no campo e eu no futsal. Daí que eu comecei a exercer a função de técnica”.* (Neila Rosas)

*“Há quatro anos atrás eu fiz a minha cirurgia no joelho e eu não consegui me recuperar muito bem. Eu tive alguns problemas e eu tive que fazer uma segunda cirurgia e aí eu vi então que a possibilidade de jogar ia ser muito difícil. Por que? Porque o futebol feminino vem em uma evolução muito grande, tanto na parte técnica e tática como na parte física também. Assim como no masculino. A gente vê aí hoje o futebol muito... A parte física tem que ter uma ênfase maior. Como eu tentei, depois de fazer minha segunda cirurgia, voltar a jogar e vi que não ia ser possível por causa dessa parte aí... A parte física mesmo que as meninas estavam muito acima, num nível muito acima, muito bom fisicamente eu vi... Olha, melhor eu parar por aqui até para eu não me machucar mais e aí então eu resolvi para esse outro lado porque quando a gente está há muito tempo em um meio esportivo, no futebol ou eu acho que em qualquer outra modalidade, essa parte quando chega no final da carreira tu tenta procurar alguma coisa que vá te inserir ali ainda para tu não ter aquele choque tão grande. Eu sou profissional de Educação Física, então, eu já fui para esse lado pensando nisso de que algum dia eu poderia trabalhar na área. E aí então eu segui para essa área que é ser treinadora”.* (Patrícia Gusmão)

*“Em 2008 insistiram tanto e eu saí do futsal mesmo já lesionada, tendo uma ruptura de LCA, já cirurgiada, fui participar de um campeonato de futebol de campo... Tinha sido o retorno do campeonato estadual aqui no meu Estado pelo time da Portuguesa e aí a gente se sagrou campeã eu ainda jogando. Só que aí jogando no sacrifício, sem aquela*

*condição física adequada, sentindo muitas dores ainda no joelho [pausa]. E eu que já fazia toda aquela estratégia do time. Já comandava o time, era a capitã e comandava o time dentro do campo, fora lá nos vestiários. Então, em 2009 surgiu uma oportunidade de... Que o Valter conhecia já o meu trabalho com as categorias de base masculina que eu atuava, tanto no futsal quanto no futebol. Por incrível que pareça eu atuava com homens. Aí ele me convidou para fazer parte da equipe do Botafogo que teria que ter uma equipe em dez dias para ir para uma Copa do Brasil, você imagina [...]". (Gleide Costa)*

Diante dos excertos acima, podemos perceber que não somente o desejo de permanecerem inseridas no âmbito esportivo seria suficiente para o início das carreiras dessas treinadoras, se também não tivessem habilidades e características necessárias ao desempenho da função. A liderança e o entendimento técnico/tático que apresentavam enquanto atletas, foram qualidades identificadas na maioria das treinadoras entrevistadas e colocadas por elas como fundamentais para o surgimento de oportunidades e convites para trabalharem na área:

*"Eu jogando, eu tive o convite de assumir uma equipe de futsal em Itabirito e aí a partir do convite foi que eu comecei a despertar esse interesse. Como eu já tinha trabalhado com várias pessoas que hoje me inspiraram, que no caso é o Eder e a Mariela, eu pensei: Por que não? Então, a partir daí, eu comecei a estudar, a buscar alternativas e formas para poder seguir os passos deles. Então, foi a partir daí que surgiu meu interesse. Eu estava jogando e me convidaram para assumir essa equipe e a partir daí eu nunca mais saí". (Talita Oliveira)*

*"[...] De repente pelas minhas características dentro de campo porque eu sempre fui uma jogadora que gostei muito dessa parte. Da parte técnica, tática, eu sempre procurava orientar a equipe, sempre gostava de me aprofundar nessa área, então eu desde cedo pegava alguns treinadores que eram mais inteligentes e que tinham uma bagagem maior, eles me falavam: 'Oh, tu tem potencial para ser treinadora'. 'O dia que tu acabar aí a tua carreira como atleta, de repente tu pode seguir por esse lado, porque eu vejo que tu é muito inteligente'". (Patrícia Gusmão)*

Entretanto, não somente os atributos relacionados à liderança somados à experiência enquanto jogadoras, garantiram o acesso às comissões técnicas. Aquelas que não tiveram oportunidades oriundas de seus desempenhos com a bola nos pés, e também as ex-atletas, se dedicaram aos estágios e aos estudos para serem vistas, reconhecidas e por fim, convidadas e indicadas ao cargo.

*"Então foi aí que ele me deu a oportunidade. Eu fiquei estagiando com ele [treinador da equipe], mesmo formada [em Educação Física], eu*

*fiquei como estagiária da preparação física em 2007 e em 2008 dei a ideia para ele de a gente fazer a primeira escolinha de futebol feminino”. (Luana Paula)*

*“Eu estando na faculdade, comecei a me destacar. Éramos só três mulheres e duas delas não continuaram. Era um curso de quarenta pessoas, só três mulheres e duas não continuaram aí eu continuei e comecei a me destacar, sabe. Aí meus professores, eles mesmos me colocaram para fazer os estágios em um clube”. (Macarena Celedon)*

*“Eu parei de jogar tem três anos e aí eu vim para a minha cidade onde eu comecei a trabalhar na prefeitura. E aí eu comecei a ser treinadora da escolinha, mas para meninos. Para meninos. Aí eu fiquei um ano e meio treinando meninos de sete a dezessete anos. Daí eu depois eu fui assumir o Tiradentes do Piauí, mas assim, foi um convite meio rápido porque o treinador foi suspenso, eu tinha uma boa relação com o presidente e aí ele me chamou. E eu falei para ele que já estava estudando sobre isso, já tinha feito alguns cursos de treinadora e que eu encaro bem, só que eu estava só esperando porque eu precisava estudar um pouco mais. Aí ele pegou e falou assim: ‘Não, então você já vai começar aqui. Já vou te dar essa experiência’. Porque o treinador ficou suspenso seis jogos e aí eu assumi esses seis jogos a mando dele”. (Fabiana Guedes)*

*“Devido à falta de oportunidade de jogar futebol, por não ter escolas mesmo lá no Sul e também por não ter condições de procurar outros lugares, de sair para mais longe para tentar alguma coisa, eu resolvi que eu ia estudar e me focar no esporte [...]. E aí eu fui fazer faculdade de Educação Física no Sul mesmo e logo no primeiro semestre do curso, já sabendo a área que eu queria, que era o futebol, todos os cursos que eu pude fazer eu sempre corri atrás para poder fazer e em cima disso, logo em sequência eu comecei a fazer um estágio na categoria de base do Futebol Clube Santa Cruz [...] Nesse meio tempo também eu fiz diversos cursos e em cima disso aproveitei bem o período da faculdade com os cursos e o trabalho para adquirir bastante experiência e aproveitei para fazer bastante estágio também”. (Michele Kanitz)*

De fato, todas as treinadoras entrevistadas investiram e ainda investem muito na capacitação para atuarem no futebol. Todas elas possuem formação superior em Educação Física e a maioria cursou especializações<sup>19</sup> ou cursos<sup>20</sup> mais breves voltados para a área do futebol e do treinamento, seja de maneira presencial ou a distância.

É possível afirmar que a competência e o alto investimento em capacitação, empenhados pelas treinadoras deste estudo, refletiram e refletem diretamente nas

<sup>19</sup> Pós-graduações em futebol em programas conceituados de Universidades Federais do Brasil, tais como, as universidades de Viçosa (Minas Gerais) e Rio de Janeiro (Rio de Janeiro).

<sup>20</sup> Cursos com duração de até 40 horas, de maneira presencial ou *online*, relacionados a temas transversais ao futebol, tais como Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Gestão e afins.

vias de acesso ao cargo de treinadora de futebol, quais sejam: formação superior, convite pessoal feito por dirigentes, estágios em clubes e trabalhos desenvolvidos em escolinhas.

A combinação entre ser ex-atleta e realizar a formação na área da Educação Física, dá a essas treinadoras um diferencial no que tange a competência para atuação no campo, no sentido de serem capazes de associar a experiência do jogo à formação acadêmica e, assim, serem também as protagonistas em abrir as portas para a inserção como treinadoras de futebol. Conforme exposto na seção anterior, “jogar bola” abarca inúmeras dificuldades, mas com persistência e amor ao esporte elas não só resistem como também utilizam a carreira de atleta como acesso para novos objetivos.

Observamos que alguns treinadores e/ou dirigentes do futebol de mulheres no Brasil já entenderam que a competência para o exercício da liderança de equipes esportivas não está atrelada ao sexo e, contrariando o princípio da similitude observado por Kilty (2006), convidaram e contrataram mulheres para atuarem nos clubes com base em suas performances não somente físicas, mas também intelectuais.

Não obstante, sabemos que ainda reverbera nesse campo de atuação, o paradigma a partir do qual se espera que as mulheres se envolvam com atividades que demonstrem cuidado, receptividade e acolhida, enquanto dos homens espera-se o exercício da liderança e tomada de decisões (ROMERO, 2009). Dessa forma, uma vez que a diferença de gênero ainda seja usada como um argumento que coloca as mulheres em condição hierarquicamente inferior à dos homens no interior das relações de poder que se estabelecem no meio esportivo, as treinadoras vieram para mostrar que o envolvimento de mulheres nesse cargo de liderança não está atrelado ao sexo, mas sim à competência.

Não só a formação acadêmica, como também os estágios em clubes e os trabalhos desenvolvidos em escolinhas de futebol previamente à inserção como treinadoras em clubes de maior expressão, colocam em evidência a constante busca por conhecimento e aperfeiçoamento para a ocupação do cargo. Quando indagadas sobre o que acreditam ser fundamental para garantir a permanência de uma mulher como treinadora, unanimemente elas respondem prontamente que se trata de estudar:

*“Como é difícil o espaço para a gente entrar, eu acho que o caminho que mais abre espaço, às vezes, nem é rápido, mas o caminho que leva a uma trajetória mais fácil, teoricamente, é estudando mesmo. Porque quando você tem conhecimento não tem como alguém chegar e questionar sua competência”. (Luana Paula)*

*“O primeiro é estudar. Se preparar. Não adianta ter sido uma muito boa jogadora para ser uma boa técnica. E nos homens também. Não adianta ter sido um ótimo jogador e depois chegar e achar que vai ser um ótimo técnico também. Tem que se preparar. Tem que estudar. Porque isso é o principal. Você não pode ensinar o que você não sabe. E o futebol é complicado. Você precisa saber as coisas. Não é só porque você viu nos treinos, porque você era atleta e vai dar aqueles treinos, não. Você tem que, como técnico, criar uma filosofia, uma identidade, um modelo e um método de treinamento. Sobre tudo, um modelo de jogo com que você quer jogar, não é chegar e falar ‘Ah vai jogar assim o 4x4x2’ e pronto. É por que vai jogar aquele 4x4x2? Como o time vai atacar? Como o time vai defender? O que a gente faz quando perde aquela bola? Então o principal para o sucesso é se preparar”. (Macarena Celedon)*

*“Olha, a gente tem que primeiro de tudo estudar. Sempre estar se aprimorando, sempre estar vendo as novidades e acima de tudo ter paciência e força de vontade”. (Neila Rosas)*

*“Me capacitar. Eu tenho gana de estudar. Eu tenho gana de fazer curso, eu tenho gana de me preparar, de fazer estágio, de melhorar a qualidade dos meus treinos”. (Thaissan Passos)*

Tal preocupação é compreensível e muito pertinente, na medida em que a associação do treinamento esportivo com a figura masculina é uma poderosa barreira para a aceitação das mulheres como técnicas (NORMAN, 2010). A profissão de técnico é geralmente identificada com o público masculino e de acordo com Jaeger *et al.* (2010), a representação do esporte como um território onde os homens produzem e demonstram a sua masculinidade favorece a percepção de que treinadores geralmente são homens, acabando por produzir questionamentos a respeito da competência das mulheres nessa posição. Esse cenário observado pela autora em Portugal é também a realidade do Brasil, conforme depõem as treinadoras quando questionadas sobre enfrentarem dificuldades após estarem já ocupando o cargo:

*“É que muito problema não teve, sabe. Minha experiência até o momento tem sido boa só que sempre vai encontrar pessoas que vão te criticar demais, ou: ‘Ah poxa, mulher sabe de futebol?’; ‘Estranho, né?!’, ‘Formada?’, então sempre vão ter pessoas que possam não acreditar. Mas aí vai da profissional que você é [...]”. (Macarena Celedon)*

*“Por parte de algumas pessoas que estão no meio, sim. É... Devido a entender que talvez lugar de mulher não seja no futebol, de algumas pessoas se questionarem se a pessoa é competente ou não, mas eu sempre fui muito focada nos meus objetivos e sabia que eu iria enfrentar um pouco de dificuldade no início... É... Digo dificuldades até então, porque hoje graças a Deus é um pouco mais tranquilo, mas até o último momento teve bastante dificuldade de pessoas acharem que estão há tanto tempo no futebol e aí um outro profissional entrar e ainda mais por ser mulher... Julgam que você não tem a competência suficiente para estar onde você está. (Michele Kanitz)*

Portanto, conquistar o direito a ocupação do cargo de treinadora em função de seus desempenhos no meio do futebol, seja ele de que natureza for, aliado a toda dedicação em se capacitarem, configuram uma potente estratégia de resistência e subversão desenvolvida pelas treinadoras. Todas elas destacam as experiências práticas, as capacitações extras bem como a formação superior como primordiais para o sucesso na carreira:

*“Eu sou profissional de Educação Física, me formei aqui pela UFPB. Estava fazendo o curso de treinadora de futebol em Pernambuco, lá em Recife... Uma pós graduação, quando eu tive que fazer um curso rápido de Gestão Esportiva porque me veio a ideia de abrir uma sociedade com mais três amigos [...]. Mas sempre estou trocando informações com outros treinadores, pesquisando. A internet é um campo muito interessante para isso. A gente consegue se comunicar com várias culturas, com várias pessoas diferentes que percebem o futebol de diferentes formas e isso é interessante. Tenho muitos amigos treinadores e a gente troca bastante experiência”. (Gleide Costa)*

*“[...] eu fiz algumas capacitações na parte técnica, parte tática e alguns cursos no Sul mesmo e nesse meio do processo, durante a faculdade, eu ingressei a fazer a Licença C da CBF. Fiz a Licença B no outro ano, fiz Análise de Desempenho também. Agora eu estou concluindo um de especialização em futebol na UFV, em Minas Gerais [...]”. (Michele Kanitz)*

*“Eu, graças a Deus, tive oportunidade de ganhar uma bolsa da CBF para fazer a Licença C. Infelizmente os custos do curso são bem altos, a gente precisa se programar bastante para conseguir fazer, então eu fiz a Licença C no início de 2017. De 2017 para 2018, eu fiz o curso do Sindicato dos treinadores de futebol de São Paulo. É um curso referência nacional. Eu fiz cursos também de futsal pela Confederação... Federação do estado do Rio de Janeiro. Fiz também de Fut7 pela Confederação Brasileira de Fut7. Eu venho fazendo também vários cursos da Universidade do Futebol, tenho curso de Gestão no Futebol, tenho curso no Instituto de Gestão Desportiva. Tenho pós graduação em Gestão de Projetos Educacionais, faço especialização em futebol na UFRJ coordenada pelo professor Parreira e faço parte também do grupo de estudos em Ciência do*

*Futebol na Universidade Federal do Rio de Janeiro*". (Thaissan Passos)

Nota-se que as treinadoras buscam o nível mais alto de capacitação, indo além das pós-graduações até as licenças específicas para o futebol<sup>21</sup>. É importante discorrer sobre as licenças, já que atualmente, elas se apresentam como “cartões de visita” para a atuação em determinadas categorias do futebol e podem vir a ser, em breve e por lei, obrigatórias para o exercício da função. Resumidamente, existem quatro tipos de licença CBF:

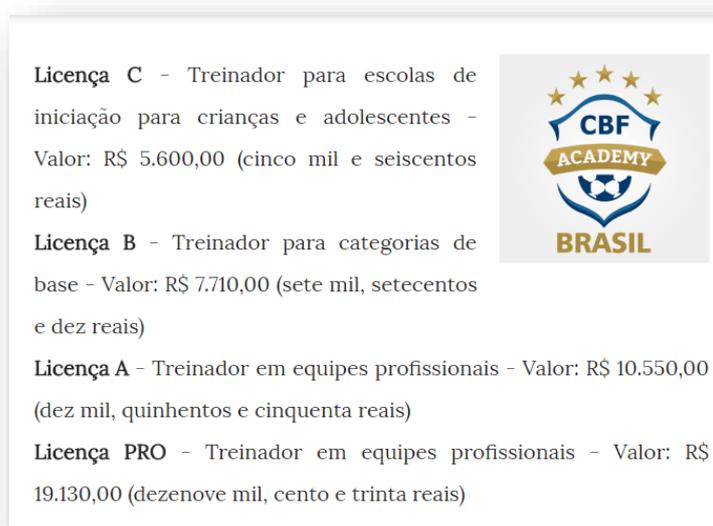


Figura 1: Licenças CBF

Fonte: <https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt/licencas/>

Importa-nos analisar, o alto custo das licenças. É notório o quanto o futebol de mulheres no Brasil não desfruta de investimentos, no mínimo, adequados seja por parte de leis de incentivo e de patrocinadores. Além disso, não há em nosso país uma preocupação dos clubes e instituições em investirem na capacitação das pessoas que desempenham quaisquer tipos de funções dentro do futebol. Dessa forma, as treinadoras que se capacitam no mais alto nível plausível no Brasil, o fazem por méritos próprios e diante de uma situação financeira precária. Conforme podemos notar em seus relatos e por meio das análises posteriores, a remuneração é baixa, a necessidade de trabalhar em mais de um emprego para sobreviver é latente e o tempo

<sup>21</sup> Para saber mais, consultar site sobre as Licenças oferecidas pela Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt/licencas/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

dedicado a profissão de treinadora já beira o limite do humanamente possível. Ainda assim, elas afirmam que o que as possibilitam acessar e permanecerem no cargo é a dedicação aos estudos.

Contudo, é possível perceber que ainda que as mulheres se dediquem à formação plena para ocupação do cargo de treinadora, o reconhecimento financeiro e do trabalho dispensado a elas pode ser inferior ao oferecido aos homens, independente da qualificação de ambos, em alguns casos. De acordo com Luana:

*“Existe uma discrepância muito grande porque eu fazia a mesma função que ele e, ele por ser homem, todo mundo olhava para ele, davam tudo, mesmo não tendo a mesma qualificação que eu”.* (Luana Paula)

Cabe destacar que esse relato foi exceção à regra. As demais treinadoras não passaram por experiências como essa no que se refere a remuneração. Ainda assim, devemos problematizar a questão da necessidade de uma formação específica para o treinamento que é colocada sobre as mulheres, mas não é exigida pelo mercado futebolístico na mesma proporção em relação aos homens. Nem mesmo existe ainda a obrigatoriedade de que o indivíduo que pleiteie o cargo de treinador, seja sequer formado em Educação Física, conforme destaca um artigo escrito para o site Ludopédio<sup>22</sup>.

No Brasil nos deparamos com dezenas de treinadores atuando sem nenhuma formação, muitas vezes pelo simples fato de terem sido bons atletas. O interessante é que a competência desses homens não é colocada em suspeição, pois, o sexo masculino parece ser um passaporte mais legítimo para atuar como treinador. Renato Portaluppi (conhecido popularmente como Renato Gaúcho), por exemplo, ao ser campeão da Copa do Brasil, em 2016, pelo Grêmio, declarou: “Futebol é como andar de bicicleta. Quem sabe, sabe. Quem não sabe, vai estudar”.

---

<sup>22</sup> “No dia 10 de abril de 2017, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) divulgou uma nota dizendo que não havia previsão legal para determinar a obrigatoriedade para que treinadores de futebol tenham um diploma em Educação Física. Também nenhum outro diploma ou certificação é, por ora, exigido. Ou seja, não há uma formação mínima para ser treinador de futebol”. Acesso pelo link: <<http://www.ludopedio.com.br/>>. O site Ludopédio, como o próprio nome sugere, fala sobre o futebol a partir de uma perspectiva interdisciplinar, ligada às diferentes áreas das Ciências Humanas. O objetivo é criar uma rede de informações, pesquisadores e interessados no futebol. A ideia de criar o espaço surgiu da necessidade e ausência de um centro de coleta de informações, textos e pesquisas sobre futebol, que atualmente são dispersos.

A partir do ano de 2019, a CBF pretende implementar uma regra que obrigará treinadores a possuírem as licenças de especialização na área do futebol. Em reportagem da “Folha UOL”, Cosenzo (2017) afirma que se a regra vigorasse desde esse mesmo ano, apenas nove dentre os vinte treinadores atuantes na série A do Campeonato Brasileiro de homens poderiam continuar atuando. Esse dado aponta para a enorme lacuna existente no que tange a capacitação dos homens treinadores em nosso país. Mas, ainda que as mulheres venham se apresentando cada vez mais qualificadas que eles, são ainda impedidas pelo machismo presente na sociedade.

O questionamento sobre a competência, conforme pudemos constatar pelas narrativas, é uma barreira forte que ainda “persegue” as mulheres nesse campo. Quando questionadas sobre as estratégias adotadas frente a esse tipo de dificuldade, as treinadoras consideram o trabalho árduo e a competência como fundamentais:

*“Toda profissão é você se dedicar, é você conhecer sobre o seu trabalho. Então o conhecimento faz a diferença”. (Gleide Costa)*

*“Mas eu nunca me importei muito com isso, eu escutei de uma forma muito inteligente essas questões (questionamento sobre competência) e sempre mostrei com trabalho e competência que o lugar onde eu estou é pela dedicação e pelo meu trabalho. Não é pela ajuda de ninguém não e isso eu nunca precisei. Essas críticas só me fazem ficar mais fortes”. (Michele Kanitz)*

Outros fatores, tais como a distância de casa para trabalhar, a aceitação por parte de algumas atletas e a falta de espaço são apontados como dificuldades da carreira como treinadora, além, e talvez principalmente, da baixa remuneração.

*“A parte mais difícil de adaptação foi com as próprias atletas. Não digo comissão. Mas as atletas me rejeitaram muito no começo. Até porque elas tem aquela visão: “Ah, você não foi profissional, você não sabe tanto quanto eu que já joguei na Rússia, já joguei nos Estados Unidos...”. (Luana Paula)*

*“Aqui, no Brasil, você vê treinadora no feminino que fica sete, oito anos, quinze anos no mesmo time. É difícil você conseguir espaço, principalmente aqui em São Paulo. Por aqui os treinadores são de muito tempo no clube”. (Fabiana Guedes)*

*“Na realidade a dificuldade é uma dificuldade financeira... Uma dificuldade de se inserir no meio. Eu acho que, como eu te disse, quando você começa a apontar qualidades isso meio que acaba sendo aceitável. Porém, para que a gente pudesse estar na carreira de treinadora, a gente... Eu tive que me virar em dez para poder fazer o*

*que gosto, como dizem. Porque é pouca remuneração, muitas vezes, principalmente antigamente quase nenhuma. Logo de início, então fazia dez outros trabalhos. Isso se tratando especificamente do feminino, então tinha que ganhar dinheiro sendo treinadora do masculino, das escolinhas... Isso tudo para poder gastar com o futebol feminino". (Gleide Costa)*

Chama a atenção nos discursos acerca das dificuldades, a questão da baixa remuneração. Já é sabido o porquê, não só no futebol, como também em outras modalidades, de o reconhecimento financeiro dispensado às mulheres e as condições de trabalho dada a elas serem diferentes e aquém daqueles dispensados aos homens. Quando indagadas sobre a estruturação da profissão de treinadora no Brasil, a maior parte diz que os acordos de trabalho são firmados por contratos, mas as respostas sobre as relações trabalhistas, em geral, são heterogêneas. Apenas Luana, entre todas as entrevistadas, relata ter tido carteira assinada e plano de saúde, enquanto a maioria alega que esse aspecto varia muito de clube para clube, além de concordarem também que se trata ainda de uma *"carreira incipiente"*. Contrastando com a realidade vivida por Luana em São Paulo, Neila, treinadora no Acre, é enfática ao dizer que se trata de uma profissão onde se *"tem que pagar para trabalhar"*. Por meio dessas narrativas, percebemos o quão discrepante é a condição de trabalho nos clubes em diferentes regiões do país. Não é novidade que a região paulista se destaca em termos de estrutura e desenvolvimento do futebol de mulheres, mas é urgente a necessidade de olhar para as demais regiões uma vez que os poucos campeonatos disponibilizados para elas são disputados por equipes de todo o Brasil. Ainda que haja a divisão em séries, criada recentemente, a disputa não ocorre em condições de equidade quando consideramos os meios, métodos e materiais de que cada clube dispõe para se preparar. As treinadoras se queixam disso e elucidam bem com exemplos práticos vividos na Copa do Brasil, como a heterogeneidade nas condições de trabalho e prática no futebol de mulheres prejudicam o desempenho em campo. Além disso fica claro que para quem atua no Acre, o Rio Grande do Sul, por exemplo, é referência no que diz respeito a estrutura. Já para quem atua nesse estado, as condições disponíveis são muito abaixo quando comparadas a São Paulo:

*Copa do Brasil deveria ser por região. Tipo, a seletiva por região porque a gente faz aqui, joga em Porto Velho, chega em Porto Velho você pega um time do Sul, que é um dos times bem preparados, com toda estrutura. Você já perde por ali, já vai em desvantagem. Essa Copa do Brasil deveria ser por região e depois quem jogasse fosse*

*como time de fora. Porque tem muita diferença a estrutura dos times da região Norte para a estrutura do time do Sul. (Neila Rosas)*

*Eu tive também duas passagens na Copa do Brasil, até tu pode ver que as passagens pela Copa do Brasil são assim: o campeonato é meio regionalizado e as equipes aqui do Rio Grande do Sul elas sempre pegam grandes equipes no primeiro enfrentamento. A gente nunca consegue pegar uma equipe mais fraca. Em 2014 a gente pegou a atual campeã da Copa do Brasil, Araraquara, a Ferroviária de Araraquara ali de São Paulo que era uma equipe que tinha ganho tudo naquele ano. Então conseguimos levar o jogo já para São Paulo, aqui foi três a dois para elas e lá foi dois a zero, foi até um resultado que dentro do comparativo entre as equipes, muito bom para a gente. (Patrícia Gusmão)*

Passando especificamente à questão da satisfação com o salário pago pelos clubes, as respostas obviamente também variam em função das diferentes realidades vividas pelas treinadoras. Mas, é possível afirmar que só consideram a remuneração como “de média para boa” aquelas que já tiveram oportunidade de atuar em clubes relativamente grandes. Ainda que considerem “*depende do clube*”, a maioria avalia a remuneração como aquém da ideal, como destaca Michele:

*“Acho que no contexto geral o futebol feminino é muito aquém e acredito que quem deve receber um salário considerável é quem está no alto escalão só”. (Michele Kanitz)*

Esse relato é rico porque nos atenta a descolar o olhar apenas da questão relativa ao gênero e passar a enxergar também o problema da elitização do futebol profissional dos homens. As treinadoras alegam, com exceção de uma, não terem tido experiências em que ganharam menos do que um homem dentro do futebol das mulheres. Ou seja, mulheres e homens que treinam mulheres recebem salários semelhantes, de acordo com as condições do clube.

Esse cenário muda quando a pergunta se refere a uma comparação entre treinadores e treinadoras do futebol de homens. Todas reconhecem a enorme discrepância existente entre os universos “masculino” e “feminino”, porém, destacam que os salários “astronômicos” são apenas para alguns treinadores e jogadores do futebol de espetáculo. Podemos tomar como referência para pensar esse cenário, as ideias de Damo (2005), que considera haver diferentes maneiras de praticar os futebolis, promovendo então a divisão de quatro matrizes principais sendo uma delas a matriz espetacularizada. É dessa matriz futebolística que as treinadoras falam ao

mencionar os salários exorbitantes pagos a jogadores e treinadores. Consiste de um futebol que segue as lógicas do capitalismo. De acordo com o autor, o futebol de espetáculo tem como principais características a organização monopolista, globalizada e centralizada; a intensa divisão social do trabalho dentro e fora de campo e; a excelência performática como uma exigência que se impõe de fora para dentro, por mediações oriundas de patrocinadores, empresários, interesses do público e afins (DAMO, 2005).

Dito isto, é preciso separar o futebol praticado nessa matriz espetacularizada, do futebol amador, das bases, ou mesmo do considerado profissional de séries mais baixas. Segundo as treinadoras, tendo aqui como porta voz Patrícia, a realidade de homens que atuam no futebol amador não é muito diferente da vivida pelas mulheres o futebol de mulheres:

*“[...] eu acredito que, claro, precise melhorar um pouco sim, mas que eu não vejo tanta diferença quanto em equipes amadoras ou que não sejam tradicionais aí no futebol”. (Patrícia Gusmão)*

Então, pudemos notar que, embora as treinadoras não considerem as condições de trabalho ideais e não estejam também satisfeitas com sua remuneração, toda essa carência parece ser latente no futebol de mulheres do Brasil e também no futebol praticado por homens fora da matriz do espetáculo. Por meio das narrativas dessa investigação, não podemos afirmar que as diferenças de remuneração sejam atribuídas ao sexo biológico de quem ocupa o cargo.

Toda essa conjuntura faz com que as pessoas que trabalham com o futebol de mulheres no Brasil tenham outras ocupações profissionais para complementar a renda mensal, como relata Gleide:

*“Infelizmente a gente tem que trabalhar em outras funções para poder trabalhar com o futebol feminino”. (Gleide Costa)*

Nesse sentido, Norman (2010) aponta que a baixa representatividade feminina como técnicas fundamenta-se no capital humano e social que homens e mulheres possuem. Para o autor, o capital humano refere-se ao treinamento, educação e experiências que o indivíduo acumula para sua qualificação profissional. Sendo assim, é uma grave ameaça à permanência e também à ascensão de mulheres dentro dos clubes de futebol o fato de acumularem funções, uma vez que, também conforme já

constatamos, a conciliação com a vida pessoal se torna difícil, pois o tempo disponível para capacitação e dedicação ao cargo fica escasso, e as oportunidades de crescimento profissional dentro do clube também podem passar. Adentra-se então, num ciclo vicioso e aparentemente com pouco potencial para ser superado já que o investimento no capital humano das treinadoras por parte de seus clubes é nulo; seus salários não condizem com os altos custos dos cursos disponíveis; a carga horária de trabalho é exaustiva pelo acúmulo de funções e, logo, o tempo disponível e dedicado ao aumento do capital em questão é reduzido.

Entretanto, ainda que constatemos uma realidade em que predomina a baixa representatividade das mulheres ocupando cargos de treinadora, podemos constatar também que o capital humano se manifesta de formas diferentes nos futebóis. Vimos que, no Brasil, o capital humano adquirido pelas treinadoras é superior àquele de dezenas de treinadores e ainda assim, os mesmos não são sub-representados em sua área de atuação. Além disso, as treinadoras entrevistadas apresentam alto capital humano, visto que possuem níveis altos de formação e capacitação, demonstrando ainda que o utilizam como ferramenta de subversão do *status quo* mesmo diante de todas as dificuldades mencionadas. Portanto, contrariando as ideias de Norman (2010), a trajetória das treinadoras apontam para o fato de que a baixa representatividade delas no campo não tem relação direta com baixos níveis de capital humano, uma vez que elas são altamente capacitadas para ocuparem o cargo, porém, ainda são impedidas pelo simples fato de serem mulheres.

Por sua vez, Ferreira (2012) atribuiu o *status* de “minoría” das mulheres em carreiras de gestão esportiva, aos baixos níveis femininos de capital social adquirido, sendo este, de acordo com Norman (2010), medido pela rede de contatos que a pessoa possui. Em relação ao capital social, é evidente que a visibilidade é um fator preponderante na aquisição de contatos e, por isso, as mulheres ainda sofrem com a dificuldade maior em adquirir esse tipo de capital quando comparadas aos homens. Tal assertiva se baseia em dados já apresentados nessa pesquisa, como por exemplo, a própria oferta de campeonatos que é muito reduzida para as mulheres, o que implica num menor campo de atuação e por conseguinte, em menor visibilidade e reconhecimento para o trabalho desempenhado. E também a maneira como são (ou como não são) noticiados os acontecimentos tangentes ao futebol de mulheres que invisibiliza aquilo que realmente interessa em relação à performance em detrimento da objetificação da mulher (RIHAN, 2016).

Mais uma vez, no que concerne às treinadoras deste estudo, atribuição feita por Ferreira (2012) não deve ser tomada como universal e verdadeira, uma vez que já foi possível identificar até aqui como o capital social adquirido das treinadoras, enquanto atletas e/ou estudantes de Educação Física aspirantes ao cargo, foi bem trabalhado por elas. Tanto que a grande maioria abriu portas de acesso ao campo por apresentarem experiência, alto capital humano e também social, já que os convites foram feitos e as carreiras impulsionadas por pessoas que compõem suas redes de contato.

As treinadoras demonstram plena consciência da importância da rede de contatos em sua profissão ao responderem a esse questionamento de maneira unânime: *“muito importante”* e *“é o mais importante”*. Elas ratificam a importância das redes para a abertura de portas e oportunidades de trabalho, conforme diz Macarena:

*“Sempre os contatos são importantes. [...]. Você precisa ter bons contatos para ter um bom trabalho, para você mandar um currículo para um bom lugar, que te recomendem, que falem de você, que te indiquem”.* (Macarena Celedon)

*“Se você tem uma boa rede de contato vai te ajudar muito, muito. Eu acho que sem rede de contato demora muito para você chegar”.* (Fabiana Guedes)

Porém, as redes de contato que possibilitam o acesso não necessariamente garantem a permanência. Ainda que reconheçam as redes de contato como importantes para o acesso ao campo, as treinadoras consideram que seja primordial para garantirem a permanência no cargo, mais uma vez, realizar um trabalho competente. Afirmam buscar incessantemente o aumento de suas redes de contato a fim de adquirir mais conhecimento na área.

*“Como eu te disse anteriormente, hoje para mim é o meu principal canal de contato e de aquisição de conhecimento também”.* (Gleide Costa)

*“[...] porque foi assim que me abriram muitas portas. De conhecer profissionais extremamente competentes, de conhecer estruturas, de saber um pouco da realidade de cada um”.* (Michele Kaintz)

Já em relação às perspectivas de ascensão na carreira, a maioria acredita estar “*melhorando*”, mas é presente em seus discursos, a necessidade de incentivos advindos de clubes, políticas públicas e afins, como relatam Neila e Fabiana, respectivamente:

*“Mais apoio nas equipes de futebol, os times de profissionais masculinos deveriam dar mais apoio para os times femininos. E até do governo.”* (Neila Rosas)

*“[...] agora a gente está tendo umas novas leis aí que estão deixando os treinadores e jogadores mais tranquilos [...]”.* (Fabiana Guedes)

Essa esperança na modalidade e na carreira talvez tenham sido alimentadas pelo cenário criado em torno do futebol de mulheres no ano de 2016, no que tange a ações promotoras, criação de um Comitê de Reformas dentro da CBF e aos Jogos Olímpicos sediados em nosso país. Por outro lado, o mesmo momento histórico-político aparentemente favorável ao futebol de mulheres, foi marcado pelo golpe misógino aplicado por nosso Governo.

No ano de 2016 a presidenta eleita legitimamente Dilma Rousseff, teve seu mandato cassado após longo e controverso processo no Congresso Nacional. O próprio Portal de notícias do Senado, em reportagem do dia 28 de dezembro de 2016<sup>23</sup>, intitulada “Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 o Congresso e no Brasil”, destacou:

O processo foi marcado por grandes controvérsias. Em 8 de dezembro, o Plenário da Câmara elegeu, em votação secreta, uma chapa avulsa com nomes da oposição para compor a comissão especial que analisaria o pedido de impeachment. O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, e o então advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, defenderam a anulação da votação secreta para eleger a comissão especial. (REDAÇÃO SENADO NOTÍCIAS, 2016)

Após acusações e defesas, o golpe se concretizou e Michel Temer assumiu a presidência do Brasil. Sabemos que o futebol, bem como quaisquer outras instituições ou fenômenos sociais não se dissociam do que está posto no cenário macro de nossa sociedade. A misoginia claramente perceptível nos ataques à ex-presidenta se faz presente também na CBF. Embora tenha havido esforços para pensar e promover o

<sup>23</sup> Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>, acesso em 30 de julho de 2018.

futebol de mulheres, aparentemente no que depender da Confederação, continuaremos “entre avanços e retrocessos”.

Em fevereiro de 2016, a CBF iniciou as atividades do chamado Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro<sup>24</sup>. Composto por dezessete membros, o Comitê contou com a presença de apenas duas mulheres: Ana Paula Oliveira (diretora-secretária da Escola Nacional e Arbitragem de Futebol) e Miraildes Maciel Mota (“Formiga”, ex-jogadora da Seleção Brasileira de Futebol). Os temas apresentados como pauta para as discussões do Comitê consistiam em dezesseis. O oitavo deles era “Futebol feminino: desenvolvimento do futebol feminino no Brasil”. Ficou estabelecido que os membros se reuniriam com frequência mensal, com algumas teleconferências quinzenais e que contaria também com grupos de trabalho responsáveis por desmembrar os debates sobre os temas específicos.

Somado a isso, com o mau desempenho da Seleção Brasileira de Futebol masculino no início dos Jogos Olímpicos disputados no Rio de Janeiro e o concomitante sucesso das mulheres, os olhares da sociedade se voltaram com maior atenção e reconhecimento à performance delas. Foi um momento em que muito se falou sobre o futebol de mulheres brasileiro na mídia, nas redes sociais e nas conversas informais. Houve um momento de grande visibilidade, mas ainda muito atrelado a comparações impertinentes com o futebol masculino e que, invariavelmente, cessou após a conquista do campeonato por parte deles e a simultânea eliminação da seleção das mulheres.

Assim como o repentino apoio ao futebol de mulheres parece ter sido condicionado e motivado pelo mau momento vivido pela seleção dos homens, a motivação para a criação do Comitê e para o aparente acolhimento das propostas cuidadosamente estruturadas pelo Grupo de Trabalho, parecem ter sido estratégias em prol do cumprimento de exigências da FIFA e não necessariamente objetivando o desenvolvimento do futebol. De acordo com a jornalista Luciane de Castro, em texto<sup>25</sup> escrito ao site “Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil” (Portal CTB):

“(…) o grupo, formado para pensar soluções para o desenvolvimento da modalidade muito em razão de exigências da Fifa para liberações do dinheiro do legado da Copa, não tem caráter decisório, apenas opinativo, ou seja, pode ser que todas as sugestões formuladas,

---

<sup>24</sup> Informações completas disponíveis no site da CBF <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-lanca-comite-de-reformas-do-futebol-1>>.

<sup>25</sup> Texto intitulado “Grupo de Trabalho de Futebol feminino. A matrix é aqui: não é o que estão vendo!”

cuidadosamente pensadas e articuladas entre os membros do grupo, transformem-se apenas em figuração.”

De acordo ainda com Luciane de Castro, agora em texto escrito<sup>26</sup> ao site Ludopédio, o grupo contava com planos bem traçados, um projeto de desenvolvimento muito bem desenhado por especialistas de várias áreas, mas de fato, teve um percentual baixíssimo de implementação das diretrizes indicadas e abalizadas pela própria CBF.

Entretanto, ainda assim, esse período foi marcado por movimentações que deixaram as mulheres do “mundo da bola”, no mínimo, otimistas. Inferimos que os discursos das treinadoras acerca da modalidade e da perspectiva de ascensão do futebol de mulheres partam desse emaranhado de fatores e também de outras propostas que ficaram eminentes no mesmo período, como podemos observar na fala de Patrícia Gusmão:

*“[...] o futebol feminino vai ter um salto muito grande agora com essa obrigatoriedade que a CBF, a CONMEBOL colocaram [...]”.*

A treinadora se refere ao licenciamento<sup>27</sup> criado pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), que prevê a obrigatoriedade de times de homens que queiram continuar a disputar a Copa Libertadores da América e a Copa Sul-Americana em manter equipes de mulheres a partir do ano de 2019.

Outro fator que pode justificar o otimismo é o que Monteiro (2016) observou em seu estudo sobre a trajetória de árbitras de futebol no Brasil. O autor, embasado nas ideias de Goellner e colaboradoras (2013), sobre a representação da “mulher referência”, acredita haver o empoderamento da mulher pela mulher dentro do subcampo da arbitragem, e defende ser fundamental que as mulheres tenham outras mulheres como referência em áreas de atuação nas quais ainda estão sub-representadas. No caso das treinadoras de futebol, em nível nacional, a referência veio também no ano de 2016, quando uma mulher pela primeira vez assumiu o comando da Seleção Brasileira de Futebol de mulheres. Emily Lima, até então treinadora da equipe do São José (São Paulo), foi citada por várias colaboradoras de nosso estudo como uma referência para elas:

---

<sup>26</sup> Texto intitulado “As mulheres do futebol entre a esperança e a desconfiança”.

<sup>27</sup> Leia mais em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2016/09/clubes-terao-quer-times-femininos-partir-de-2019-para-jogar-libertadores.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

*“A gente já vê a técnica no feminino... Hoje em dia uma mulher. Eu acho que já está progredindo muito já [...] Foi uma boa da CBF ter colocado a... Ela... A técnica do futebol feminino porque vai dar mais vontade das outras que têm medo de seguir essa carreira [...]”.* (Neila Rosas)

*“Olha, como a Emily assumiu a seleção, e foi todo aquele barulho, isso ajudou muito para que as pessoas começassem a olhar que a mulher também pode ser treinadora. [...]. Agora, com a chegada da Emily na seleção, abriu portas, muitas”.* (Fabiana Guedes)

Emily Alves da Cunha Lima, infelizmente não pôde conceder entrevista ao nosso estudo, porém, no ano de 2015 falou sobre sua trajetória em entrevista concedida ao Projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino”<sup>28</sup>. Por se tratar da maior referência nacional como treinadora, é importante destacar a semelhança encontrada entre seus percursos e aqueles narrados pelas treinadoras desta investigação. Assim como a maioria, Emily relata ter começado suas experiências esportivas na infância, incentivada por seu pai e seu irmão. Assim como suas pares, também não gostava das brincadeiras instituídas como “de meninas” e se aventurava pelos campos. Ainda com 13 anos já havia passado em um teste para jogar em um clube e assim iniciou sua carreira como atleta. Em relação a transição da função de atleta para a de treinadora, Emily relata que despertou para o desejo de ser Supervisora quando atuava como jogadora em Portugal. De acordo com ela, a motivação surgiu porque gostaria de fazer um trabalho mais transparente com as atletas do que aquele que fizeram com ela. Para tal, além da graduação em Educação Física, começou a fazer cursos ainda no continente Europeu e continuou a se capacitar quando retornou ao Brasil. O primeiro cargo como treinadora, bem como aconteceu com as demais, foi advindo de uma indicação oriunda do trabalho já desenvolvido em campo e também fora dele. Emily foi treinadora do Juventus (São Paulo), posteriormente atuou pela Seleção Brasileira de futebol masculino na categoria Sub-17, teve uma boa passagem pelo São José (São Paulo) até ser nomeada treinadora da Seleção Brasileira de futebol de mulheres na categoria adulta.

Foi um marco importante para o futebol de mulheres o fato de uma mulher comandar a seleção e isso reverberou como motivação para que cada vez mais mulheres ocupem cargos como este. Emily foi nomeada no dia primeiro de novembro de 2016 e comandou a seleção até o mês de setembro de 2017. Estreou com vitória,

---

<sup>28</sup> Entrevista disponível no site do CEME, aba “Entrevistas”, subtítulo “Futebol Feminino”

manteve a boa campanha por sete partidas consecutivas, mas bastaram algumas partidas em que não obteve vitória para que fosse demitida. Cabe destacar que as partidas em questão foram disputadas com adversários superiores ao Brasil no Ranking mundial, escolhidos pela própria treinadora a fim de testar e melhorar o trabalho desenvolvido até então.

A demissão da treinadora foi arbitrária e controversa, semelhantemente ao golpe do nosso Governo. Não foi dado à Emily tempo e nem mesmo houveram competições oficiais disputadas no período de sua atuação para funcionarem como parâmetro de avaliação do trabalho. Além disso, vinte e quatro das vinte e seis atletas que compunham a seleção, entregaram uma carta assinada a Marco Polo Del Nero<sup>29</sup> pedindo a manutenção da treinadora no cargo. Mesmo com o apoio das atletas, as manifestações de ex-atletas renomadas e até mesmo os anúncios de retirada da seleção por parte de atletas como, por exemplo, Cristiane, Rosana e Maurine, a decisão foi mantida e o cargo foi novamente entregue a um homem.

A repercussão midiática foi grande e superou os limites do território brasileiro. Diante do “barulho” alcançado pela mobilização das mulheres, o então presidente da CBF convoca assinantes da carta para uma reunião na entidade (fato inédito) e na ocasião, instalou-se o Comitê de Futebol Feminino. Retomando o texto já citado de Luciane de Castro, causa estranheza essa ação já que não foi acatada a manifestação das atletas acerca da manutenção de Emily no cargo:

Por que desconfio dessa abertura mágica na conversa com a CBF? Simples: se houvesse real interesse em ouvir o que as mulheres do futebol tem a dizer, a carta enviada ao presidente na ocasião da véspera da demissão de Emily, seria considerada e acatada, já que NINGUÉM melhor que as atletas para saber o que é um bom e um mau trabalho. E a posição de todas era a mesma: trabalho nunca antes feito por lá. Outro fato que requer muito da nossa atenção: 2018 é um ano chave para Del Nero. A partir do momento em que a carta aberta ganha espaço em mídias internacionais, com uma forcinha extra das declarações inadequadas e pretensiosas do coordenador Marco Aurélio Cunha, a atitude de convocar um grupo para a formação de um comitê específico na entidade toma um caráter eleitoral. (LUDOPÉDIO, 2017)

De fato, após apenas três reuniões em dois meses, a CBF anunciou a extinção do Comitê recém criado, confirmando o que nos propõe pensar a jornalista sobre a

---

<sup>29</sup> Presidente da CBF na ocasião

falsidade nas ações da entidade no que concerne ao real interesse no desenvolvimento da modalidade.

Mesmo com uma curta trajetória no comando da seleção brasileira do futebol de mulheres, cabe a reflexão sobre o quanto representou para outras mulheres ter uma igual à frente da seleção nacional e, mais ainda, o quanto significou deixar de tê-la frente à magnitude das manifestações após sua demissão. A treinadora Gleide, expressou sua visão acerca da ocupação do cargo por uma mulher e parecia prever o que poderia acontecer:

*“Então, a gente vê a evolução da modalidade a passos curtos eu diria, porém, com esse advento das licenças CBF [...], eu acho que vai abrir espaço sim [...]. Hoje a gente tem uma treinadora na Seleção que tem uma responsabilidade grande... De fracasso ou de sucesso. Se fizer sucesso eu diria então que isso vai ser bom para todas as mulheres. Caso fracasse, nós mulheres vamos sofrer mais ainda”. (Gleide Costa)*

De fato, ao contrário do que foi 2016, o ano de 2017, como bem pudemos ver através das mudanças nas regras dos campeonatos nacionais oficiais (criação da série A2 no campeonato brasileiro mas com simultânea extinção da Copa do Brasil), caminhou na contramão das oportunidades e do incentivo às treinadoras e também à modalidade.

Ainda assim, elas resistem. Não faz parte dos planos da maioria das treinadoras desistirem de suas carreiras. Elas preferem responder (e agir) exatamente com ele: o trabalho.

*“Desistir nunca [riso]. Tiveram muitas coisas que me deixaram bem chateada, mas bem pelo contrário, foram situações que me fizeram querer mais. Em vez de ser uma situação que me colocasse para baixo, foram situações que eu sempre tentava trazer para o lado positivo para mostrar para as pessoas o meu lado profissional e quem eu sou”. (Michele Kanitz, grifos nossos)*

Ainda que persista um esforço em manter a hegemonia dos homens no futebol e marginalizar as mulheres, relegando sua atuação profissional a modalidades socialmente construídas como “femininas”, colocando em suspeição suas feminilidades e sexualidades, questionando sua competência e desvalorizando financeiramente seu trabalho, as treinadoras de futebol de mulheres do Brasil

apresentam em suas trajetórias estratégias eficazes de inserção, permanência e ascensão nesse campo.

#### 4 “RESENHA” FINAL

As trajetórias das treinadoras do futebol de mulheres no Brasil remetem-nos ao título deste trabalho, cujo trecho “À beira do gramado ou fora do jogo”, funciona como uma metáfora para elucidar o que acontece em suas carreiras: elas estão à beira do gramado como treinadoras, desempenhando suas funções de maneira plena ou será que, na realidade, estão à margem de um jogo onde o domínio e a vitória, no fim, ainda são dos homens? As narrativas de nossas colaboradoras nos levam a crer que mesmo ocupando essa posição, o jogo ainda não é “jogado” em condições de equidade.

A investigação nos permitiu cumprir os objetivos traçados a *priori*. Foi possível compreender que o processo de inserção e permanência das treinadoras nas comissões técnicas se dá pelo alto grau de capacitação que possuem bem como em função do bom desempenho apresentado enquanto atletas e profissionais da Educação Física. Contrariando o que a literatura diz e o que vemos em outros espaços nos quais as mulheres ainda são, de certa maneira, interdidas, a maioria delas foi convidada por homens a ocuparem o cargo de treinadora com base na percepção deles acerca do domínio de habilidades e características necessárias ao desempenho da função, tais como inteligência tática, liderança e coragem. O fato de possuírem a formação em Educação Física e também especializações e cursos específicos sobre futebol e treinamento, foram pontos positivos para a inserção das treinadoras no meio e se apresentam como fundamentais para sua permanência. Pelo simples fato de serem mulheres, elas têm a competência testada a todo tempo e são constantemente cobradas quanto aos resultados apresentados. Portanto, elas enxergam na capacitação, a garantia de sucesso e obtenção de resultados através do trabalho árduo desempenhado com base em muito estudo e dedicação.

Ainda que se capacitem e apresentem resultados satisfatórios, às mulheres não é atribuído o reconhecimento ideal pelo trabalho desempenhado, principalmente no que tange à remuneração. O estudo nos permitiu concluir que o futebol de mulheres, em geral, independente do gênero da pessoa que ocupa a função de treinadora, está muito aquém do futebol masculino. Há ainda uma ressalva importante a se fazer: a remuneração dispensada aos e às profissionais que atuam no futebol de mulheres do Brasil é astronomicamente inferior àquela oferecida aos profissionais do futebol masculino de espetáculo. De acordo com as treinadoras, os homens que atuam no

futebol de mulheres também são mal remunerados, assim como aqueles que treinam homens, porém, no âmbito do futebol amador ou até mesmo na esfera do profissional, mas em clubes de menor expressão nacional. A baixa remuneração faz com que as treinadoras tenham que acumular trabalhos para que possam viver com dignidade e, para além disso, algumas delas alegam ter a necessidade de trabalhar em outros empregos para que possam gastar com o futebol de mulheres em função das precárias condições nas quais a maioria das equipes se encontram.

As treinadoras acreditam em possibilidades de ascensão em meio às novas regras impostas pelos órgãos responsáveis pelo futebol do Brasil e da América, que dizem respeito à obrigatoriedade dos clubes em possuir também a equipe de mulheres. Há o vislumbamento de que surjam oportunidades para a atuação de mais mulheres nessas novas equipes uma vez que as legislações preveem essa ocupação também de maneira obrigatória. Além disso, conquistas recentes de suas semelhantes, como, por exemplo, a passagem de uma treinadora pela Seleção Brasileira de Futebol de mulheres, também funcionam como fatores motivadores para as treinadoras acreditarem que há espaço para ascenderem na profissão, ainda que enxerguem muitas barreiras, além de considerarem a carreira como ainda incipiente e em condições aquém das ideais e daquelas oferecidas aos homens.

Importante destacar que mesmo em meio aos desafios a elas impostos, as treinadoras não pretendem desistir de suas carreiras. Elas pontuam as dificuldades que encontram e as colocam como desmotivadoras em certos momentos de suas trajetórias. Entretanto, esses embates são insuficientes para que elas considerem a possibilidade de não trabalhar com aquilo que mais amam, desde quando escolherem a carreira de atletas e/ou profissionais da Educação Física: o futebol. Conforme atestado por Gleide:

*“[...] é o lugar que eu mais gosto de estar. É a profissão que eu queria poder exercer com a devida condição que eu acharia justa e uma boa remuneração. [...] desistir, essa palavra é muito forte. Eu não pretendo desistir. Na realidade, de muita coisa eu não abro mão na minha vida não. Eu pretendo seguir”. (Gleide Costa)*

O excerto destacado acima representa a força e a determinação das treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. Elas resistem e lutam desde o momento em que decidiram praticar esportes, praticar o futebol e/ou o futsal. Para pessoas que passaram a vida resistindo, desistir não é possibilidade.

As trajetórias das treinadoras traduzem a eminente resistência oferecida pelas mulheres em espaços tradicionalmente reservado aos homens e apontam para a eficácia das estratégias de subversão utilizadas, as quais abalam as relações de poder estabelecidas nesse campo e colocam em questão os discursos de interdição instituídos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Vol.1 e 2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1949].

AGUILAR, Márcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 36-44, mar. 2017.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York: Routledge, 1990.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.: Est.**, v. 24, n. 1, 2014.

COELHO, J.. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Time Brasil: nos jogos Olímpicos Rio 2016, o Time Brasil levará a maior delegação da sua história**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/vagas-para-rio-2016/numeros-do-time-brasil>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

COSENZO, L. Só 9 técnicos da Série A poderiam ficar no cargo em 2019 com nova regra. **Folha de São Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/05/1888487-so-9-tecnicos-da-serie-a-poderiam-continuar-no-clubes-com-nova-regra.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

DAMO, A. S. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Revista Gênero**. Niterói, v.7, n.2, p.137-152, 2007.

\_\_\_\_\_. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. **Anais... VII Seminário Fazendo Gênero. Práticas corporais e esportivas**. ST 21, 2006.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

DORNELLES, P. G. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural**. Monografia (Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde). Porto Alegre: EEF/UFRGS, 2004.

FALCÃO, M. F. L. V.; CAMARGO, F. P. “Humilhados E Ofendidos”: O internato enquanto espaço de homosociabilidade. **Revista Literatura em Debate**, v. 10, n. 18, p. 88-105, ago. 2016

FÉLIX, J. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 135-154.

FERNANDES, V. **Mulheres de ouro**: trajetória e representações de mulheres atletas de lutas. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Juiz de Fora: Faefid/UFJF, 2014.

FERREIRA, H. J. *et al.* A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

\_\_\_\_\_. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Viçosa: UFV, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2011a.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17 ed. São Paulo: Graal, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos**: Estratégia, poder-saber. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, Dez. 2005 .

FREITAS, S. M. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP – Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina**: Imagens da mulher na Revista Educação Physica. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.

\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

GOELLNER, S.; JAEGER, A. A. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENWITZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Gênero**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-43.

GOMES, E. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas.** Tese (Doutorado em Educação Física) Rio de Janeiro: Curso de Educação Física/UGF, 2006.

JAEGER, A. A. et al. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, Vol. 16, n. 1 (jan./mar. 2010), p. 245-267, 2010.

KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol das mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2015.

KILTY, K. Women in coaching. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 2, p. 222-234, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Série Antropológica, n. 284, Brasília, p. 2-19, 2000.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo história oral e memória. **Cadernos**, v. 5, 1994.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral.** 5 ed. São Paulo, 2005.

MENNESSON, C. **Être une femme dans le monde des hommes: Socialisation sportive et construction du genre.** Paris: L'Harmattan, 2005.

\_\_\_\_\_. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans un sport dit «masculin». In: **Dispositions et pratiques sportives: débats actuels en sociologie du sport** (Société de Sociologie du Sport de Langue Française). Paris: L'Hamattan, 2004, p. 37-53.

MENNESSON, C.; CLÉMENT, J. P. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. In: **International Review for the Sociology of Sport**, 2003, p. 311-330.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. 406 p.

MONTEIRO, I. C. **Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional.** **Dissertação (Mestrado em Educação Física).** Juiz de Fora: Faefid/UFJF.

NORMAN, Leanne. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport**, v.81, n.4, p.506-518, dez. 2010.

NORONHA, M. P. (Des)construindo identidades: Ambiguidades, estereótipos e luta política nas relações mulher-futebol. In: KESSLER; C. S. (Org.). **Mulheres na Área – gênero, diversidades e inserções no futebol**. Editora UFRGS, 2016.

OLIVEIRA, G. A. S.; TEIXEIRA, A. P. O. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 101-119, 2009.

PFISTER, G.; RADTKE, S. Mulheres Tomando a Liderança ou mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 91-129, 2007.

PISANI, M. S. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

READE, I.; RODGERS, W.; NORMAN, L. The under-representation of women in coaching: A comparison of male and female Canadian coaches at low and high levels of coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 4, p. 505-520, 2009.

RIHAN, T. M. **A mídia esportiva e o futebol de mulheres: o que noticiam sobre elas?** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Juiz de Fora: Faefid/UFJF, 2016.

ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 219-237, 2012.

ROMERO, S. M. T.R. **Gestão da diversidade de gênero nas organizações: estudo de casos múltiplos sobre homens e mulheres iguais nas desigualdades**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: LOURO, G. L. Louro. 1 ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Estudo etnográfico no futsal feminino: discutindo esporte e homossexualidade. **Anais... XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador, Bahia, Brasil 20 a 25 de setembro de 2009**.

SOARES, J. P. F. **O doce amargo sabor do envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Juiz de Fora: Faefid/UFJF, 2014.

\_\_\_\_\_. *et al.* Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso. **Movimento**. Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 107-118, jan./mar. de 2018.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBER, M. **Economia y Sociedad**. 3 ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

## ANEXO I



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DONAS DA BOLA: AS TREINADORAS NO FUTEBOL DE MULHERES DO BRASIL

**Pesquisador:** Ludmila Mourão

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 64221917.9.0000.5147

**Instituição Proponente:** Faculdade de Educação Física

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.947.687

**Apresentação do Projeto:**

Apresentação do projeto esta clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, item III.

**Objetivo da Pesquisa:**

O Objetivo da pesquisa está bem delineado, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, item 3.4.1 - 4.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e estão adequadamente descritos, considerando que os indivíduos não sofrerão qualquer dano ou sofrerão prejuízo pela participação ou pela negação de participação na pesquisa e benefícios esperados. A avaliação dos Riscos e Benefícios estão de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, itens III; III.2 e V.

## ANEXO II



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Senhora está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa: **“Donas da bola: as treinadoras no futebol de mulheres do Brasil”**. Este estudo pretende conhecer as trajetórias de treinadoras de futebol de mulheres no Brasil e assim, analisar as possíveis razões associadas à baixa representatividade delas nesse campo.

Os motivos que nos levam a essa investigação são a escassez de pesquisas sobre a participação das mulheres em comissões técnicas, especialmente no futebol brasileiro, bem como a necessidade de compreender esse campo e os desdobramentos das relações de gênero nessas organizações.

Para esse estudo, será adotado o método de pesquisa qualitativo de caráter descritivo, ou seja, com foco na descrição das percepções pessoais, a partir da perspectiva e dos discursos das participantes da investigação. A técnica de coleta de dados será a entrevista individual.

Para participar deste estudo a Senhora não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A Senhora terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, podendo retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendida pela pesquisadora.

A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão e a Senhora não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar.

Trata-se de um estudo com **risco mínimo**, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, caminhar, etc. Apesar disso, a Senhora tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo, serão destruídos. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a Senhora.

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos da pesquisa "**Donas da bola: as treinadoras no futebol de mulheres do Brasil**" de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisadoras Responsáveis:**

Ludmila Mourão

Telefone: (21) 98169-8117

E-mail: mouraoln@gmail.com

Mariana Cristina Borges Novais  
Telefone: (32) 99138-3611  
E-mail: maribnovais@hotmail.com

**CEP (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos)**

Pró-Reitoria de Pesquisa – UFJF

Dias de atendimento: de segunda-feira às sextas-feiras.

Horário de Atendimento: de 9 h às 12 h, e de 13 h às 17 h.

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Telefone: (32) 2102-3788

Endereço: Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n -  
Campus Universitário, Bairro São Pedro - CEP: 36036-900 - Juiz de Fora – MG.

## APÊNDICES A

### ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA PARA TREINADORAS

#### 1) As treinadoras de futebol de mulheres no Brasil

Nome:

Idade:

Nacionalidade:

Naturalidade:

Etnia autodeclarada:

Estado Civil:

Filh@s:

Quant@s:

Escolaridade/Formação:

Profissão ou profissões:

Tempo de dedicação à(s) profissão(s):

#### 2) Rememorando experiências esportivas

2.1. Como era sua relação com o esporte durante a infância? E na juventude?

2.2. Como foi o início de sua participação no futebol?

2.3. Alguém te incentivou e apoiou?

2.3.1. Quem?

2.4. Por quem você foi treinada?

2.4.1. Como é ser treinada por homem e por mulher?

2.5. Como as pessoas percebiam sua participação nesse esporte?

2.6. Estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de algum preconceito?

2.6.1. Descreva uma situação que tenha marcado a experiência do preconceito.

### **3) A carreira de treinadora: primeiras experiências**

3.1. Como sua carreira começou?

3.2. Alguém foi fundamental durante o seu processo de inserção nesse campo de atuação?

3.2.1. Quem?

3.3. Houveram dificuldades para começar essa carreira? (Perante a família, amigos, dirigentes, colegas de comissão e atletas).

3.3.1. Quais?

3.3.2. Como você venceu essas dificuldades?

### **4) Desafios, resistências e perspectivas de ascensão na carreira:**

4.1. Fale um pouco sobre suas atuações, passagens por clubes, temporadas, campeonatos e afins.

4.1.1. Nos clubes em que atuou, você exerceu outras funções que não a de treinadora?

4.1.2. Dentro da comissão técnica existe uma progressão hierárquica na ocupação dos cargos?

4.2. O que você considera importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

4.3. Qual a importância da capacitação na atuação como treinadora?

4.3.1. Você realizou curso de formação específico para ser treinadora?

4.3.2. Qual?

4.3.3. Como foi esse processo?

4.3.4. Caso não tenha realizado, como e onde se capacitou para ocupar o cargo?

4.4. Qual a importância das redes de contato nesse campo de atuação?

4.5. Como é, em geral, estruturada a profissão de treinadora de futebol em nosso país?

4.5.1. Está satisfeita com sua remuneração?

4.5.2. Considera-a compatível com a dos treinadores de futebol de mulheres?

4.5.3. E em comparação aos treinadores de futebol de homens?

4.5.4. Como são as condições de trabalho?

4.5.5. Como é o processo de formação da sua comissão?

4.5.6. Como é o processo de convocação e formação da equipe?

4.5.7. Como é a sua relação com as pessoas lideradas por você?

4.6. Você possui outra ocupação profissional?

4.6.1. Qual?

4.6.2. Por que?

4.7. Como se dá a conciliação entre vida pessoal e carreira profissional?

4.8. Você enfrenta algum tipo de dificuldade para permanecer no seu cargo?

4.8.1. Que tipo de dificuldade?

4.9. O que garante a permanência de mulheres como treinadora de futebol?

4.10. Como você analisa as oportunidades de ascensão para mulheres que ocupam esse cargo no Brasil?

4.11. Quais suas expectativas futuras como treinadora?

4.11.1. Você gostaria de trabalhar em equipes de futebol de homens?

4.12. Há algo que te faça pensar em desistir?

4.12.1. O quê?

Por favor, gostaria de fazer algum comentário, deixar algum depoimento ou expressar algo que envolva os temas abordados nesta entrevista, mas não foi questionado?

## APÊNDICE B

### DISCURSOS/REPRESENTAÇÕES DE TREINADORAS DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

Número da entrevista: 01

Entrevistada: Talita Oliveira (T1)

Idade: 27 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Belo Horizontina

Etnia autodeclarada: Negra

Estado civil: Solteira

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Licenciatura e Bacharelado em Educação Física

Profissão ou profissões: Treinadora de Futebol e Professora de Natação

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): Todos os dias. Natação pela manhã e à tarde. Futebol à noite.

**T1.** – “Meu nome é Talita Oliveira, tenho vinte e sete anos. Brasileira, natural de Belo Horizonte, etnia negra. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Atuo como Auxiliar técnica do América de futebol feminino e trabalho com natação infantil também no Colégio CSM. Todos os dias eu trabalho com as duas modalidades. Parte do dia eu trabalho com a natação. De manhã e à tarde... Horários mais específicos, não o dia todo. E a noite eu trabalho com o futebol”.

**M.N.** – Eu vou começar, lhe perguntando sobre sua relação com o esporte. Como você começou, então desde a sua infância, como foi a sua relação com o esporte?

**T1.** – Bom... Eu sempre pratiquei esporte. Desde os quatro anos eu sempre fiz natação e sempre fui ligada a todo tipo de esporte. Eu fazia é... Vôlei, futebol, natação... Joguei handebol, basquete, todos esses esportes eu passei. É... Tanto dentro da escola, que às vezes não era muito, mas fora eu participei de várias escolinhas e tal. E eu nadei por catorze anos, dos quatro aos dezoito, e nesse meio tempo, nos quinze anos eu comecei a jogar o futebol também. E aí eu comecei a me identificar muito com o

futebol. A partir dos quinze anos eu... Veio surgindo essa paixão assim pra treinamento mesmo aí eu comecei a treinar. Depois disso eu larguei a natação e fiquei só com o futebol. Larguei assim, é... Fiquei um tempo fazendo os dois depois comecei a praticar somente o futebol. E aí eu comecei a fazer faculdade, trabalhei com natação e aí veio o convite para trabalhar com o futsal e em seguida veio o convite para trabalhar com o futebol de campo.

**M.N.** – E alguém te incentivou nessas práticas esportivas?

**T1.** – Ah, minha mãe sempre... Desde nova ela sempre quis que eu fizesse esportes. Eu tinha problema de crescimento, então eu tomava remédios para poder desenvolver ossos e tal. E ela sempre me levou, principalmente na natação e foi um impulso. Foi o primeiro passo para eu poder entrar nessa caminhada. E a partir daí eu já sabia que eu iria fazer Educação Física e eu acho que se eu batesse o pé para fazer outra coisa ela também não ia deixar não [riso]. Então foi bem assim mesmo. Desde novinha já fui descobrindo a paixão pelo esporte e... Até chegar onde a gente está hoje.

**M.N.** – Legal. E em relação ao futebol, você também sempre teve esse incentivo da sua família?

**T1.** – Não muito. É... Futebol ele é muito complicado. Principalmente para mulher. A gente sofre muitos preconceitos. É...: “Futebol não é coisa de mulher”, “Vai machucar”, é... Muita gente vê a gente como o sexo frágil e às vezes quer proteger e tal aí acaba ofendendo. Então tem vários fatores. *Hoje*, como eu trabalho *profissionalmente* com isso é muito mais tranquilo. Mas antes, eu tive muita dificuldade. Minha mãe já pediu várias vezes para eu sair do futebol porque eu não tinha tempo para ficar em casa. Final de semana a gente não fica em casa. Minha madrinha então, *nossa*, foi uma [palavra inaudível] muito grande. Agora aqui já está muito mais tranquilo, um reconhecimento depois do nosso esforço, de tanto trabalho ele acaba surgindo mas até chegar aqui foi bem difícil.

**M.N.** – E você se recorda, nessa sua trajetória, de ter sofrido preconceito? Algo te marcou nesse sentido?

**T1.** – [Silêncio] Ah... Sem dúvida. Várias coisas, tanto internamente quanto externamente. Às vezes a gente está ali trabalhando, vem comentários inadequados, algumas insinuações... É... De família mesmo ou até mesmo de amigos, então isso acontece bastante e ainda acontece. Aconteceu e ainda acontece.

**M.N.** – E você, nessa trajetória, foi treinada por quem?

**T1.** – Bom... No... Eu passei pelo Atlético, lá eu treinei com o Getúlio. Foi o treinador de futebol que tivemos a partir de...Ah eu não vou lembrar a data mais ou menos mas 2004 ele estava no Atlético. Eu não lembro exatamente datas. É... Passei por ele no campo. A partir daí eu saí do Atlético, participei de outras equipes, então eu tive, é... Celestino, tive... Deixa eu ver quem mais... Alguns treinadores que trabalham aqui em Belo Horizonte e no futsal eu trabalhei com a Mariela que é uma grande treinadora aqui em Minas, de futsal. Eu me inspiro muito nela, até. Pelo fato de eu ter começado no futsal, eu acho ela uma profissional incrível e de um conhecimento muito grande. Então ela para mim é uma das melhores treinadoras aqui em Belo Horizonte, não sei, talvez em Minas Gerais.

**M.N.** – E você achou diferente ser treinada por homens e ser treinada por essa mulher?

**T1.** – *Sim.* É diferente. Igual... Eu tive... São... Na verdade depende muito. Eu esqueci de citar também, eu fui treinada pelo Eder e pelo Rafael que foram treinadores assim... No campo, que trabalharam comigo no Santa Cruz que... Os caras são excepcionais. Então acho que vai muito do empenho de cada um, vai muito do tato de cada um. Não é só porque é homem que não pode treinar o feminino... Não é só porque é mulher que não pode treinar o masculino. Só que eu acho que tem muitas pessoas que não entendem isso. Eu acho que, principalmente, no futebol masculino. A gente não vê treinadoras em futebol masculino e no feminino quase nenhuma. São muito poucas. Então tem ainda esse tabu a ser quebrado, mas eu acredito que isso vá muito de cada treinador. O nosso treinador por exemplo que eu tenho o prazer de trabalhar com ele que é o Victor Alberice, ele é... É um cara assim, super estudioso, sempre quer ajudar as meninas. Então isso vai muito de cada um.

**M.N.** – E o seu desejo de ser treinadora. Você contou um pouco do futebol aos quinze anos... Como surgiu, como foram seus primeiros passos?

**T1.** – É... Eu venho de algumas lesões no joelho. Então eu tive muita dificuldade, principalmente, para aceitar essa questão minha com essa condição física. E a partir daí eu fui abrindo um pouco mais a... O meu campo de visão, para quem sabe, trabalhar de outra forma no futebol. Então, é... Eu jogando, eu tive o convite de assumir uma equipe de futsal em Itabirito e aí a partir do convite foi que eu comecei a despertar esse interesse. Como eu já tinha trabalhado com várias pessoas que hoje me inspiraram, que no caso é o Eder e a Mariela, eu pensei: Por que não? Então, a partir daí, eu comecei a estudar, a buscar alternativas e formas para poder seguir os passos deles. Então, foi a partir daí que surgiu meu interesse. Eu estava jogando e me convidaram para assumir essa equipe e a partir daí eu nunca mais saí.

**M.N.** – Bacana. Houve alguma dificuldade perante família, amigos, os próprios colegas de profissão nesse seu início de carreira como treinadora?

**T1.** – *Nossa, muita.* Primeiro porque Itabirito fica a quase setenta quilômetros daqui. Então eu saía... Eu estudava na época, fazia faculdade e eu tive que adequar as minhas aulas com os treinos. Então eu saía de Belo Horizonte toda quarta e sábado. Trabalhava o dia inteiro e ia dar treino à noite em Itabirito. Eu saía daqui, levava algumas meninas daqui também, juntamente com as meninas de lá e a gente fazia os treinos. No sábado era, é... Era de dia. Porém, às vezes eu dormia lá porque a gente marcava amistosos. Então nem sempre era fácil. A gente... Eu lutei bastante por um ano e meio mais ou menos que eu fiquei lá, quase dois anos.

**M.N.** – E agora que você já está inserida nesse meio, o que você considera importante para a carreira de uma treinadora?

**T1.** – Bom... Primeira coisa é um apoio. Eu acho que é... Não só treinadoras mas o futebol feminino em si, ele tem que ter apoio. Eu acho que essa parte de: “Ah eu quero ser treinadora” ela vem muito da gente. Se nós não tivermos isso firme dentro da gente, a gente não faz. A gente desiste porque não é fácil. Mas, eu acho que se nós tivéssemos mais apoio, mais preparadas para poder receber as atletas, eu acho que

seria muito mais fácil. Talvez despertaria um interesse muito maior em outras mulheres em assumir equipes do que hoje a gente tem. Então a dificuldade que tem dentro do treinamento ela ainda é muito grande. Então a gente esbarra em muitas... Muitas dificuldades que é... Acabam sendo obstáculos para algumas pessoas e para outras não. Acabam sendo degraus. Mas, muitas vezes as pessoas encaram como obstáculos mesmo.

**M.N.** – E você considera importante ter uma boa rede de contatos?

**T1.** – Sem dúvida. Hoje em dia quanto mais contato você tiver, tanto profissionalmente, quanto... Até mesmo em amizades mesmo. Porque uma coisa vai puxando a outra. “Ah eu conheço fulano que talvez pode ajudar”. É... “Eu conheço uma atleta muito boa” e talvez já traz. Então, eu acho que esse contato, essa interação, tanto entre equipes quanto entre treinadores, ela é muito importante para crescimento geral da modalidade.

**M.N.** – E você falou de algumas referências, das suas duas principais referências, mas houve alguém que foi fundamental no seu processo de inserção na carreira?

**T1.** – Não. Na verdade, os dois me ensinaram bastante. Como eu falei, eu tive esse convite e a partir daí eu comecei a pensar nessas duas pessoas. Falei assim... É... Eu pensei: Por que não?. Por que não fazer tão bem como eles fazem? Chegar lá da maneira que eles chegaram. Então até hoje eu carrego isso muito comigo e que são duas pessoas que eu me inspiro bastante. Até por ter visto times e ter trabalhado com eles, então eu me inspiro bastante nos dois para que eu consiga fazer grandes equipes, ajudar grandes equipes a chegarem no topo.

**M.N.** – E a capacitação para ser treinadora, você considera isso importante também?

**T1.** – Muito importante. Só que infelizmente o acesso ainda é muito difícil. Nós temos aí poucos cursos presenciais. Os cursos que temos não são na cidade de Minas Gerais. É no Rio, ou é em São Paulo, é no exterior. Na Argentina tem alguns se eu não me engano. Mas é muito complicado isso. Então nós temos que buscar maneiras, métodos para que a gente se atualize e continue ensinando e desenvolvendo a

modalidade. Então é bem complicado. Mas como eu disse, a gente quando quer... É... Vamos atrás, em busca, pegamos livros, acessamos a internet, os cursos online para poder seguir em frente.

**M.N.** – Legal. Você trabalha com natação também como me falou no início. Por que é necessário juntar duas profissões?

**T1.** – Bom... Eu sempre gostei muito. Como eu nadei desde os quatro anos, então, eu sempre gostei muito de natação. E atualmente eu consigo trabalhar com os dois e conciliar os dois. Vai chegar um momento em que eu não vou conseguir mais. E eu vou ter que escolher. Na verdade, até já me conformei um pouco [riso] e já fiz essa escolha. Eu quero me aprofundar bastante na área do futebol mesmo mas vai ser uma dificuldade muito grande porque eu vou sentir bastante falta. Mas é uma paixão mesmo.

**M.N.** – Entendi. Então, especificamente agora sobre a profissão de treinadora. Gostaria que você falasse um pouco como ela está estruturada no Brasil em termos trabalhistas mesmo, condições de trabalho, como é o seu dia a dia nesse sentido?

**T1.** – Então, atualmente eu trabalho como auxiliar técnica no América feminino e nós treinamos todos os dias. Finais de semana, normalmente os jogos na maioria dos campeonatos são domingo. Campeonato Mineiro ocorre domingo, O Brasileiro, como ainda não saiu a tabela pode ser que seja um dia durante a semana, normalmente quarta e domingo também. Então, ficamos por conta somente dessa estruturação de tabela mesmo. O dia a dia ele é bem... Ele é bem corrido. Nós treinamos na parte da noite, então... De sete e meia às nove e meia e... Dentro de campo a gente tenta estruturar da melhor forma para que eu auxilie o treinador, no caso eu sou auxiliar, eu auxilio o treinador em todas as atividades previstas que ele determinou. Algumas vezes a gente separa o grupo outras vezes a gente não separa o grupo. Então muitas vezes eu trabalho junto com ele, outras vezes não. Então muito... É... Se alguns momentos ele quer trabalhar mais a defesa ou o ataque eu fico com a outra parte e eu mesma desenvolvo as atividades com as meninas dentro do que a gente programou durante toda a temporada.

**M.N.** – Em relação à remuneração do seu trabalho, você considera ela compatível com a de outras pessoas que trabalham com o futebol de mulheres? Você está satisfeita com essa parte do trabalho?

**T1.** – [Silêncio]. Então... É... Na verdade a gente tem uma oportunidade enorme que o América nos deu, porém, o nosso salário hoje ele não é compatível. Tanto com a modalidade do feminino quanto com a base. Então é uma coisa que nós ainda estamos desenvolvendo. Eu acredito que para um ano, um pouco mais de um ano, a equipe... Nós já conquistamos muita coisa para o futebol mineiro, porém, a gente ainda está desenvolvendo muitas outras coisas. Não só salário como pedido de estrutura para treinamento, materiais, atendimento para as meninas, médicos, fisioterapia. Então isso tudo ainda está sendo desenvolvido para que a gente consiga ter... Eu não diria uma igualdade porque eu acho que vai ser bem difícil... [trecho inaudível]... Essa paixão que elas têm, que nós temos pelo esporte.

**M.N.** – O que você acha da compatibilidade ou da incompatibilidade que há em relação a quem trabalha no futebol de homens?

**T1.** – É grande. É... Nós temos a oportunidade de interagir com os profissionais do América masculino. Treinadores, auxiliares, fisioterapeutas, etc. Então é uma distância muito grande. Mas, dentro da nossa realidade, nós estamos tentando buscar o máximo para que consigamos chegar perto. Como eu disse, dar uma melhor estrutura para as meninas para que, quem sabe num futuro não tão longo, a gente consiga dar uma igualada boa.

**M.N.** – Bacana. E a sua relação com as pessoas lideradas por você? Tanto dentro da própria comissão quanto com as atletas. Como isso se desenvolve?

**T1.** – Acredito que nós temos uma relação muito boa. Conversamos bastante tanto dentro de campo quanto fora. Então nós temos que ter essa sintonia. Hoje, atualmente somos quatro na comissão dentro de campo. O Victor que é o técnico, eu como auxiliar, a Brenda como preparadora física e o Fábio como treinador de goleiros. Fora de campo nós temos a Barbara como nossa Diretora do Departamento feminino, então nós procuramos manter sempre uma sintonia. Os assuntos importantes a gente

procura sempre estar bem alinhado para que, caso alguma das meninas pergunte ou alguma coisa do tipo seja questionada, a gente tenha essa união de pensamentos. E dentro de campo com as meninas é muito tranquilo. É uma hierarquia saudável dentro das quatro linhas e, fora, uma amizade que fica não só pelo trabalho do time, mas também de vários outros anos que algumas já se conhecem, já jogaram juntas ou não. Então é uma relação bem saudável de todo mundo.

**M.N.** – Você gostaria de destacar, caso haja, alguma dificuldade na sua atuação como treinadora hoje em dia?

**T1.** – Não. Eu acho que com a minha equipe eu estou muito satisfeita. Eu venho aprendendo muito e eu acho que esse é o grande dilema da nossa profissão. Acho que sempre devemos aprender. Buscar novas técnicas, novos métodos, novas formas de falar, de cobrar. E eu acho que esse ano, de 2016, eu cresci muito com a minha equipe, com as próprias atletas. A gente vem aprendendo muito a equipe toda junta. Então, eu acredito que eu não tenha nenhuma dificuldade em relação a isso.

**M.N.** – E a conciliação entre a vida pessoal e essa vida profissional de treinadora. Como isso acontece?

**T1.** – Bom... É... [Silêncio]. A gente acaba vivendo para o esporte. A nossa vida ela tem que ser inserida dentro do nosso projeto de trabalho. Então, hoje, atualmente, minha família já se acostumou a, às vezes, eu não estar em reuniões familiares por conta de viagens ou algum treino num carnaval ou num feriado, por exemplo. Mas... É... Até que atualmente a gente consegue adequar bem. Conseguimos pensar, às vezes, em mudar um horário para que seja melhor ter o dia livre ou alguma coisa assim. Para que consigamos conciliar também nossa vida pessoal com a vida profissional.

**M.N.** – E o que você diria que garante a permanência de mulheres como treinadoras de futebol?

**T1.** – Eu acho que é a competência. Eu acho que independente do sexo se a pessoa ela é competente no que faz e ela demonstra isso eu acho que ela consegue. Mesmo sendo um caminho muito difícil. Eu acho que ela consegue se inserir onde ela quiser.

**M.N.** – Bacana. Queria que você falasse agora um pouco sobre as suas atuações, se você passou por algum outro clube, exceto esse de Futsal e o América em que você se encontra. Campeonatos que vocês disputaram, enfim... Um pouco da sua trajetória já como treinadora mesmo.

**T1.** – Então, nós passamos pelo... Eu passei, além do primeiro time de futsal que eu falei que foi em Itabirito, eu tive um convite pela equipe do Meca que é de Contagem. Nós ficamos... Nós participamos do Campeonato Metropolitano de Futsal no qual eu já peguei a equipe quase na reta final do campeonato mas eu fui muito bem recebida. Nós tivemos muitos altos e baixos devido à dificuldade, principalmente financeira da equipe. São... Hoje, infelizmente nós não temos um apoio, não só no futebol mas eu acho que em várias outras modalidades. Mas alguns campeonatos deixamos de participar e tudo, mas foi uma trajetória muito bacana. Eu tive que sair da equipe do Meca por conta do campo. Na época, éramos a equipe de Santa Cruz e nessa equipe nós fomos campeões mineiros, fomos campeões da Taça BH e campeões da Centenário. Então fomos a única equipe campeã dos três campeonatos que são disputados aqui em Belo Horizonte e invictas o ano inteiro. É... Foi um ano muito bom para a gente e foi o que nos deu visibilidade e credibilidade para agregar o nosso time ao América. Foi aí que nós conversamos com a Diretoria do América, quando surgiu a ideia de disputar o Brasileiro, então, nossa Diretora conversou com o... Nós tivemos uma reunião com o Diretor de futebol do América e apresentamos nossos números, nossos campeonatos e em menos de quarenta e oito horas ele deu o “ok” para que a gente pudesse vestir a camisa do América. Então foi essa trajetória, essas vitórias, esse trabalho que nos trouxe a vestir a camisa do América hoje e a estar aí mais um ano representando o time.

**M.N.** – E durante essa trajetória você exerceu alguma função sem ser auxiliar?

**T1.** – No início, quando eu entrei no Santa Cruz, eu entrei para ser preparadora física. Então eu fiquei um tempo na preparação física. E a partir daí o treinador, ele estava

trabalhando sozinho. Quando... Mais para a reta final da equipe do Santa Cruz... Eu... A nossa preparadora física, atualmente, que é a Brenda, eu a convidei... Nós convidamos ela para que fizesse parte da equipe e a partir daí eu assumi, ao lado do treinador da época, como auxiliar técnica. Desde então, eu não saí mais e estou aí nesse mesmo cargo já faz um tempo.

**M.N.** – E existe alguma progressão hierárquica nesses cargos?

**T1.** – [Silêncio]. Não. Na verdade, aconteceu de eu começar na preparação física e depois estar auxiliando o treinador. Como eu já tinha essa experiência como treinadora de futsal, eu achei que seria uma boa e eu me dispus a fazer o papel. Acabou dando certo, a gente fez a experiência e tudo e acabou dando certo e a partir daí eu comecei a me aprimorar e a estudar para ocupar o cargo.

**M.N.** – Entendi. E você já trabalhou ou gostaria ainda de trabalhar com o futebol de homens?

**T1.** – Olha, eu nunca tive vontade. Atualmente eu penso muito em fazer o feminino de Minas Gerais crescer. Para que tenhamos mais times profissionais, tenhamos mais equipes. Hoje, atualmente o nosso Campeonato Mineiro ele conta com muito poucas equipes. Ano passado, tivemos *pouquíssimas*. Pouquíssimas equipes inscritas sendo que Minas Gerais é um berço de atletas. Acho que não só pro campo mas para o futsal e para outras modalidades. Então eu pretendo ficar no feminino e fazer todo o possível e lutar pela modalidade.

**M.N.** – E como você analisa as oportunidades de ascensão para as mulheres que ocupam esse cargo de treinadora no Brasil?

**T1.** – Não é fácil. Eu acho que hoje a expectativa de um treinador ou de uma treinadora ela é... Muito baixa... É muito pequena. Nós não... Como eu disse antes... Nós temos pouquíssimos times com treinadoras. A maioria deles contam com treinadores e uma comissão técnica formada por homens. Então, eu acredito e sou da seguinte cultura de que se eu estou nessa equipe eu vou fazer o máximo para que eu cresça e me desenvolva profissionalmente e ajude a minha equipe. Eu acho que o resto que vier é

consequência. Qualquer convite externo ou qualquer outro tipo de oportunidade vai ser fruto do que eu fiz aqui.

**M.N.** – Legal. E especificamente sobre você. As suas pretensões futuras. Quais são as suas expectativas dentro do futebol?

**T1.** – Bom. Esse ano nós vamos iniciar um Brasileiro agora em março então nós... A minha pretensão é formar uma equipe forte para que possamos fazer um bom campeonato da mesma forma que fizemos um bom ano de 2016. Eu espero que façamos um ano melhor. Que 2017 seja um ano muito melhor do que 2016, tanto em relação a números, títulos, conquistas. Eu acho que isso é importante para a nossa visibilidade mesmo e, a partir daí... É... Acredito que formar mesmo uma... É... Como que eu vou dizer... Uma potência mesmo em Minas Gerais. Eu acho que hoje, o futebol feminino em Minas, ele não é visto como uma potência. São Paulo tem times muito fortes. Equipes que podem investir e não investem e eu acho que Minas Gerais também poderia ser. Então, trabalhar para que isso ocorra, trabalhar para que nós possamos montar uma base, montar uma equipe Sub vinte talvez. Para que a gente possa crescer na modalidade e se tornar um berço mesmo para o futebol feminino. Mandar meninas para outras equipes, com salários melhores... Movimentar mesmo o mercado de futebol.

**M.N.** – Bacana. Você já frisou várias vezes que acredita muito no querer. Que quando você acredita em alguma coisa não existem barreiras suficientemente fortes para impedir. Mas há, nessa sua trajetória, alguma coisa que te faça pensar em desistir em algum momento?

**T1.** – A grande dificuldade que, às vezes, os dirigentes colocam ou que, às vezes, até os parceiros colocam, isso acaba... Não nos fazendo pensar em desistir... Eu não penso tanto nisso, porém, é uma coisa que vai... É cansativo. Nós temos que sempre que estar lutando... Sempre que estar pedindo. Então é algo que vai nos desgastando bastante. Então, um planejamento que é atrasado, talvez uma coisa que pedimos, um material que não chega, isso tudo vai... É... Vai nos desgastando bastante ao decorrer do ano. Mas não é algo que eu já pensei em desistir.

**M.N.** – Que bom. Eu terminei as perguntas previamente estruturadas. Queria saber se você quer deixar algum comentário, algo que eu não tenha abordado, você pode ficar à vontade, por favor, para falar o que você quiser.

**T1.** – Não... É... Eu acho que nós falamos tudo. Eu só agradeço a oportunidade de estar defendendo a modalidade, principalmente. Hoje em dia nós não temos, infelizmente, muitos estudos ou... É.. .Até mesmo pessoas interessadas em mostrar qual é a realidade do futebol feminino e quando mostram, mostram às vezes uma parte ou mostram o que interessa. Então é uma modalidade que vem crescendo sim. Nós estamos, a partir dos últimos anos, vindo numa crescente muito boa em relação a tudo que já ocorreu com o futebol feminino. Porém, nós precisamos de muito mais apoio, de muito mais visibilidade para que possamos engatar essa modalidade no Brasil. Mesmo aí tendo meninas super competentes. Nossa Seleção Brasileira com vários e vários títulos. Nós temos a melhor do mundo. Temos jogadoras aí como a Formiga que são mitos no futebol, mas infelizmente que acabam sendo esquecidas pelo tempo, pela... Pelo descaso mesmo que tem no futebol feminino. Então eu só peço que nós tenhamos um pouquinho mais de atenção. Atenção com as nossas mulheres, atenção com as nossas guerreiras por que a luta não vai parar não.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 02

Entrevistada: Luana Paula (T2)

Idade: 32 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Santista

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Solteira

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Superior em Educação Física, especialista em Pilates e Treinamento Funcional.

Profissão ou profissões: Treinadora e Gestora de um projeto chamado FutDelas

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): Dedicção exclusiva (30 horas/semanais)

**T2.** – “Meu nome é Luana Paula, tenho trinta e dois anos. Brasileira, natural de Santos, etnia branca. Solteira e não tenho filhos. Tenho curso Superior em Educação Física e cursos de especialização em Pilates e Treinamento Funcional. Atuo como Treinadora e Gestora de um projeto chamado FutDelas em regime de dedicação exclusiva com carga horária de trinta horas semanais”.

**M.N.** – A gente vai começar rememorando suas experiências no esporte. Como você começou desde a sua infância?

**T2.** – Bom. Eu comecei no futebol com uns nove anos de idade, precisamente assim. Joguei como a maioria das meninas começou, na escola, jogando nas aulas de Educação Física. Naquele momento em que os professores mandavam as meninas para um lado e os meninos para o outro eu sempre ia para o lado dos meninos [risos]. Não ficava com as meninas que era para jogar aquela queimada, sempre a mesma coisa. Eu queria uma coisa que tivesse mais emoção e o futebol foi o que me puxou para o lado deles. Porque a menina sempre é vista como uma pessoa que não entende, que não sabe e quando eles começaram a ver que eu dominava um pouco o futebol, que eu tinha aquela malandragem do esporte, eles começaram a me aceitar mais. Então, em todas as aulas de Educação Física, da quinta série até o final do primeiro grau, oitava série, eu jogava na escola só. É... Com doze anos eu entrei, em 1997, é que eu fui procurar a primeira escolinha de futebol que tinha aqui em Santos. E que por coincidência, quem dava aula era até a Elane, que hoje é motorista no Rio

de Janeiro, já até passou uma matéria sobre ela no Globo Esporte, também na TV Record. Ela foi minha primeira treinadora. Ela, a Solange que foi da Seleção de Atlanta em 96, o Michel Jean que hoje é um dos melhores árbitros da FIFA... Foi meu treinador aqui também. É que na época tinha o Marvel futebol de salão e ele tinha essa escolinha de campo. Essa escolinha de campo, é engraçado, porque eu tinha dez anos quando eu liguei no Santos e em 1995... O futebol feminino aqui em Santos... Então eu lembro que tinha aquele Campeonato Paulistano que aparecia na Band que o Luciano do Valle promovia. Então, desde criancinha eu assistia televisão com uma vontade louca de estar ali dentro. Era uma coisa muito... Não sei... É sobrenatural assim, porque eu olhava e me via ali naquela situação. E não foi da maneira que eu quis mas pelo menos eu realizei um sonho. Para mim seria um sonho mesmo, estar ali dentro. Então eu ligava para o Manuel Maria, porque o Manuel Maria era o treinador das meninas do Santos, quando eu tinha uns dez, onze anos e eu falava para ele: “Porque não tem uma escolinha para a minha idade?”. Olha como eu era precoce, tipo, dez anos é muito criança. Aí ele falava: “Olha, a gente vai fazer uma escolinha futuramente” e tal. Aí foi aí que ele colocou a Solange e a Elane que eram jogadoras do Santos para abrir essa escolinha com o Michel. O Kleiton também estava envolvido, na época, o Kleiton Lima. Só que devido a ele morar longe, acho que ele morava em Itanhaém, acho que até hoje ele mora lá, ele não conseguia vir para Santos. Então a escolinha acabou ficando na mão dos três, do Michel, da Elane e da Solange. Eu fiquei lá por um ano mais ou menos, até o final de 98. Só parei de jogar porque no campo em que a gente treinava iam construir um shopping. Então, acabou a escolinha por esse motivo. Que é um dos maiores shoppings daqui de Santos agora. Então, aí parei de jogar em 98. Fui jogar futebol de salão, me federei no salão. Eu não gostava do futebol de salão, achava muito pequeno. Eu gostava de espaço para criar jogada, para correr. A minha paixão sempre foi o campo mesmo. Mas o salão me deu uma base boa de raciocínio rápido, de ter que jogar em espaço curto, então isso me aprimorou. Isso foi federada, eu joguei em quatro clubes aqui em Santos, joguei no Saldanha... Não, espera aí... Joguei no Regata Santista, no Clube Atlético Santista, no Atlanta, tudo pela Liga Regional aqui da baixada. Esse período todo foi dos catorze até os dezessete anos. Depois chegou aquela fase de querer estudar e eu não tinha a renda muito alta para fazer uma faculdade e eu não gostava de ficar acreditando na promessa, porque quando eu entrei na faculdade eles prometiam que quem jogava pela faculdade tinha bolsa. Mas era uma promessa que eu não via, então eu falei:

“Quer saber de uma coisa, eu vou parar de jogar e vou trabalhar”. Aí eu meti as caras, fui trabalhar em um shopping [trecho inaudível]... Eu sabia que eu ia retornar, mas só depois que eu me formasse. Porque dentro de mim eu tinha certeza que um dia eu iria trabalhar com isso. Era uma paixão que eu buscava do fundo do coração, assim. E aí foi acontecendo. Depois que eu me formei eu não trabalhava mais na área. Fui estagiária do SESC, eu fiquei quatro anos no SESC estagiando lá. Hoje eu sei dar aula de tudo. Se você me colocar para dar aula de alongamento, eu sei. De musculação, eu sei. Porque eu tive uma base muito boa, assim, de prática. De Educação Física. E aí acabou tudo, acabou estágio, acabou faculdade e aí eu me vi sem trabalho. Foi uma fase bem difícil. Eu falei: “Caramba, acabou tudo”. E quando você é estagiário todo mundo quer, mas quando você se forma começa a ser um produto caro e ninguém quer. Então aí eu fui buscar outras maneiras e foi aí que o futebol voltou a me despertar. Porque eu entrei em contato com o Kleiton e aí... Do Santos... E o Kleiton me conhecia, então eu conversei com ele, pedi uma oportunidade em 2007 no time profissional e aí ele falou para mim: “Luana, para preparadora física não tem como”. Porque não tinha preparador físico. Era um assistente que era a Fupes que fornecia... A Fundação Pró Esportes da Prefeitura. Então, a prefeitura que pagava. O Santos mesmo não dava nada. Só dava uniforme. Só vestia a camisa do Santos mesmo porque o time era da prefeitura. Então foi aí que ele me deu a oportunidade. Eu fiquei estagiando com ele, mesmo formada, eu fiquei como estagiária da preparação física em 2007 e em 2008 dei a ideia para ele de a gente fazer a primeira escolinha de futebol feminino do Santos. Daí eu fui a fundadora da Sereias da Vila, da escolinha e, então, tipo, eu coordenava, eu dava aula, fazia tudo, o marketing da escolinha. Aí eu só saí mesmo porque pagavam muito pouco, estava crescendo muito, mas eu não estava sendo valorizada. E eu cheguei no Modesto Roma, na época ele era administrador e falei: “Eu não quero mais porque só tem nome, mas não está enchendo a minha geladeira”. Falei para ele. Aí peguei, saí e fui para esse time americano que me convidou em 2008. Eles me convidaram para ir como preparadora física, e foi até através da Márcia Oliveira, aquela treinadora que está nos Estados Unidos. Para eu fazer uma vivência nesse time. E elas vinham disputar em Santiago e aí o que aconteceu... Eu peguei... Eu não consegui o visto para ir para os Estados Unidos e aí eles me deram passagem, me deram tudo e eu fui daqui direto para Santiago e aí eu encontrei o time lá no Chile. E em Santiago eu fiquei fazendo essa pré-temporada com elas e foi muito legal para mim. Porque foi

uma experiência que eu estava com o quê? Vinte e dois anos. Vinte e dois para vinte e três anos. Foi assim que eu me formei. Então eu entrei no Santos, do Santos eu fui para esse time americano e as coisas foram acontecendo. Só que quando eu voltei desse time americano não tinha mais o Santos. O Santos tinha acabado e não estava mais conseguindo me manter no futebol. Eu não estava conseguindo pagar [trecho inaudível]. Eu estava de saco cheio de não ser reconhecida, trabalhar e morrer na praia, sabe. Mas alguma coisa dentro de mim ainda falava: “Você vai voltar”. Aí eu continuei estudando, correndo atrás da pós, essa que eu te falei de Ciência do Esporte, Ciência do Treinamento. Comecei a querer estudar, eu falei: “Uma hora ou outra vai acontecer”. E foi aí que quando o Santos voltou agora em 2015 eu pude... É... 2014... Eu pude ter essa experiência de novo como preparadora da equipe e é isso.

**M.N.** – E quando você começou a praticar o futebol, você tinha incentivo de alguém em especial? Na sua família, por exemplo...

**T2.** – Tinha, tinha mais do irmão, assim. Meu irmão é três anos mais velho [trecho inaudível]. Minha mãe não. Minha mãe já não curti muito não.

**M.N.** – E como as pessoas, em geral, percebiam sua participação nesse esporte?

**T2.** – Por incrível que pareça, acho que eu passava tanto amor para as pessoas, do que eu fazia, quando eu ganhava uma chuteira do meu irmão... Tipo de alguém da minha família... Eu mostrava, era uma paixão tão grande que as pessoas se comoviam e acabavam dando uma força. Eu recortava tudo que saía na Olimpíada de 96 de Atlanta. Eu recortava tudo que saía da Sissi, da Formiga, tinha uma pasta com todos, sabe. Com toda a história do futebol feminino. Era tipo... Uma paixão mesmo. Algo que eu não sei explicar o porquê disso tudo [riso].

**M.N.** – Entendi. E você se lembra de ter sofrido algum tipo de preconceito, alguma situação desse tipo por estar no futebol?

**T2.** – *Ah sim.* Sim, sim. Preconceito sempre. Se você falar que é do futebol as pessoas já te olham torto. Isso é natural. Desde criança, na escola, na faculdade também. E

tiveram momentos na escola que eu omitia que eu jogava. Quando eu fui para o segundo grau que é aquela fase que você está fazendo uma transição da criança para o adolescente, então você tem receio de tudo. Então eu sempre... Eu joguei muito bem, mas assim, infelizmente eu não tive sorte mesmo até por essa situação de ter que trabalhar. Assim como várias meninas... Acredito que a gente perca vários talentos por isso. Então assim, como eu me destacava, o dia que o professor me viu jogando na escola ele falou: "Nossa, você nunca falou que jogava futebol". Tipo, eu fiquei três anos em outro colégio para fazer o segundo grau e ninguém sabia que eu jogava. Foram saber no último dia de aula, entendeu? Porque eu não queria mostrar, porque eu sabia que o preconceito era muito grande dentro da escola que eu estudava. Que lá o handebol era mais difundido. O futebol, principalmente o de mulher, era totalmente com preconceito. Então eu preferia omitir. Eu ficava para mim. Aí teve um jogo que eu não me segurei, fui jogar, fiz um golaço no menino que estava no gol, eu puxei a bola para o lado, fiz o gol e o professor de Educação Física falou para mim: "Caramba, você nunca falou para mim que jogava bola, meu Deus". Muito engraçado [riso].

**M.N.** – E você gostaria de recordar e descrever alguma situação de preconceito que tenha feito com que você quisesse omitir?

**T2.** – Sim. É... foi uma. Na época... Ah sim. De preconceito você fala. Deixa eu lembrar. Vou te falar no próprio Santos mesmo, os diretores lá. A maioria são preconceituosos, são mesmo. Eu falo aqui de peito aberto que são mesmo, muitos não querem o futebol feminino lá dentro e só tem porque o Modesto Roma é muito apaixonado pelo futebol feminino então eles vão ter que engolir. Mas a maioria dos conselheiros não gosta. Então assim, eu mesma já tive situação de estar na Vila Belmiro, pegando o elevador para subir e diretor lá de dentro olhar para mim e falar assim: "Você é tão bonita, trabalhando com isso." Desmerecendo, sabe. E eu, tipo, eu encarava. Falava: "Olha, o que tem a ver você ser bonito, você ser feio com a profissão que você exerce?" É uma profissão como qualquer outra e vocês têm que respeitar. Eu sempre defendi as meninas, defendi a modalidade porque tudo que elas passam eu passo. Então, o próprio treinador, entre nós aqui, isso é uma coisa que eu vou falar de mim para você, o próprio treinador do Santos não gosta de futebol feminino. Ele é muito preconceituoso, entendeu? Teve uma situação... Que a mulher dele ficou grávida e

eu falei para ele assim: “Que legal, você vai ter uma menina... Vai jogar bola”. Ele virou muito agressivo para mim falando “*Nunca* que a minha filha vai fazer esporte de macho”. Então assim, um homem desse no comando de um time que pensa desse jeito, você acha que o time vai para frente? Me desculpa, não vai. Não dá. Então assim, quem está lá dentro, às vezes, até sabe que ele é assim. Quem está no comando. Mas não vai acontecer nada porque... Mas eu tenho pena das atletas porque enquanto mantiver um machista no comando, o futebol feminino não vai mudar. Eu fiquei muito feliz quando eu vi a Emily assumindo, porque a Emily já sofreu bastante também e superou muita coisa para chegar ali. Vou te falar, é muito difícil, cara. Só eu sei o que eu passei esses dois últimos anos. Eu acho que o caminho seria isso. A mudança para o futebol feminino seria... É apoiar mais mulheres na comissão técnica. Porque nós íamos nos defender. Nós íamos defender umas às outras. Eu penso assim, do mesmo modo que nós mulheres não podemos entrar no masculino... Você não vê uma mulher no futebol masculino, na preparação física, no... Por que eles podem entrar no nosso? Não consigo entender, sinceramente.

**M.N.** – É uma pergunta interessante. Você comentou um pouco sobre como sua carreira começou. Tem algo mais sobre esse seu ingresso como auxiliar e preparadora que você queira contar?

**T2.** – Não sei se uma situação da faculdade conta. Eu tive uma situação antes de ser estagiária no SESC que [trecho inaudível]... Montou um projeto de futebol feminino muito legal, tinha mais de sessenta meninas [trecho inaudível]. E quando eu saí do Santos, em março, o time da UNIMES me chamou, que é a faculdade que eu me formei em Educação Física. Me chamou para ser treinadora dos Jogos Universitários aqui da baixada e a gente foi vice-campeã. Ano passado. A gente perdeu para o time da fisioterapia que era composto, praticamente, pelas Sereias da Vila. Que era a concorrente, a UNISANTA. A gente foi para a semifinal com elas, aí colocaram a Dani no gol, aquela loura que pega para caramba. Fechou o gol [riso], a bola nossa não entrava e a gente foi vice-campeã para UNISANTA que é uma das mais fortes aqui da baixada. Foi bom porque aí deu um estímulo porque eu estava meio desanimada quando eu saí, e me chamaram logo em seguida. Eu treinei elas, não ganhei nada, mas foi mais para autoestima mesmo. Foi bem bacana, foi bem legal.

**M.N.** – Entendi. E você destacaria alguma dificuldade nesse início de carreira, perante sua família, amigos, as próprias comissões, atletas, algo nesse sentido?

**T2.** – Então, é... Perante minha família não. Eles dão maior apoio, falam super bem porque eles viram o quanto eu sonhei, o quanto eu ralei para chegar ali e tudo foi muito suado. Nada foi fácil, sabe, fui galgando escadas mesmo. Ninguém chegou e olha: “Luana, é teu”. Então foi muito difícil chegar até lá em cima. Então acho que a maior... A parte mais difícil de adaptação foi com as próprias atletas. Não digo comissão. Mas as atletas me rejeitaram muito no começo. Até porque elas tem aquela visão: “Ah, você não foi profissional, você não sabe tanto quanto eu que já joguei na Rússia, já joguei nos Estados Unidos...”. Então esse preconceito tem muito. Tipo, tinham atletas lá dentro que me maltratavam mesmo. De deixar você assim... De chegar para você e falar uma pá de coisas... E meu primeiro semestre, eu estava meio... Sabe quando você está meio insegura por estar em um ambiente que fala: “Opa, agora eu sou responsável por um time grande, vigiado pela imprensa...”. Isso tudo pesa e eu tive muita força, até de psicóloga do esporte, não sei se já te falei isso. A Sônia Roman<sup>24</sup> foi minha psicóloga do esporte e ela que me ajudou a me manter ali dentro, porque quando a gente entrou em férias, eu estava em um estado de estresse total. Porque eu dava o meu melhor mas... E aí essa psicóloga, ela me ajudou demais. Eu sempre fui muito forte, mas naquele momento eu me senti fraca. Porque elas deixaram o meu mental *detonado*. Sinceramente, detonado. E eu nunca passei isso para a minha comissão. Porque se eu passasse isso para eles, eles iam achar que eu era uma pessoa insegura. Então assim, eu levei isso comigo, procurei essa psicóloga que tem livro, a mulher é super inteligente e eu sabia que ela já estava acostumada a lidar com esse tipo de situação e ela me ajudou muito. Eu já estava a ponto de chegar e falar “não quero mais” e ela falou: “Você não vai sair. Você nunca vai pedir demissão porque você é forte, com sua vontade, com a sua garra elas vão te engolir”. E, meu, ela fez um trabalho tão bom comigo que quando eu voltei, eu fiz uma reunião com o time inteiro, com a comissão e eu falei: “Eu sei que tem gente aqui que vai ter que me engolir. Porque aqui, quem manda na preparação física sou eu. Não adianta fazer biquinho, que não está gostando. Não está satisfeito, pede para sair”. Eu falei para elas. Eu dei uma palestra para elas que, meu, você ia ficar boba. Muitas eu não quero amizade porque mostraram um lado do caráter que eu não aprovo. Para mim, assim, ou você é fiel... Porque a pior coisa é você andar na rua e chegar alguém para você e

falar, treinador de outro time e falar: “Olha, fulano falou que o teu treino é uma merda. Que você...”. Entendeu? Isso é a pior coisa, sabe. Uma falta de profissionalismo horrível. Então assim, eu falei isso para elas. E meninas que têm nome. Não foi pouca coisa não, foram meninas que são Seleção Brasileira. Meninas que eu tinha maior admiração... Acabou essa admiração para mim, de verdade. Então assim, o treinador, por incrível que pareça, ele me ajudou. Eu senti que ele tinha muito preconceito em relação a eu ser mulher e estar ali do lado dele... Eu sentia isso o tempo inteiro, mas ele estava tendo que me engolir naquele momento, porque como o Santos me contratou... Quando contratou ele não pegou indicação dele... Por eu já ter passado lá e ele teve meio que me engolir, mas eu sentia que uma hora ou outra ele ia me tirar. Porque ele ia ganhar moral para isso. Ele ia querer escolher a comissão dele. E foi aí que aconteceu. Os resultados não vieram. Na minha opinião, os resultados... Quando eu entrei no Santos, setenta por cento do time veio lesionado. Setenta por cento era de menina que nunca mais jogou bola na vida, que estava fora do peso, entendeu? A gente teve que fazer todo um trabalho de triagem, colocar todo mundo em forma de novo e zerar. Eu zerei as lesões do time. Ninguém mais tinha lesão até quando eu saí. Então assim, eu fiz um trabalho de prevenção com o fisiologista lá que estava muito legal. E eu sinto... Tanto que o dia que eu fui assinar a demissão eu falei para o treinador: “Eu quero saber o motivo da minha demissão.” E eles falaram: “Não tem motivo.” E eu falei: “Ah, porque não tem motivo mesmo. Eu estou na minha melhor fase.” Se fosse no primeiro semestre que estava insegura, eu estava me adaptando era uma coisa mas me mandaram embora na minha melhor fase. E foi aí que o diretor falou: “Ah, é o presidente que não te quer mais aqui”. Mas aí era mentira porque, na época, o presidente estava doente, estava internado. Eu sabia que era o treinador que me cortou. Mas ele não teve coragem de falar: “ Eu não te quero mais aqui”. Porque eu tenho certeza que foi por preconceito, foi por machismo sim. Isso é certeza. Por tudo que eu vivi com ele, das coisas que ele falava, eu tenho certeza que foi isso.

**M.N.** – Entendi. E em situações normais, nessas formações das comissões técnicas, existe uma progressão hierárquica nos cargos? Por exemplo, a preparadora física que almeja se tornar auxiliar, auxiliar que almeja se tornar treinador, existe isso? Então, no Santos, não sei como funciona essa coisa da comissão técnica. Mas por exemplo, o preparador que era o Gustavo, não sei se você lembra, no Santos ele virou treinador. Eu acredito que lá exista essa possibilidade sim. Mas é aquilo, formam aquela panela.

Se eu tivesse uma aliança... Eles viam que eu estava despontando e para mim ele sentiu uma ameaça. Porque ele nem ia no ônibus com as jogadoras, ele pegava o carro dele e ia para o treino. Ficava só eu e o massagista dentro do campo com as atletas. Eu falava para ele: “Cara, fica difícil uma pessoa confiar em você com você mantendo a distância”. Então a gente batia muito de frente porque a minha liderança é totalmente democrática. Eu fazia o tratamento atleta por atleta, demonstrava as avaliações. [Trecho inaudível]. E eu sempre fui super profissional. Eu não saía com elas, não ia para barzinho, para nada. Porque senão elas não respeitam. Foi bem difícil. Quando elas estavam comigo, assim, na mesa do aeroporto, ele mandava eu sair.

**M.N.** – Entendi. Agora, o que você considera ser importante para se manter na carreira de treinadora?

**T2.** – Uma das coisas mais importantes é estudar. Quanto mais cursos, quanto mais você se dedica, vai atrás de pós-graduação, fazer estágio em outras equipes, eu acho que isso é importante até fora do país mesmo. Porque como é difícil o espaço para a gente entrar, eu acho que o caminho que mais abre espaço, às vezes, nem é rápido, mas o caminho que leva a uma trajetória mais fácil, teoricamente, seria estudando mesmo. Agregando conhecimento, porque quando você tem conhecimento não tem como alguém chegar para você e falar: “Não, você não está aqui porque você é boa... ou ruim”. Você mostra para a pessoa que você tem esse “feeling”. Isso é o mais importante. Hoje, eu saindo de lá, eu penso que eu ganhei bastante porque a carreira que eu fiz, eu ganhei respeito de médico, de fisioterapeuta que é o que está me ajudando hoje na minha lesão. A maioria dos médicos do Santos conversam comigo, a gente troca ideia e eles sabem que foi sacanagem tudo isso que aconteceu. Realmente é aquilo... Mas a gente tem que continuar estudando. Uma hora as oportunidades voltam a aparecer. Tem que acreditar.

**M.N.** – E como você avalia a importância das redes de contato para o sucesso da sua carreira também?

**T2.** – Também. Eu acho que a rede de contato, o “networking” é muito importante. E esse “networking” você faz através do quê? Dos cursos. Você vai fazer um curso lá

na CBF, você vai fazer uma Licença A, licença B, sei lá... É um curso caro. Já falei com a Emily... É um curso para as pessoas... Não é qualquer um que pode fazer. Eu, estando dentro do Santos não consegui fazer porque era muito caro e o Santos não queria pagar. Então assim, eu vejo como os cursos que não são para formação. É um curso para “networking”. É o que eu vejo. Para você chegar lá, fazer contato. Eu acho que a realidade de todos é isso. É ir lá e fazer contato não é nem ir e pegar aquele diploma porque a gente sabe que a formação é muito fraca, dos cursos da CBF. Mas a ideia é fazer contato mesmo porque lá na frente ajuda. A Michele é um exemplo vivo disso. A Michele Kanitz que eu te falei, ela estagiou com a gente lá no Santos em janeiro. Ela ficou uma semana com a gente e aí eu queria colocar ela como analista de desempenho porque para mim ia ser ótimo ter alguém que fornecesse dados para mim. Só que, infelizmente, eu saí duas semanas depois. Eu consegui colocar ela como estagiária mais um tempo, eu ia dar uma força para ela continuar, mas aí chegou o preparador novo e ele chegou para ela e falou: “Filhinha, vai apresentar seu projeto em outro lugar”. Porque ele ficou com medo. É através de análise que você vê resultado. Se o treino tiver fraco vai aparecer. Tanto que agora eles cortaram o convênio que eu com a UNIFESP do grupo de estudo que eu sou. Eles não querem mais porque lá a gente avalia cadeia isocinética, força. Se tiver caindo, ele acha que vai mostrar que o trabalho dele está sendo uma bosta [riso]. Os caras não têm a visão: “Ah, temos parceria com faculdade”. Eu não, minha visão sempre foi assim: “Estou errando, vou procurar sempre melhorar, tentar evoluir”. Mas cos caras são boleiros. Aquela cabeça pequena...

**M.N.** – Entendi. E em termos trabalhistas, como está estruturada hoje, no Brasil, a profissão de treinadora?

**T2.** – Então, em termos trabalhistas, vou te falar do que eu vivi. Lá era carteira assinada, tinha plano de saúde. Do Brasil, eu acho que é o mais certinho, assim. Mas treinador é contrato e não tinha plano de saúde, nada disso. Porque o salário deles também é muito mais alto. Então tem um tempo de contrato. O do Caio foram três anos e acredito que o salário não passava de dez mil.

**M.N.** – E no caso, você enxerga alguma diferença de salário entre homens e mulheres, mesmo no futebol de mulheres?

**T2.** – [Trecho inaudível]. Então assim, eu fiquei sabendo que só não trouxeram outro preparador físico porque ele queria oito mil reais e eu ganhava três. [Trecho inaudível]... Com certeza tem uma discrepância muito grande porque eu fazia a mesma função que ele e ele, por ser homem, todo mundo olhava para ele, davam tudo, mesmo não tendo a qualificação. O preparador de goleiro do Santos, por exemplo, não é formado em Educação Física. E está no Santos e na Seleção Brasileira.

**M.N.** – E como era a relação, na comissão técnica de vocês, sua com as pessoas que eram lideradas por você? Não somente as atletas, todo mundo.

**T2.** – [Trecho inaudível].

**M.N.** – Agora, sobre as condições de trabalho. Como isso está estruturado?

**T2.** – Então, vamos lá. Condição de trabalho. A minha realidade não era muito boa não. Tipo, tinha campo, às vezes... Às vezes, não tinha. Era uma briga entre nós e a base. Para colocar a gente em algum lugar, para achar um burquinho para a gente treinar e a parte... Uma parte que você vai achar o cúmulo é que quando eu entrei no clube não tinha nem material. Não tinha bambolê... Só tinha bola que eles pegaram lá de outras bases. Diretor falou para mim: “Olha, é isso ou não é isso”. Então assim, é o que eu te falei, é muito fácil criticar. As próprias atletas criticarem sendo que não sabiam como que eu tinha que me virar nos trinta para dar um treinamento legal para elas. Então assim, é... Situação precária. Precária mesmo, de verdade. Se você for ver as garotas treinando lá na pré-temporada, você vai ver que elas têm corda, que elas têm bambolês, mas não é nada deles. Do CT feminino. Aquilo ali é do CT da base.

**M.N.** – Agora eu gostaria que você falasse um pouco, como se dava a conciliação entre a sua vida profissional e a pessoal já que lá era dedicação exclusiva.

**T2.** – Eu tinha duas malas. Uma já ficava arrumada. Eu chegava de viagem já pegava a mala para ir para outra. Porque eu não tinha vida não. Eu não tinha folga. Para você

ter uma ideia eu não tinha folga. É porque assim, quando entrava em semana de competição, tem as que viajam mas tem as que ficam para o fisioterapeuta aplicar lá uma ajuda. Quando eu viajava e elas ficavam, ficavam sem treinador. Deixava uma planilha pronta para elas irem para a academia [trecho inaudível]. É um trabalho muito puxado, de cobrança, de falta de... Tem que amar muito.

**M.N.** – O que você enfrentava como dificuldade para permanecer lá?

**T2.** – Não, acho que em si era só esse preconceito das próprias atletas mesmo. Fora isso eu não tinha medo de nada. Depois eu estava muito segura lá. Não pensava em ser mandada embora porque eu tinha o “know-how”, eu tinha os testes da faculdade que eram muito bem feitos, as meninas estavam progredindo fisicamente e a própria Emily, quando ela me ligou porque eu fui mandada embora, ela me ligou e ela falou para mim: “As meninas estavam voando no campo, cara. O que fizeram com você foi muita sacanagem”. Ela falou assim para mim porque no mundo do futebol um conhece o outro, então... E eu só caí mesmo porque a torcida começou a cobrar. Elas vão nos jogos, cobram muito, elas são muito chatas. Então eles tinham que mandar alguém embora para tirar essa pressão de cima do treinador, então, eu acredito que eu fui mandada embora por casada da pressão da torcida, sabia. Tipo, eu fui o pato. Vamos mandar alguém embora e esse foi... E não ganharam nada até agora. Vice para mim não é nada porque antes a gente já havia sido terceiro... No Paulista. A gente jogou contra o São Paulo a semifinal em 2014 e perdeu por três a dois. Foi maior jogão. Aí o time da Emily pegou o São Paulo na final e o São Paulo ganhou. Então assim, a gente nunca foi mal. A gente foi mal no do no ano passado mas a culpa não é minha. Eu acredito que a culpa não é minha porque eu, praticamente, eu não estou envolvida ali na parte tática, entendeu? Acho que é isso.

**M.N.** – E como você enxerga, hoje, as oportunidades de ascensão para as mulheres como treinadoras?

**T2.** – É um ponto difícil. É... Quando eu saí dos Santos eu tentei outras equipes porque eu queria seguir direto. Não parar. E todo... O Iranduba de Manaus foi um. Eu mandei currículo para lá, para o diretor e ele falou que ia me falar [trecho inaudível]. É bem

difícil. A clínica para adolescentes... Mas de clube do Brasil mesmo, nenhuma outra proposta para voltar.

**M.N.** – Mas você ainda pensa? Tem alguma expectativa futura para você nesse meio ainda?

**T2.** – Te falar, depois de tanta coisa que eu vivi, eu peguei um certo... Um certo receio, acho que um certo nojo de tudo que eu vi de errado. Sabe, falaram para mim: “Luana, enquanto você não for política você está morta para o futebol”. Então assim, parece que eles querem que você jogue sujo. E se o DNA for esse eu não me vejo mais nesse contexto. Se realmente for esse DNA eu estou fora. Porque eu gosto de fazer um jogo limpo, de ajudar, de... De inserir atleta, de dar oportunidade para todo mundo. Eu acho que é... Eu sei que o esporte ele é meio descartável. Ele pega, ele joga no lixo mesmo as que não servem, mas eu acho que depende muito de quem está no comando. Se você tem uma cabeça é... Eu gosto muito da forma de liderar, vai, vou dar um exemplo muito distante um pouco do futebol que é o Obama. Ele tem uma liderança que é... Eu me identifico demais. Eu acho que aquele cara é um cara que salva até no esporte. Que a maioria dos caras que estão no esporte não têm aquela coisa da humanidade. Querem é levar o cara ao limite, não estão nem aí se a menina está com lesão, se a menina está com problema. Porque tem muita jogadora que não rende porque está com algum problema. Às vezes, psicológico, e os caras não estão nem aí. Eu falei isso para a minha comissão técnica. Eu falava: “Gente, às vezes, as meninas não estão rendendo porque está com problema na família...” Eu juntava, eu gostava de agregar. Se eu tinha um psicólogo no Santos porque eu não iria usar ele? Eu sentava com ele, vamos conversar. Meu, eu mandava atleta para ele sem o cara saber e a menina melhorava no campo. Porque se eu falasse para o treinador que eu mandei uma menina para o psicólogo ele não ia querer. Eu acho que o espírito nosso, de mulher, que tem mais aquele espírito materno mesmo, de querer ajudar, isso faz a modalidade evoluir. Enquanto tiver esses caras escrotos de mente, eu acho que a gente está ferrada. Essa é a realidade [riso].

**M.N.** – E você já pensou ou pensa em trabalhar com o futebol de homens?

**T2.** – Como assim?

**M.N.** – Os atletas homens.

**T2.** – Ah, isso eu penso porque eu faria uma formação. Eu montaria uma metodologia e teria que seguir a minha cartilha. Então, o jogo sujo eu não ia aceitar. É bem essa linha que eu estou indo. Essa linha do projeto que eu montei. Eu desenvolvi uma metodologia. A princípio não é competição, é lazer. Mas eu tenho altas ideias futuras e eu tenho uma comissão. E eles falam: “Sem você o FutDelas não anda”. Isso porque eu tive o problema no joelho, mas em nenhum momento eu abandonei. Eu vou no treino de muleta, eu sento lá, eu faço a parte administrativa porque as meninas têm que sentir que eu estou presente. E é uma coisa que eu falo para os professores. Elas não têm que ver o FutDelas eu. É uma marca, é o FutDelas. Não tem que ser eu. Porque eu quero que o negócio cresça e eu não tenho que estar presente para crescer. Ele tem que ser desenvolvido como uma ideia porque eu quero agregar outras pessoas. Não quero que caia em cima de mim. É uma marca que tem uma história por trás dela... Esse empoderamento da mulher. Por tudo que eu passei. Eu quero empoderar elas, que elas sintam que podem fazer o que elas quiserem.

**M.N.** – Bacana. Eu encerrei com as perguntas, queria saber se você deseja deixar algum comentário ou abordar algo que eu não tenha te perguntado. Pode ficar à vontade.

**T2.** – Não. Eu quero dar... Elogiar a sua pesquisa porque eu achei muito bacana. Até comentei com a Tereza ontem, a menina que é jornalista do FutDelas, o quanto isso é importante para estar desenvolvendo, não só na prática, porque quanto mais teoria a gente tiver, mais publicações a gente tiver, livro... Mais a gente vai estar chegando na população e nas pessoas. Então essa sua iniciativa é muito bacana, te parableno e parableno a sua Orientadora também. E vamos desenvolver. Torço por você, quero ver você na área também atuante. É teoria e atuando também no seu projeto. E quanto mais mulheres tiverem envolvidas mais feliz a gente fica. Eu torço por todas. Não tenho concorrente. Eu gosto de construir pontes, não gosto de construir muros. É uma frase que eu gosto de usar porque quanto mais a gente dá as mãos, maior e mais forte fica a corrente. Então a gente tem que se unir. Acho que nesse momento não tem que existir vaidade, mas que infelizmente existe muito no futebol feminino, a

questão da vaidade, sabe. É uma coisa muito mesquinha que não faz parte de mim e quanto mais eu puder ajudar as pessoas a agregar, mas eu vou estar fazendo. Em relação a eu voltar para o futebol, eu já entreguei para Deus. Eu continuo fazendo meu trabalho. Estou me recuperando da lesão do joelho agora, passei por essa cirurgia, mas graças a Deus, eu consegui. E dentro de mim alguma coisa ainda me fala que um dia eu ainda vou para uma seleção. Não sei quando vai ser, se vai acontecer, mas é uma coisa que eu tenho dentro de mim desde criança que ia acontecer. Não sei se vai acontecer, mas se acontecer ótimo e se não acontecer eu continuo minha via aí, com o projeto e minhas outras ideias.

**M.N.** – Eu agradeço pela colaboração. Vou me empenhar bastante para que realmente saia um trabalho perto das expectativas e a gente vai continuar conversando, pois eu vou fazer a devolutiva da entrevista a você para fazermos ajustes.

**T2.** – Sim. Me desculpa até falar muito do Santos. É um desabafo e também para você entender um pouco o mundo que a gente vive. Eu te agradeço o convite e o que precisar pode contar.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 03

Entrevistada: Macarena Celedon (T3)

Idade: 30 anos

Nacionalidade: Chilena

Naturalidade: Santiago

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Casada

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Curso Superior em Técnica de Futebol Profissional

Profissão ou profissões: Treinadora de Futebol

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): Todos os dias, de segunda a domingo.

**T3** – “Meu nome é Macarena Celedon, tenho trinta anos. Chilena, natural de Santiago. Casada e não tenho filhos. Eu tenho curso superior em Técnica de Futebol Profissional. Atuo como Treinadora de Futebol com dedicação diária”.

**M.N.** – Eu vou começar perguntando a você como era a sua relação com o futebol desde a sua infância?

**T3.** – Bom, eu na verdade fui esportista toda a minha infância mas fiz muitos esportes. Fazia natação, fazia ginástica e joguei muito vôlei. Futebol começou quando eu tinha mais ou menos uns catorze anos. Por uma professora na escola que levou o futebol feminino na escola e a gente começou a jogar futebol. Mas eu sempre fiz esporte, mas sempre outros... Natação, ginástica e vôlei eram os meus esportes.

**M.N.** – Entendi. E depois que você começou a jogar futebol, além da professora, houveram outras pessoas que te incentivaram a continuar?

**T3.** – É que... Nunca joguei futebol... Nunca vi futebol como profissional. Eu jogava na escola. Competia mas contra outras escolas. Mas na época não tinha futebol profissional ainda. Mas eu gostava muito. Eu gostava, tive facilidade por ter praticado muitos esportes na minha vida e ela sempre incentivou, mas na época não tinha futebol profissional no Chile.

**M.N.** – Entendi. E na escola você sempre foi treinada por essa mulher ou você teve treinadores homens também?

**T3.** – Não. Sempre tive duas treinadoras mulheres porque foi nessa escola, depois eu mudei de cidade e aí também teve uma professora de Educação Física. Ela era técnica de futebol da escola, a gente ia competir, mas sempre pelas escolas... Competições escolares.

**M.N.** – Sim. E como era vista a participação de vocês, meninas, no futebol, por outras pessoas?

**T3.** – Ah, era muito legal, sabe. Porque os pais motivavam muito. Minha mãe, meu pai, os pais das minhas companheiras, eles motivavam muito mesmo. Era muito legal. Os irmãos... Sempre a família, sabe, incentivava.

**M.N.** – E fora da família você via esse apoio também? Da comunidade escolar, por exemplo, nos espectadores...

**T3.** – Com certeza. É... A gente... Na primeira vez que eu estava em [pausa]... Em primeiro ano, como se fala aqui, primeiro ano do ensino médio, jogávamos vôlei e quase as mesmas jogavam futebol e éramos boas, sabe [riso], aí a torcida, os meninos da escola, dos outros cursos, sempre foi... Nunca como o masculino, mas sempre foi incentivado.

**M.N.** – Bacana. E agora já passando para a sua carreira como treinadora, eu queria que me contasse um pouco como você começou.

**T3.** – Bom, eu comecei, como eu te falei, no Chile na época não era profissional. Mas, aí eu não consegui jogar profissional mas joguei muito amador. Joguei ligas amadoras, já quando saí da escola, faculdade. Aí eu comecei porque meu irmão... Eu tenho um irmão mais novo que sempre quis ser técnico. No Chile, existe uma Faculdade que chama-se Instituto Nacional de Futebol. Aí ele queria ser técnico e aí meu pai começou: “Por que você não vai? Por que você não estuda para ser técnica? Você seria pioneira! Primeira no Chile, imagina. Técnica de Futebol!”. Aí eu comecei

a pensar “é verdade” porque eu não sabia muito o que queria fazer quando saí da escola. Aí comecei a investigar com meu irmão, meu pai me levou e aí entrei. Aí estudei e fui embora [riso].

**M.N.** – E quando você começou, queria que contasse um pouco como foi sua trajetória, os clubes que você passou, as suas atuações. Como foi isso?

**T3.** – Bom, eu estando na faculdade, comecei a me destacar. Éramos só três mulheres e duas delas não continuaram. Era um curso de quarenta pessoas, só três mulheres e duas não continuaram aí eu continuei e comecei a me destacar, sabe. Aí meus professores, eles mesmos me colocaram para fazer os estágios em um clube. Primeiro, num clube profissional: Audax Italiano Futebol Feminino. Aí foi uma experiência *ótima*. O técnico era homem, eu estava na categoria sub-17, o técnico era homem, ex-jogador de futebol que também estudava na minha faculdade e estive um ano com ele. Foi a melhor experiência. Aprendi muito dele. Ele é uma pessoa, cara, ótima. Me ensinou para caramba, tratava muito bem as meninas, era uma pessoa... Sabia muito... E ele era novo, sabe. E foi... Muito lindo. Depois, no terceiro ano da faculdade, fiquei no mesmo clube fazendo o segundo estágio. Aí tinha que ser profissional. Aí passei no Audax Italiano também na categoria profissional. Aí o técnico já mudava. Era homem também mas era um cara mais velho, sabe. Meio machista, meio que nada a ver com o outro da sub-17. Já era mais velho, aquela escola antiga e eu gostei mais de ficar com o treinador da sub-17 [riso].

**M.N.** – Nesse período, então, você encontrou alguma dificuldade para se inserir na carreira como treinadora no profissional?

**T3.** – Não, não senti dificuldade não. Mas não gostei do trato com as atletas, sabe, às vezes, é... Acho que por ele ser mais velho, porque era velho, sessenta e poucos anos. Ele tinha um trato meio despertivo com elas, comigo. Mas ele me ajudava igual, sabe. Era tipo, meio seu jeito. Mas ele estava no futebol feminino, ele era o técnico, é... [pausa]. Me ajudou igual, mas dificuldade para eu ficar não. Eles queriam que eu ficasse para começar a ser a técnica mas aí eu tive uma oportunidade muito boa de fazer meu último estágio, no quarto ano da carreira, no Colo-Colo. O Colo-Colo é o referente no futebol feminino no Chile. Aí eu fui embora do Audax e fiquei no Colo-

Colo. Também homem o técnico e a comissão toda, sempre homens. É... Preparador físico homem, técnico homem, massagista homem. No Audax Italiano era bom porque a massagista era mulher e a roupeira era mulher, então éramos três mulheres na comissão. Preparador físico e técnico homem. Aqui no Colo-Colo já era diferente, todos homens. Mas foi uma experiência *incrível* porque o Colo-Colo tem tudo. Estrutura, tudo. E esse ano eles iam jogar a Copa Libertadores, então, foi... Foram oito meses que eu fiquei no Colo-Colo até o final da carreira que foi lindo demais, muito bom. Eu aprendi muito.

**M.N.** – Bacana. E depois que você se formou, as suas passagens já como profissional, como foi?

**T3.** – Depois que eu me formei comecei a trabalhar num clube de... Como fala... Num clube alemão. No Chile tem várias comunidades e tem clube alemão. Aí eu trabalhei no futebol do clube alemão. Aí era técnica do time, a gente competia contra os outros clubes espanhóis, é... Da Arábia entendeu? As comunidades. Aí eu comecei a me formar. Foi uma experiência ótima porque eu era a técnica, já tinha... E as meninas, tipo no meu... Eu comandava elas. Sempre eu estive como auxiliar onde aprendi muito, sabe, muito mesmo. E acho que foi um processo muito importante porque ser auxiliar para ser técnica é bem diferente. Aí depois que me formei fiquei só um ano ali e decidi vir para o Brasil. Aí quando vim para o Brasil meu primeiro clube foi um clube de categoria de base masculino. Eu trabalhei no Clube Duque Caxiense. Que não é o mesmo que o Duque de Caxias. Duque Caxiense é um clube da terceira divisão do Rio que é profissional. Tem profissional, sub-15, 20 e 17 masculinos. Aí eu era a técnica da sub-15. Aí foi *incrível* também. Uma experiência inesquecível trabalhar com homens, com meninos. Gostei demais. Muito respeitosos, nunca teve... Não tinha nada que falar de preconceito, alguma coisa assim, porque os meninos sempre me respeitaram muito. E acho que também por ser estrangeira, eles viam em mim uma pessoa que podia lhes ensinar coisas diferentes. Aí fiquei um tempo e fui embora. Aí trabalhei no Rio também no Team Chicago. Não sei se você conhece ou já ouviu falar do Alexandre Mathias? Bom, ele tem um projeto que chama-se Team Chicago Brasil que são meninas que... Ele forma meninas para mandá-las aos Estados Unidos. Aí trabalhei com ele quase sete meses no Rio no ano de 2014...2014 não... Sim, 2014. Aí ele... Bom, me convidou para um seminário na CBF aí eu fui e conheci o Doutor

Paulo Roberto, do Vitória. E aí conheci ele e recebi o convite para vir para o Vitória como auxiliar técnica.

**M.N.** – Bacana. E você comentou um outro dia que está indo agora para um novo clube, certo?

**T3.** – É. Eu comecei aqui como auxiliar técnica, aí o técnico decidiu sair e eu assumi como técnica todo o ano passado. Nas duas competições, Pernambucano que saímos campeãs e na Copa do Brasil chegamos nas quartas de final. E agora... Bom, eu ia comandar o time no Brasileiro mas decidi sair e estou indo para o Clube Central de Caruaru para formar o futebol feminino e competir no Pernambucano também.

**M.N.** – Excelente. E nesses clubes que você atuou, você diria que existe uma progressão hierárquica nos cargos? É possível migrar de cargo indo de preparadora a auxiliar até a treinadora?

**T3.** – Com certeza. É... O que tem que ser é perseverante. Porque tudo é em seu tempo. Não adianta você se desesperar. Tipo, eu cheguei aqui como auxiliar e eu tinha muito o que aprender. Muito, sabe, eu não me sentia preparada para chegar e comandar um time. Eu acho que vai da pessoa, mas com certeza tem aquilo de hierarquia. Aí o técnico que decidiu sair e eu era sua auxiliar, imediatamente eu fiquei como técnica, entendeu? Aí com o preparador físico vai mudando... Aqui né... Mas com certeza pode passar do preparador físico para auxiliar e até para técnico.

**M.N.** – Bacana. E o que você diria que é importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

**T3.** – O primeiro é estudar. Se preparar. É... Não adianta ter sido uma muito boa jogadora para ser uma boa técnica. E nos homens também. Não adianta ter sido um ótimo jogador e depois chegar e achar que vai ser um ótimo técnico também. Tem que se preparar. Tem que estudar. Porque isso é o principal. Você não pode ensinar o que você não sabe. E o futebol é complicado. Você precisa saber as coisas. Não é só porque você viu nos treinos, porque você era atleta e vai dar aqueles treinos, não. Você tem que, como técnico, criar uma filosofia, uma identidade, um modelo e um

método de treinamento. Sobretudo, um modelo de jogo com que você quer jogar, não é chegar e falar “Ah vai jogar assim o 4x4x2” e pronto. É por que vai jogar aquele 4x4x2? Como o time vai atacar? Como o time vai defender? O que a gente faz quando perde aquela bola? Então o principal para o sucesso é se preparar.

**M.N.** – Legal. E além da faculdade específica que você cursou, quais outros cursos de capacitação você fez?

**T3.** – Eu... Bom... Fiz aquele... É uma carreira de quatro anos que você sai com o título de “Treinador de Futebol Profissional” e além disso eu fiz um ano de Preparação Física aplicada ao Futebol no Chile também, na mesma faculdade. Eu estudei cinco anos futebol para técnica e também para saber de preparação física.

**M.N.** – Excelente. E você vê importância nas redes de contato dentro dessa carreira também?

**T3.** – Com certeza. Sempre os contatos são importantes. Infelizmente e no mundo todo é assim. Você precisa ter bons contatos para ter um bom trabalho, para você mandar um currículo para um bom lugar, que te recomendem, que falem de você, que te indiquem. Essa é a palavra. Que te indiquem para algum lugar. Com certeza.

**M.N.** – Entendi. E agora, especificamente, sobre a estruturação da profissão de treinadora, em termos trabalhistas, queria que você dissesse um pouco como são as condições de trabalho...

**T3.** –Vai depender do clube. Isso depende muito da estrutura que tem o clube, das condições financeiras que tem o clube. Poxa, há muita diferença de um para o outro. Mas eu acredito que todos tentam dar o melhor. O melhor que eles podem. Porque tem uns que são clubes de prefeitura, outros que tem um dono e assim, vai depender muito disso.

**M.N.** – Entendi. E de acordo com essa realidade, até mesmo a que você viveu no Brasil, por exemplo, no ano de 2016, você estava satisfeita com a remuneração?

**T3.** – É... Bom... A remuneração... É tranquila. E também eu acho que depende do clube. Dependendo da... [trecho interrompido]... Vai depender das condições do clube. Tem clubes que tem muita condição, tipo um Corinthians... É diferente de um time tipo pequeno.

**M.N.** – E você vê diferença, ainda que o clube tenha a mesma estrutura, nessa questão salarial entre os homens que treinam as mulheres e mulheres que treinam também mulheres?

**T3.** – Hum... Eu posso te falar que na experiência pessoal não. Comigo era a mesma coisa com respeito ao salário. Mas é diferente quando se compara ao salário do homem que é técnico no masculino. Aí o salário deles é diferente estando no mesmo clube, entendeu? Mas os técnicos que trabalham com mulheres... É... Na minha experiência, não teve isso não. Foi a mesma coisa.

**M.N.** – Entendi. E o processo de formação da sua equipe, da sua comissão? Você como treinadora, perante todos os outros membros, tem autonomia para essa formação?

**T3.** – Aí também depende do clube. Tipo, aí vai depender. Aqui no Vitória eles tem a comissão, sabe. Mas eu posso escolher, por exemplo, estagiários que me ajudem, mas aqui eles já te dão uma comissão. Por exemplo, agora eu estou indo para outro clube, *eu* estou escolhendo minha comissão. Eu vou ter uma auxiliar mulher. Vou ter um preparador físico homem, mas eu escolhi uma auxiliar mulher, eu quero técnica e auxiliar técnica mulher. Eles estão me dando opção de escolher minha... Aí vai também... Depende do clube, muito. Porque tem clubes que só contratam técnico, e auxiliar e preparador. Tem outros clubes que deixam o técnico levar sua comissão, auxiliar e preparador físico e vai depender muito disso. Dos clubes. Tenho autonomia sim, com certeza.

**M.N.** – Isso é ótimo. E de acordo com o que você vivenciou até aqui, como é sua relação com as pessoas que são lideradas por você?

**T3.** – As pessoas da comissão ou as atletas?

**M.N.** – Tanto a comissão quanto as atletas.

**T3.** – Vai depender porque às vezes você não conhece. Na minha experiência você... Eu tenho trinta anos, aí você vai chegar e vai comandar um cara mais velho aí você tem um pouco de receio. Aí vai vendo a pessoa, como ganhar, como você entrar, como você ser com as pessoas. E com as atletas eu vejo que as atletas gostam muito de serem comandadas por uma mulher. Eu acredito que o futebol feminino tem que ser comandado por mulheres. Mesmo tendo homens, tem ótimos técnicos de futebol feminino, mas a modalidade fala né "*Futebol Feminino*". Sempre estive ligado ao masculino então tem que separar. Mas quando você é uma pessoa séria e uma pessoa que sabe e é segura do que você tem ninguém pode te falar nada. Mas sempre vai ter gente que não vai gostar de você, sempre vai ter gente que não vai querer ser comandado, sempre existem aqueles problemas.

**M.N.** – Entendi. Você gostaria de destacar algum desses problemas? Alguma dificuldade que você tenha encontrado hoje como treinadora?

**T3.** – Olha... É que muito problema não teve, sabe. Minha experiência até o momento tem sido boa só que sempre vai encontrar pessoas que vão te criticar demais, ou: "Ah poxa, mulher sabe de futebol?", "Estranho, né?!", "Formada?", então sempre vão ter pessoas que possam não acreditar. Mas aí vai da profissional que você é, como ganhar essas pessoas. Ganhar me refiro a como você ganhar a confiança. Com trabalho, demonstrando que você sabe, sendo líder com as meninas, entendeu? Mas eu, graças a Deus, não posso falar que tive problemas porque seria uma mentira. Mas com certeza dá para perceber que uma ou outra pessoa não pode gostar a todo mundo.

**M.N.** – E como se dá a conciliação entre sua vida profissional e a sua vida pessoal?

**T3.** – Bom, eu... Meu marido é técnico também. Então a gente... É... Vive futebol. Somos de futebol. Falamos de futebol, janta futebol [risos], então na verdade eu aqui não tenho uma vida muito social. Eu estou cem por cento vinculada ao futebol. Eu deixei tudo. Minha vida está no Chile. Meus pais, amigos. Eu no Rio tinha uma vida

mais social, tinha amigos, tem uma comunidade chilena mas aqui, quando comecei a rodar um pouquinho aqui, Vitória já é mais difícil você fazer uma amizade. Mas eu concilio bem porque, poxa, é futebol o tempo todo. Aí eu com meu marido a gente está... Aí é mais difícil, às vezes, porque está começando competição. Antes sempre trabalhamos juntos, agora está começando a acontecer que ele está indo para um lugar, eu estou indo para outro e aí fica mais complicado não separar. Mas agora estamos indo para o mesmo clube então isso que é bom.

**M.N.** – E como você vê as perspectivas de ascensão na carreira para mulheres dentro do treinamento aqui no Brasil?

**T3.** – É... Sabe que aqui no Brasil eu vejo bastantes mulheres envolvidas com o futebol mesmo sendo poucas. São poucas mas tem e isso que é o importante. No meu país são poucas, você conta com uma mão, são cinco, seis... Somos as técnicas. Aqui já tem dez, tem quinze. No profissional ainda não tem muitas, mas você vai a uma escola, futsal tem sua técnica. Vai vendo que as meninas querem. Então eu vejo que cada dia mais está revolucionando. Cada dia mais as mulheres estão perdendo aquele medo de querer comandar um time. Não tem por quê ter, entendeu? Já é século XXI. Essa questão do machismo eu acho que até nós mesmas damos muita... Falamos muito disso e não tem que falar, tem que *atuar*. Nós que temos que correr atrás das coisas. O machismo existe sim mas somos nós que temos que parar isso mas não falando, simplesmente atuando. Querendo fazer acontecer. Querendo que as coisas sejam. E eu vejo que tem uma evolução muito grande e sinto que vai evoluir muito. Agora, gostaria de ver as atletas interessadas em ser técnicas. Eu tenho algumas atletas que querem muito ser preparadoras físicas e isso já é, poxa, uma vitrine para elas. Tem uma aqui no Vitória que estava estagiando com o masculino, então isso você vai vendo que elas querem mesmo. E com certeza daqui a um tempo vai ter muitas outras mulheres na modalidade aqui no Brasil.

**M.N.** – E a suas expectativas futuras como treinadora?

**T3.** – As minhas expectativas. Bom, agora eu estou me mudando de clube e eu gostaria de rodar alguns clubes pelo Brasil, sabe. Não pretendo ficar sempre no mesmo lugar. Eu gostaria de rodar porque eu quero... Bom, meu sonho, minha

pretensão maior é ser técnica da seleção chilena de futebol feminino. E por isso que eu fui embora do Chile. Porque eu compito com homens então para eu chegar lá, tenho que chegar muito preparada. Então para mim é muito importante rodar, conhecer, trabalhar, ter experiência de vida. Gostaria de chegar longe mas para isso tenho que ter experiência. E minha expectativa maior seria chegar na seleção de futebol feminina ou qualquer outra seleção, quem sabe [riso].

**M.N.** – Bacana. Vai chegar. E existe algo nesse percurso, Macarena, que já tenha feito você pensar em desistir da carreira?

**T3.** – Nunca. Jamais. Jamais. Eu sou uma pessoa que tenho um caráter muito formado, muito forte. E para mim desistir não está no meu vocabulário. Meu pai sempre me ensinou que você não tem que desistir das coisas, você tem que *persistir*. Mesmo que seja difícil, mesmo você chorando, tendo dificuldade você tem que persistir. E para mim foi muito grata a carreira que eu escolhi. Eu tive muito apoio, além da minha família, dos meus professores. Como são poucas as mulheres, eles incentivam muito as meninas que entram. Então isso, não. Eu queria, ao contrário, era estudar, estudar e estudar e tentar sair como uma das melhores, sabe. Eu sou competitiva então, poxa, para mim foi uma das melhores experiências.

**M.N.** – Legal. Eu finalizei as perguntas que tinha a fazer, gostaria agora de lhe pedir que caso eu não tenha abordado algum tema, não tenha te perguntado algo que você ache importante dizer, pode ficar à vontade para acrescentar, por favor.

**T3.** – Bom... É... Acho importante nós técnicas trabalharmos muito na base do futebol feminino. Se fala muito do futebol profissional, que nós temos que estar, que falta mulheres no futebol profissional mas o que está faltando é a formação de atletas. Eu acho muito importante nós técnicas, além de querer estar no futebol profissional de alto rendimento, estar nas categorias de base. Aí que está o futuro. Aí que está o futuro do Brasil e do futebol mundial. Nas categorias de base, nós temos que formar aquelas meninas a partir dos cinco anos, como o trabalho que faz o Centro Olímpico<sup>6</sup> e outros clubes aqui no Brasil. Mulheres que temos que fazer isso. Mulheres. Temos que ter mulheres formadoras, mulheres em cargos de formadora de atleta pequeno, tanto masculino como feminino, mas sobretudo, as atletas femininas porque o futebol

sempre foi... As mulheres começam mais velhas. Antigamente, agora já começam mais novas, mas tem que fomentar o futebol feminino das bases. Aí é onde tem que ter muita mulher. E aí você vai fazendo a sua carreira. Vai começando na base, aí vai subindo até chegar já no futebol profissional fazendo uma ascensão na sua carreira mas isso para mim é muito importante destacar. O futebol de base feminino é o que gostaria que todo clube pudesse ter, não só sub-17 e profissional ou sub-20 e profissional. [Trecho incompreensível] porque aqui no Brasil tem muita profissional, eu tenho conhecido meninas que gostam e querem. Só falta a estrutura e a possibilidade, simplesmente.

**M.N.** – Bacana. Muito obrigada então. Eu finalizo aqui a entrevista. Todo esse áudio será transcrito e eu vou fazer a devolutiva a você para que confira, talvez possa até acrescentar algo mais que você se lembre, está bom?

**T3.** – Está bom, muito obrigada você, Mariana. Espero que tenha gostado [riso]. Isso Mariana, eu quero te falar que o futebol feminino precisa de visibilidade. Precisa de pessoas como vocês... Como você que queriam mostrar para o Brasil p que está acontecendo. As técnicas, somos poucas, precisamos daquela visibilidade. Não só na competição, “ah poxa, chegou uma na semifinal” ou uma na final, precisamos que o tempo todo estejam incentivando a outras mulheres que se pode.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 04

Entrevistada: Neila Rosas (T4)

Idade: 49 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Cruzeiro do Sul, Acre

Etnia autodeclarada: Parda

Estado civil: Solteira

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Graduada em Gestão Pública e cursando Educação Física

Profissão ou profissões: Servidora Pública

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): 6 horas semanais.

**T4.** – “Meu nome é Neila Rosas, tenho quarenta e nove anos. Brasileira, natural de Cruzeiro do Sul, Acre. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Gestão Pública e agora curso Educação Física. Trabalho como Servidora Pública com carga horária de seis horas semanais”.

**M.N.** – Eu vou começar lhe perguntando... Eu queria que você me contasse como foi sua relação com o esporte desde a sua infância.

**T4.** – Olha, eu venho de uma família que sempre gostou de praticar esporte. Meus irmãos quando eram pequenos sempre me levavam para jogar futebol, eles jogavam futebol profissional e sempre me levavam com eles para assistir. Foi aí que eu comecei a gostar de esporte.

**M.N.** – Durante a sua juventude isso persistiu?

**T4.** – Sim, sim. Toda a minha juventude, adolescência e tudo. Tudo foi praticando esportes.

**M.N.** – Bacana. E além dos seus irmãos, existia mais alguém marcante para você no sentido de te incentivar?

**T4.** – Não. Só os meus irmãos mesmo.

**M.N.** – Só os seus irmãos. E por quem você foi treinada? Tanto na infância quanto na juventude.

**T4.** – Na verdade na infância eu fui treinada pelos meus irmãos. Eu ia pro gol enquanto eles ficavam chutando [riso].

**M.N.** – Entendi. Então você era goleira? Ou não, depois você foi para a linha?

**T4.** – Não, não, não, não. Depois eu fui jogar na linha. Goleira era só para ser cobaia deles.

**M.N.** – Entendi. E eles faziam isso porque não queriam dar espaço para você na linha? Por que isso acontecia de você ficar só no gol?

**T4.** – Eu acho que é porque não tinham pessoas que fossem para o gol e me colocaram ali [riso].

**M.N.** – Entendi. E já na juventude? Você teve vivência com outros treinadores?

**T4.** – Olha, na verdade aqui, o futebol feminino veio a ter mais ênfase assim e mais treinador, de uns tempos para cá. Não era... Antes fazia um time e cada um por si jogava sem ter treinador nenhum. Agora de uns tempos para cá é que está melhorando. Que está aparecendo gente mais interessada, querendo treinar.

**M.N.** – Então, vivência com treinadora mulher você também não teve nenhuma?

**T4.** – Não, não. Nenhuma.

**M.N.** – Entendi. E quando você jogava, como as pessoas enxergavam a sua participação no futebol?

**T4.** – Olha, eu não era das melhores, mas também não era das piores não [riso].

**M.N.** – E que tipo de comentários você ouvia das pessoas em geral?

**T4.** – Ouvia sempre comentários de que “Futebol não é para mulher”, que “Mulher é sexo frágil e não dá para jogar futebol”, comentários sempre esses. Sempre com discriminação!

**M.N.** – Discriminação. Você se recorda de alguma situação de preconceito que tenha sofrido e queria destacar?

**T4.** – Olha, inclusive atualmente ainda existe esse preconceito. Eu, inclusive, eu estou até sendo acionada na justiça por um rapaz que é técnico de um time adversário daqui que ele... Ele é técnico no futsal e a gente estava jogando a seletiva para a Copa do Brasil e ele estava lá na arquibancada... É... Xingando as minhas jogadoras, chamando como sempre chamam de... De sapatão, essas coisas. E quando terminou o jogo eu fui lá e dei um empurrão nele e ele me colocou na justiça por isso. E agora está na justiça rolando. Ele está me acionando por lesão corporal e eu estou entrando na justiça por discriminação também. E ele é técnico de time feminino [riso].

**M.N.** – É [riso]. Um pouco complicada essa questão. E como você iniciou sua carreira como treinadora?

**T4.** – Olha, eu... Eu tive uma lesão no joelho. Jogava no time, tive uma lesão no joelho daí eu parei de jogar. O técnico desse time que eu participava, que eu jogava, me convidou para ajudar ele. Daí eu comecei no futebol de campo. Quando apareceu o futebol feminino aqui no futsal aí eu resolvi fazer... Tomar conta do time de futsal. Ele tomando conta no campo e eu no futsal. Daí que eu comecei a exercer a função de técnica.

**M.N.** – Entendi. É depois sua transição do futsal até chegar ao campo houve alguém que te ajudou a se inserir?

**T4.** – Sim, sim. Tem o meu ajudante de campo que sempre está comigo me ajudando sempre.

**M.N.** – Entendi. Mas para você começar no campo, como foi essa transição sua de treinadora da quadra para o campo?

**T4.** – [Silêncio]. É porque na época, eu... Geralmente o homem não sabe comunicar muito com as mulheres. E eu achava dificuldade nisso, então eu comecei a me impor mais, tomar mais a frente do time de campo e vi que as meninas davam mais certo comigo do que com ele. Aí que eu comecei a tomar mais conta do time de campo.

**M.N.** – Entendi. E você enfrentou alguma dificuldade no início da carreira perante família, amigos, a própria comissão técnica ou as atletas?

**T4.** – Ah, é... Não. No começo a família sempre fala alguma coisa né. “Você se dedica só ao futebol, não cuida da vida pessoal”, essas coisas. E na comissão técnica não. Na comissão técnica do meu time eles acharam até bom eu me envolver mais no futebol de campo porque é uma questão de comunicação com as meninas.

**M.N.** – Entendi. E você citou a questão da vida pessoal, hoje em dia como se dá a conciliação entre essa vida no futebol e a vida pessoal?

**T4.** – Hoje em dia já está mais tranquilo. Foi só no começo mesmo que falavam muito mas hoje em dia está mais tranquilo, viram que é isso que eu quero mesmo, que eu gosto é disso mesmo, que é nisso que eu me realizo aí deixaram de mão.

**M.N.** – Entendi. E você consegue conciliar bem também essa profissão de treinadora com a outra profissão que você exerce?

**T4.** – Consigo sim. Graças a Deus os... As pessoas que eu trabalho aceitam isso e nos dias que tem jogos ou então quando é necessário a gente sair do Estado eles me liberam.

**M.N.** – Bacana. Isso é ótimo. E até a respeito de vocês saírem do Estado, esses jogos... Queria que você falasse um pouquinho da sua trajetória no clube, se você já passou por outros locais... Como é sua trajetória profissional nesse sentido?

**T4.** – Olha, como eu falei o futebol feminino aqui no Acre não tem muita ajuda. A gente aqui... A gente tem que tirar do próprio bolso. Nós como dirigentes, como atletas temos

que tirar do próprio bolso. Então para viajar fica muito difícil. Nós participamos de... Nós participamos da Copa do Brasil ano passado e foi com muita dificuldade mesmo, porque a gente tinha até que tirar dinheiro do bolso para levar algumas atletas, comprar material sabe, essas coisas. E aqui não tem como... Muita saída para jogar fora do Estado. Se não for a Copa do Brasil ou então o Brasileiro de Futsal também que nós participamos em Goiânia, senão for isso ou a gente não fazer uns jogos assim tipo amistoso, não tem.

**M.N.** – Entendi. E o que você considera como importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

**T4.** – Olha, a gente tem que primeiro de tudo estudar. Sempre estar se aprimorando, sempre estar vendo as novidades e acima de tudo ter paciência e força de vontade [riso] [pausa]. Porque o futebol feminino já é discriminado e é muito difícil ter uma técnica no feminino.

**M.N.** – E o que você pensa sobre essa dificuldade? Por ser o futebol de mulheres, como você enxerga essa coisa de haver poucas mulheres nas comissões técnicas?

**T4.** – Eu acho que muitas querem ser, só que tem medo da dificuldade. Não têm coragem de encarar e bater de frente e a oportunidade também que, às vezes, a... Não tem oportunidade. Para seguirem em frente. As portas, geralmente, quando é para mulheres... No futebol as portas se fecham.

**M.N.** – E você acha importante ter uma boa rede de contatos para facilitar esse acesso?

**T4.** – Com certeza. Deveria ter mais... Mais junção das pessoas que... Tipo as mulheres que mexem, que trabalham com o futebol feminino deveriam ter mais... Serem mais juntas, terem uma relação...

**M.N.** – Se unir em torno da mesma causa?

**T4.** – Exatamente.

**M.N.** – Entendi. E você falou sobre o estudo, eu queria que você comentasse se já fez algum curso de capacitação no futebol.

**T4.** – De quê?

**M.N.** – Um curso específico, como foi a sua capacitação para ser treinadora?

**T4.** – Eu faço mais pela internet. Porque aqui mesmo não tem. Eu faço pela internet.

**M.N.** – E você cursa também Educação Física agora, não é isso?

**T4.** – É. Eu estou fazendo Educação Física agora.

**M.N.** – Bacana. Você já comentou um pouco sobre as dificuldades, que aí basicamente vocês que mantêm os times. Como são as condições de trabalho, a formação da comissão técnica de vocês, o processo para você captar as atletas do seu time? Como isso acontece?

**T4.** – Olha, a... O processo aqui é difícil. Porque aqui tem que, como eu te falei, tem que tirar dinheiro do próprio bolso, para arcar com as despesas do clube, do time. Tem que ir pela amizade mesmo para chamar a jogadora para jogar tem que ser na amizade. A comissão técnica que arca com todas as despesas do time, *tudo*. É muito difícil, aqui a dificuldade é muito grande. Tem que ter muito amor pelo que faz.

**M.N.** – Então vocês não têm nenhum vínculo trabalhista, carteira assinada, salário, nada disso?

**T4.** – Não, não, não. Não. O máximo que a gente tem ajuda aqui é comprar um material, uma chuteira, ou dar dinheiro para pegar uma condução para ir para os treinos. O máximo que a jogadora ganha é isso.

**M.N.** – Entendi. E a relação de vocês... A sua relação com todas as pessoas que são lideradas por você, como é isso?

**T4.** – São ótimas. São ótimas. Elas são de amizade mesmo, de família mesmo.

**M.N.** – Ótimo. Então depois que passaram as dificuldades de inserção na sua carreira de treinadora, hoje em dia para continuar exercendo essa função você não tem nenhum tipo de problema?

**T4.** – Não, não.

**M.N.** – Bacana. E o que você diria talvez além da capacitação, que é capaz de garantir a mulher nesse meio?

**T4.** – [Silêncio]. Olha, eu acho que deveria ter mais apoio. [Trecho inaudível]. Mais apoio nas equipes de futebol, os times de profissionais masculinos deveriam dar mais apoio pros times femininos. E até do governo.

**M.N.** Então você vislumbra boas possibilidades de ascensão na carreira de mulheres que querem ser treinadoras? De repente sair de um time menor, atingir um clube maior... Como você enxerga isso hoje, no Brasil?

**T4.** – Olha, eu acho que está melhorando muito. A gente já vê a técnica no feminino... Hoje em dia uma mulher. Eu acho que já está progredindo muito já. Eu acho que... Que ela... Ela é... Foi uma boa da CBF ter colocado a... Ela... A técnica do futebol feminino como uma mulher porque vai dar mais vontade das outras que têm medo de seguir essa carreira, vai dar até mais coragem.

**M.N.** – Sim. E além dessa questão da CBF tem algum outro fator ao qual você atribua essa melhora que você mencionou?

**T4.** – Eu acho que o futebol feminino querendo ou não querendo, apesar das... De umas querendo puxar para trás, está melhorando muito. *Muito*.

**M.N.** – E para você, quais são as suas expectativas futuras como treinadora?

**T4.** – Olha, é terminar o curso de Educação Física, me aprimorar mais para tentar ir mais à frente. Evoluir mais o futebol feminino aqui no Acre.

**M.N.** – Suas pretensões então são dentro do seu próprio estado. Fortalecer a modalidade aí mesmo?

**T4.** – É.

**M.N.** – Bacana. E nessa trajetória toda sua, tem alguma coisa que já te fez ou ainda te faz pensar em desistir disso?

**T4.** – Ah já, várias vezes. Várias vezes já pensei em desistir, mas não dá. Quando está no sangue não dá mais [riso]. Não dá para desistir não.

**M.N.** – E por que você já pensou em desistir?

**T4.** – Pelo... Justamente pela falta de apoio. Que não tem. Aqui não tem apoio nenhum. Apoio, a falta de apoio, a discriminação, essas coisas. Já deu vontade de desistir.

**M.N.** – As perguntas que eu tinha estruturado eu terminei. Queria saber se quer deixar algum comentário, falar sobre alguma coisa que eu não tenha te perguntado e que você ache que possa acrescentar no tema todo que a gente tratou hoje.

**T4.** – Não. O que eu queria falar é que, é... Como todo... Todas as mulheres que participam, que fazem futebol que tivessem mais apoio. Principalmente na região Norte que é muito discriminada. Tivesse só mais apoio.

**M.N.** – Essa discriminação quem você menciona da região Norte é em qual sentido?

**T4.** – É, tipo, vai ter o Brasileiro agora e a região Norte não entra. Pelo ranking. E isso... Essa situação do ranking... E outra, Copa do Brasil deveria ser por região. Tipo, a seletiva por região porque a gente faz aqui, joga em Porto Velho, chega em Porto Velho você pega um time de... Do Sul, que é um dos times bem preparados, com toda

estrutura. Você já perde por ali, já vai em desvantagem. Essa Copa do Brasil deveria ser por região e depois quem jogasse fosse como time de fora. Porque tem muita diferença a estrutura dos times da região Norte para a estrutura do time do Sul. Seria isso aí.

**M.N.** – Entendi. Algo mais que você gostaria de acrescentar?

**T4.** – Não, não.

**M.N.** – Então eu te agradeço muito. Isso tudo que estamos gravando eu vou escrever, posteriormente vou reenviar a você, para você revisar e no mais, é te agradecer mesmo por toda a ajuda e a gente vai continuar se falando para trocar ideia sobre o trabalho e você ter um retorno sobre o estudo.

**T4.** – Está bom.

**M.N.** – Muito obrigada, boa noite.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 05

Entrevistada: Patrícia Gusmão (T5)

Idade: 38 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Hamburguense

Etnia autodeclarada: Não declarou. Aguardando resposta.

Estado civil: Solteira

Filh@s: Não

Escolaridade/Formação: Graduada em Educação Física

Profissão ou profissões: Treinadora de Futebol e Professora de Futebol

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): Quarto ano como treinadora e dez anos como professora em escolinhas de futebol feminino e masculino.

**T5.** – “Meu nome é Patrícia Gusmão, tenho trinta e oito anos. Brasileira, Hamburguense. Solteira e não tenho filhos. Sou graduada em Educação Física. Atuo como Treinadora de futebol há quatro anos e como professora de futebol em escolinhas de futebol feminino e masculino há dez anos”.

**M.N.** – Então, gostaria que você começasse me contando, por favor, como era a sua relação com o esporte desde a sua infância.

**T5.** – Bom, no início da minha infância eu sempre tive uma vida muito ativa. Com... Principalmente na Educação Física que foi onde eu tive minha primeira iniciação esportiva e foi ali que também eu comecei a jogar futebol e a me inserir nesse mundo do futebol.

**M.N.** – Entendi. E nesse processo, quem te incentivou? Quem foi referência para você?

**T5.** – Assim, eu sempre tive um apoio da minha família, que eu tenho um irmão mais velho que sempre foi jogador de futebol. Agora ele até atua como treinador também em uma equipe profissional masculina e por ter essa ligação da família, meu pai já foi dirigente de clube daqui da cidade, então a minha família sempre esteve muito envolvida com o futebol e eu desde pequena cresci nesse mundo aí. Eu acho que foi muito o que me levou também a seguir esse caminho.

**M.N.** – Legal. E isso continuou durante a sua juventude?

**T5.** – Sim, continuou. Eu tive muitos apoiadores, assim, tanto família, quanto professores na escola e aí quando eu tive a minha primeira oportunidade de seguir então... Porque eu sempre joguei muito com meninos, aí quando surgiu a possibilidade de um clube, como o Inter e o Grêmio que são clubes tradicionais aqui do Rio Grande do Sul, abrirem o departamento de futebol feminino, eu fui para Porto Alegre e fiz então o primeiro teste na escolinha lá do Inter e depois permaneci por oito anos jogando lá profissionalmente.

**M.N.** – E por quem você foi treinada?

**T5.** – Eu sempre fui treinada por homens, sempre tive treinadores homens. Nunca tive a oportunidade de trabalhar com uma mulher, mas sempre foram pessoas que eu consegui, assim, aproveitar o máximo do que... Do conhecimento. Claro que a gente tem também no futebol feminino muitas pessoas que... Ou porque já jogaram, que se tornam treinadores ou porque gostam da modalidade mas que nem sempre estão tão preparados para exercer essa função, esse cargo. Então eu tive alguns treinadores muito bons mas também tive alguns que não me acrescentaram muita coisa não.

**M.N.** – Entendi. E as pessoas em geral, como elas viam a sua participação no futebol?

**T5.** – Olha, as pessoas que eu conhecia sempre me incentivaram muito, até porque sabiam da qualidade que eu tinha. Então eu nunca tive muito problema quanto a isso. Por já estar envolvida no meio do futebol e estar sempre brincando com a bola, eu sempre até recebia muitos elogios e incentivos, procurar... “Ah, por que você não procura um clube?”, “Vai jogar porque tu tem condições, tu tem potencial.” Então, assim, das pessoas que me conheciam mesmo sempre eu tive bastante incentivo.

**M.N.** – Sim. E você se lembra se houve alguma situação de preconceito que você tenha passado por estar no futebol?

**T5.** – Assim, a gente sempre passa por diversas situações. Claro que eu já tive muitas situações de preconceito, até por viver no mundo do futebol que é relativamente

masculino. O pessoal sempre associou o futebol a homem e nunca a mulher. Principalmente aqui no Brasil. E aqui no Rio Grande do Sul então, tu pode ver que a coisa assim, multiplica porque é um estado assim, bem tradicionalista onde tem o pessoal gaúcho e eles tem uma certa resistência quanto ao futebol. Até porque se tu for ver no futebol feminino é a primeira vez que o Rio Grande do Sul vai ter um representante no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. As coisas aqui estavam meio paradas e esse, então, aí com a parceria com o Grêmio a gente conseguiu efetivar a parceria com o Departamento e ter essa oportunidade. Sim... Eu já tive muito preconceito, principalmente jogando. Quando eu jogava e, por exemplo, tu ia em um estádio, tu ia em uma partida e sempre tu ouvia algumas coisas, algumas palavras: “Ah, vai lavar roupa ao invés de estar jogando futebol!”, “Ah, futebol é coisa para homem!”, esse tipo de coisa para pior. A gente ouve bastante coisa assim.

**M.N.** – Entendi. E como começou a sua carreira como treinadora?

**T5.** – Assim, há quatro anos atrás eu fiz a minha cirurgia no joelho e eu não consegui me recuperar muito bem. Eu tive alguns problemas e eu tive que fazer uma segunda cirurgia e aí eu vi então que a possibilidade de jogar ia ser muito difícil. Por quê? Porque o futebol feminino vem em uma evolução muito grande, tanto na parte técnica e tática como na parte física também. Assim como no masculino. A gente vê aí hoje o futebol muito... A parte física tem que ter uma ênfase maior. Como eu tentei, depois de fazer minha segunda cirurgia, voltar a jogar e vi que não ia ser possível por causa dessa parte aí... A parte física mesmo que as meninas estavam muito acima, num nível muito acima, muito bom fisicamente eu vi... Olha, melhor eu parar por aqui até para eu não me machucar mais e aí então eu resolvi para esse outro lado porque quando a gente está há muito tempo em um meio esportivo, no futebol ou eu acho que em qualquer outra modalidade, essa parte quando chega no final da carreira tu tenta procurar alguma coisa que vá te inserir ali ainda para tu não ter aquele choque tão grande. Eu sou profissional de Educação Física, então, eu já fui para esse lado pensando nisso de que algum dia eu poderia trabalhar na área. E aí então eu segui para essa área que é ser treinadora.

**M.N.** – E assim como você teve pessoas que te incentivaram a ser jogadora, você teve alguém como referência para ser treinadora também?

**T5.** – Assim. Como eu te falei, eu tenho um irmão que é treinador de futebol masculino, e sempre que eu joguei futebol também eu sempre tive muito... Muitos treinadores que me incentivaram e que me falaram: “Oh...”. De repente pelas minhas características dentro de campo porque eu sempre fui uma jogadora que gostei muito dessa parte. Da parte técnica, tática, eu sempre procurava orientar a equipe, sempre gostava de me aprofundar nessa área, então eu desde cedo assim, eu sempre pegava alguns treinadores que eram mais inteligente e que tinham uma bagagem maior, eles me falavam: “Oh, tu tem potencial aí para ser treinadora.” “O dia que tu acabar aí a tua carreira como atleta, de repente tu pode seguir por esse lado, porque eu vejo que tu é muito inteligente”. E esse tipo de elogios assim que a gente ouve e que a gente escuta que incentivaram a seguir aí nessa nova carreira.

**M.N.** – E como foi o seu processo de inserção? A sua primeira contratação, seu primeiro clube, conta um pouquinho por onde você já passou, por favor.

**T5.** – Como eu te falei, minha carreira é recente, são quatro anos aí de trabalho. A minha primeira equipe foi a equipe de Cachoeirinha aqui do Rio Grande do Sul. Eu tive o convite do presidente do clube. O clube era um clube que só tinha departamento amador. Eles jogam... O masculino joga o campeonato amador aqui no Rio Grande do Sul e ele queria fazer um trabalho diferente, queria poder fazer um trabalho com o futebol feminino também. Aí surgiu a possibilidade de a gente jogar uma Copa RS, ele fez o convite para mim, eu montei a equipe, a gente jogou, fomos campeãs e ganhamos a vaga para disputar o Campeonato Gaúcho. Daí iniciou as atividades no meio de 2014, a gente continuou com a equipe, só que aqui no Rio Grande do Sul a gente está um pouquinho atrás porque as equipes elas não são profissionais, elas não conseguem manter um elenco, dar uma ajuda de custo, pagar passagem, treinar todo dia. As meninas ainda trabalham, dependem de disponibilidade de tempo, muitas vezes o período de treinamento tem que ser à noite por ter isso... Pelas meninas trabalharem durante o dia e aí então, com muito esforço e sacrifício, a gente conseguiu montar a equipe, reforçar mais do que aquela primeira competição e nesse primeiro ano aí eu me sagrei campeã gaúcha como treinadora, meu primeiro título que foi em 2014. Em 2015 eu fui convidada por uma equipe de uma cidade vizinha a participar do campeonato também. Consegui manter algumas pessoas no elenco e outras atletas vieram novas, a gente conseguiu o bicampeonato aí também, e esse ano eu

estava dirigindo o mesmo time do Canoas quando eu recebi o convite do pessoal da Associação Gaúcha de Futebol Feminino para a gente fazer um novo projeto com escolinhas de fazer uma seleção aqui do estado do Rio Grande do Sul para a gente poder representar nosso estado nas competições a nível nacional já que aqui a gente tem um pouco de dificuldade quanto a treinamentos, a estrutura mesmo de atleta, para conseguir as atletas... E eu tive que deixar a minha equipe então. Em setembro eu deixei a equipe e em dezembro elas foram campeãs novamente, daí. Com outra treinadora no meu lugar, mas eu posso dizer que assim, boa parte do trabalho eu que construí, então são três anos aí praticamente campeã gaúcha como treinadora. Eu tive também duas passagens na Copa do Brasil, até tu pode ver que as passagens pela Copa do Brasil são assim: o campeonato é meio regionalizado e as equipes aqui do Rio Grande do Sul elas sempre pegam grandes equipes no primeiro enfrentamento. A gente nunca consegue pegar uma equipe mais fraca, então a gente entra no campeonato, em 2014 a gente pegou a atual campeã da Copa do Brasil, Araraquara, a Ferroviária de Araraquara ali de São Paulo que era uma equipe que tinha ganhado tudo naquele ano. Então conseguimos levar o jogo já para São Paulo, aqui foi três a dois para elas e lá foi dois a zero, foi até um resultado até... Assim, dentro do comparativo entre as equipes, até muito bom para a gente, e em 2015 a gente foi disputar esse ano... O ano passado contra o [trecho inaudível]. A segunda participação na Copa do Brasil foi contra a Chapecoense aqui em Santa Catarina, uma equipe também nova mas que já tinha uma estrutura toda de um clube masculino por trás. Nosso primeiro jogo aqui foi três a três, daí na volta lá nós perdemos de quatro a três e fomos eliminadas também.

**M.N.** – E você considera ter tido algum tipo de dificuldade nesse início de carreira?

**T5.** – Olha, até como treinadora assim eu não tive muita dificuldade não. An... Não sei se por causa da... Do nível técnico... Do nível que se encontra o futebol aqui no Rio Grande do Sul ainda, eu posso te dizer que eu tive bastante apoio e ainda até um incentivo bem grande, tanto de dirigentes, como de presidentes de clubes. Eu tenho tido um respaldo bem legal quanto a isso.

**M.N.** – Legal. Então até hoje, em todos os clubes que você atuou, você já chegou como treinadora, certo?

**T5.** – Sim. Até ia te comentar assim, como treinadora em 2014... Por exemplo, posso citar assim, como treinadora mas fazendo outras funções também porque a dificuldade era grande, então eu fazia a parte física, fazia a parte técnica, entendeu. Ainda dava uma ajuda para alguma outra coisa, era mais ou menos assim que funcionava. Em 2015 já melhorou, tive uma comissão técnica um pouquinho maior, com preparador de goleiros, com auxiliar técnico, preparador físico, então foi um pouco melhor a estrutura de trabalho. Em 2016 foi a mesma coisa. Continuou nesse mesmo nível.

**M.N.** – Entendi. E como é esse processo de formação de uma comissão técnica? Você como treinadora tem autonomia para convidar? Como acontece?

**T5.** – Sempre nas equipes que eu trabalhei até hoje, sim. Eu sempre tive autonomia para escolher pessoas que pudessem ser do... Que eu conhecesse ou que eu já tivesse algum contato. Isso aí facilita muito, quando tu consegue... *Tu* criar tua... Convidar as pessoas para trabalharem contigo. Até porque tu pode colocar pessoas da tua confiança e isso aí se torna essencial para um trabalho ser bem sucedido.

**M.N.** – Legal. E a sua relação com as pessoas, em geral, lideradas por você, é uma bola relação? Inclusive com as atletas?

**T5.** – Isso aí eu sempre consegui ter uma boa relação tanto com as pessoas fora de campo, como eu te falei, dirigentes, presidentes, pessoal da comissão técnica. Sempre tive um bom entendimento, nunca tive nenhum problema. E com as atletas a mesma coisa. Até as atletas eu posso ter mais... Assim, eu oriento mais quem eu posso trazer, quem eu não posso. Eu falo para as pessoas quem a gente... Eu posso inserir dentro desse trabalho, que vai me dar um respaldo legal, quem tem atitudes legais, compatíveis com aquilo que a gente pensa. Então com a parte mais de atletas eu consigo ainda me sobressair e trazer quem eu quero. Até esse novo trabalho aqui, que a gente está fazendo esse ano, eu não conhecia ninguém da minha comissão técnica. Eu fui convidada como treinadora e eu não tive como escolher ninguém. Todas as pessoas, os profissionais que estão trabalhando comigo foram... Foi um pessoal que a Diretoria que escolheu e formou a comissão. Mas que também eu estou

me dando muito bem, são profissionais que assim, não tenho o que dizer. Sempre trabalham com futebol masculino. Trabalham em grandes equipes, pessoas muito experientes e que eu estou me dando muito bem também.

**M.N.** – Excelente. E o que você considera fundamental para o sucesso da sua carreira?

**T5.** – Ah, eu acredito que a primeira coisa é tu estar bem preparada. Eu, em 2008, antes até de encerrar minha carreira como atleta, eu fiz o curso profissional de treinadores aqui do estado do Rio Grande do Sul. Então eu me preparei, é um curso de mais de cinquenta e duas horas e hoje eu posso dizer que eu sou uma treinadora profissional, eu tenho a minha carteirinha, eu me preparei para isso. Fiz vários outros cursos porque eu acho... Eu acredito assim, que o profissional ele tem que estar sempre atualizado, principalmente... Não só no futebol, mas eu acho que em toda área. Hoje em dia se tu deixar de estudar, se tu deixar de aprender coisas, de ter conhecimento, eu acho que tu fica meio para trás porque o mundo está em uma evolução muito grande. Até hoje em dia com a internet tu consegue coisas assim, muito rápido e em pouco tempo.

**M.N.** – E você considera importante a rede de contatos nesse meio também?

**T5.** – Sim, sem dúvida. Eu acho que as portas se abrem, muitas vezes, por tu ter alguma pessoa conhecida que possa estar te inserindo em algum lugar ou outro. Eu acho que é muito importante sim. Mas eu acho que o que te mantém no trabalho sempre é aquilo que tu fez ou aquilo que tu está fazendo. Se segue a linha de se ter um trabalho bom ou não.

**M.N.** – Legal. E sobre a profissão treinadora, eu queria que você falasse um pouco como ela está estruturada, em termos de condições de trabalho e também salariais.

**T5.** – Assim, o que eu posso te dizer em termos de estrutura, eu posso dizer que aqui no Rio Grande do Sul as coisas estão evoluindo muito rapidamente. De três anos que eu venho trabalhando aí deu um salto bem grande até pelo futebol feminino estar indo em uma crescente. Tu vê aqui que a CONMEBOL a pouco tempo atrás aí divulgou

que em 2019 os clubes que disputarem a Libertadores terão que ter feminino. A CBF já veio agora aí com... Também falou que todos os clubes que disputarem as séries A e B do campeonato terão que ter os seus departamentos femininos. Então acho que isso daí começa a dar uma estruturação melhor para todo mundo que está trabalhando com essa área. Eu acho que teve um salto bem grande aí. Quanto a salários, o que eu posso te dizer assim... O futebol masculino, pegando como exemplo, se tu for ver, noventa por cento não recebe tão bem. A gente acha que por ver o pessoal da elite do futebol, está sempre na televisão, jogadores e treinadores ganhando milhões, mas a gente... Eu sei que a realidade não é bem assim. A gente generaliza e acha que todo mundo do futebol masculino ganha bem e não é muito assim na prática. Eu, por ter um irmão que sempre trabalhou em clubes menores e sempre foi jogador em clubes menores, eu sempre tive bem próxima a mim essa realidade. Então eu posso te dizer que a nível de salário, eu acredito que, claro, precise melhorar um pouco sim, mas que eu não vejo tanta diferença quanto... Em equipes amadoras ou que não sejam tradicionais aí do futebol.

**M.N.** – E você colocou também como ocupação profissional que é professora de futebol. Você trabalha em outro local agora sem ser o clube que está defendendo?

**T5.** – Assim, até eu dou aula em uma escolinha de futebol tanto para meninas quanto para meninos. Eu já trabalho há mais ou menos dez anos nessa área e no momento a minha escolinha está de férias. Período de férias, deve estar voltando agora. Com esse novo trabalho aí eu vou tentar um tempo maior para conseguir conciliar as duas coisas porque eu sei que agora, esse início aí de campeonato e essa oportunidade que eu estou tendo, eu sei que é uma responsabilidade muito grande até porque o Grêmio Futebol Porto Alegrense é uma equipe tradicional aqui de Porto Alegre e fez uma parceria com a Associação Gaúcha e com a Federação Gaúcha de Futebol, então eles estão cedendo a marca deles, entendeu, dando toda uma estrutura e eu acho que a gente precisa focar cem por cento no trabalho para conseguir dar uma resposta boa para eles e a altura do clube que é o Grêmio. Mas, sim, eu pretendo continuar com as minhas escolinhas. Até não sei nesse início como vai ser mas sempre foi uma coisa que eu gostei muito de trabalhar com crianças. E melhor ainda se puder ensinar um pouco daquilo que tu sabe, que é no caso o futebol.

**M.N.** – Sim, então você acha necessário ter essa outra ocupação exclusivamente por gostar de exercer essa função ou porque é uma necessidade financeira na realidade das treinadoras, ter outro trabalho com o qual contar?

**T5.** – Eu acho que ainda nesse início dessa carreira de treinadora, eu acho que ainda precisa sim de um complemento na renda, mas eu acredito que em pouco tempo as coisas possam estar mudando. Mas eu também por eu gostar de trabalhar com crianças, me deixa meio assim, porque agora se tu for ver, esse novo passo que a gente está dando aqui, com essa nova estrutura que eu estou tendo de trabalho, com essa parceria com um clube tradicional do futebol masculino, eu poderia sim ter deixado de lado a minha escolinha e me dedicar só a isso. Só que também por gostar de trabalhar eu vou tentar conciliar as duas coisas e não deixar de lado a minha escolinha nesse momento.

**M.N.** – Legal. E com essas duas ocupações, como se dá a conciliação entre a vida profissional e a vida pessoal?

**T5.** – Essa vida no meio esportivo sempre foi muito corrida. Eu morei nove anos fora aqui da minha cidade, então, de ano em ano você está em um lugar e complica um pouco sim. Posso dizer que não é fácil conciliar, mas que hoje em dia já está mais tranquilo, até porque é o quarto ano que eu estou aqui no Rio Grande do Sul e meio que me estabilizei aqui e é mais fácil de tocar isso sim.

**M.N.** – Bacana. E agora, como você enxerga as possibilidades de ascensão para as treinadoras no Brasil?

**T5.** – Como eu falei antes, o futebol feminino vai ter um salto muito grande agora com essa obrigatoriedade que a CBF, a CONMEBOL... E eu acho que isso aí vai dar um grande passo no futebol feminino para também incentivar novos profissionais, tanto atletas quanto profissionais. Vai ter muito... Vai ter muita área... Muito campo de trabalho para o pessoal que estiver realmente preparado. Eu acredito que venha um mercado aí bem diferente e que as pessoas vão poder estar atuando. Se forem capacitadas com certeza terão um enorme campo de trabalho aí pela frente.

**M.N.** – E as suas expectativas futuras de ascensão?

**T5.** – Assim, até nas perguntas tem se eu tenho vontade de treinar uma equipe masculina, no momento eu posso dizer que *hoje* eu quero ajudar o futebol feminino, eu vejo que muitas mulheres podem estar atuando no meio do futebol feminino, com esse salto da modalidade vai abrir muitas portas para os profissionais e eu gostaria muito de trabalhar nessa área mesmo com o futebol feminino. Mas a gente nunca descarta, daqui uns anos quem sabe, vinte, trinta, sei lá... Eu possa estar trabalhando aí em uma equipe masculina. Não vou te dizer que não. Isso aí tudo depende da evolução, da minha evolução também como treinadora. Quem sabe aí também, não pode descartar.

**M.N.** – Legal. E nesse processo todo, até hoje, você já pensou em desistir dessa carreira?

**T5.** – Ah, às vezes, quando a gente tem bastante dificuldade de conseguir as coisas, patrocínios... Que quem sempre esteve no meio do futebol feminino, a gente sempre jogou muito mais assim, por amor à modalidade. Até porque muitas vezes a estrutura não era muito adequada. A gente tem que se submeter a algumas coisas, morar com muitas meninas em um local, tipo num alojamento. Não te digo passar fome mas algumas coisas que dificultaram bastante e em alguns momentos pensei sim em desistir tanto da carreira de atleta, *mas* da carreira de treinadora ainda não tive esse... Essa... Esse contato de me deparar com situações tão ruins que me fizeram pensar em desistir.

**M.N.** – Então, a gente chegou ao fim das perguntas estruturadas. Eu queria saber se você deseja comentar, fazer alguma colocação sobre todos esses temas que a gente comentou e que eu não tenha te perguntado.

**T5.** – Olha, eu acredito que a entrevista foi bem válida, ela abordou vários campos, várias... Eu acredito que foi dentro do que eu esperava mesmo de perguntas. Não teria nada a acrescentar não, acho que foi bem completa, bem objetiva e bem legal.

**M.N.** – Está bom então. A gente vai continuar se falando novamente, porque eu vou fazer a transcrição da entrevista, terá a devolutiva a você para que você analise, de repente inclua algo que se lembrar e vamos trocando informações sobre o estudo, está bom?

**T5.** – Está bom. O que puder contar comigo, com certeza vou estar à disposição e tentar encaixar em algum tempinho. Eu agradeço pela oportunidade e pelo teu trabalho porque eu acho muito importante poder fazer isso aí e conhecer as pessoas mesmo, as mulheres que atuam nessa área e é muito legal.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 06

Entrevistada: Fabiana Guedes (T6)

Idade: 32 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Taboão da Serra, São Paulo

Etnia autodeclarada: Negra

Estado civil: Solteira

Tem Filh@s: Não

Escolaridade/Formação: Bacharela/Licenciada em Educação Física

Profissão ou profissões: Treinadora de Futebol e Professora de Futebol

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): Aproximadamente 20 horas semanais

**T6.** – “Meu nome é Fabiana Guedes, tenho trinta e dois anos. Brasileira, natural de Taboão da Serra, São Paulo. Solteira e não tenho filhos. Sou Bacharela e Licenciada em Educação Física. Atuo como Treinadora e como professora de futebol com carga horário de quatro horas semanais”.

**M.N.** – Eu gostaria que você começasse me contando um pouco, por favor, como era a sua relação com o esporte desde a infância.

**T6.** – Olha, desde a minha infância eu comecei jogando com meninos. Jogava com meus irmãos e com meninos. E através daí, tinha um pessoal aqui com um projeto social e aí eu fui jogar nesse projeto. Então, depois daí eu fui para um clube já.

**M.N.** – E qual idade você tinha? Isso já era em sua juventude ou ainda na infância?

**T6.** – Não. Que eu jogava com os meninos na rua era até uns onze, doze anos. Quando eu fui para o projeto eu já tinha quinze.

**M.N.** – Certo. E você teve alguém que te incentivou nesse processo?

**T6.** – Olha, eu tinha meu pai que me incentivou. *Muito*. Mas quem mais me dava incentivo era o técnico que eu tinha no projeto que eu treinava aqui perto de casa. Que ele disse que eu tinha potencial, que eu podia ser uma boa jogadora futuramente.

Então ele me incentivou muito mais que o pessoal da minha casa, da minha família. Minha família foi bem pouco.

**M.N.** – E os seus irmãos que jogavam com você quando eram crianças? Nem deles você teve apoio?

**T6.** – Apoiavam no sentido de incentivar. Que eu tinha que procurar um lugar, um local para eu jogar onde só tinha menina. Então eles me deram esse tipo de incentivo.

**M.N.** – Entendi. E você, ao longo da trajetória como jogadora, foi treinada por alguma mulher?

**T6.** – Sim, onde eu treinava tinha uma treinadora.

**M.N.** – E você percebeu alguma diferença entre ser treinada por homem ou por mulher?

**T6.** – Sim. Minha primeira treinadora era mulher e tinha diferença sim. Porque quando você treina com um homem, ele já tem uma cultura diferente. Porque, normalmente o homem treinador, já vem de uma base, de uma escolinha, dos meninos. Então é diferente, completamente. [Trecho inaudível]... em questão do jeito de conversar, de incentivar. Agora com homem não, com homem é outra coisa. Então existe alguma diferença aí.

**M.N.** – Você disse então, que tem mais diferença na maneira da mulher incentivar, de apoiar, foi isso?

**T6.** – Isso. O jeito de apoiar, de incentivar, o jeito de *falar*.

**M.N.** – Entendi. O que você costumava ouvir das pessoas em relação a sua participação no futebol?

**T6.** – Eu sempre ouvia que: “Ah, futebol é para homem”, “Isso aí não dá futuro”, “Melhor você fazer outra coisa, vai perder tempo da sua vida jogando futebol”, “Você

nunca vai ser reconhecida por que o preconceito sempre vai ter”, esse tipo de coisa que eu ouvia [riso].

**M.N.** – Entendi. E você menciona essa questão do preconceito. Você se recorda de alguma experiência negativa que tenha te marcado?

**T6.** – Olha, teve uma vez que eu fui jogar... Eu não me recordo... Ah, acho que foi... E a gente estava perdendo o jogo e tinha um muro do lado de fora e estavam gritando: “Vão lavar louça” [risos], “Vão lavar louça, lugar de mulher é na cozinha!”. Mais ou menos assim. Isso aí me marcou. Sempre lembro disso. Porque hoje em dia a gente não está mais ouvindo tanto. Antigamente era bem mais.

**M.N.** – Hoje em dia você acha que melhorou isso?

**T6.** – É, melhorou. Eu acho que é mais tranquilo... acho que a mídia. A mídia está ensinando, está educando todo mundo. Sobre preconceito, sobre tudo.

**M.N.** – Bacana. E a sua carreira de treinadora, como começou?

**T6.** – Olha, eu parei de jogar tem três anos e aí eu vim para a minha cidade onde eu comecei a trabalhar na prefeitura. E aí eu comecei a ser treinadora da escolinha, mas para meninos. Para meninos. Aí eu fiquei um ano e meio treinando meninos de sete a dezessete anos. Daí eu depois eu fui assumir o Tiradentes do Piauí, mas assim, foi um convite meio rápido porque o treinador foi suspenso, eu tinha uma boa relação com o presidente e aí ele me chamou. E eu falei para ele que já estava estudando sobre isso, já tinha feito alguns cursos de treinadora e que eu encaro bem, só que eu estava só esperando porque eu precisava estudar um pouco mais. Aí ele pegou e falou assim: “Não, então você já vai começar aqui. Já vou te dar essa experiência”. Porque o treinador ficou suspenso seis jogos e aí eu assumi esses seis jogos a mando dele.

**M.N.** – Legal. E além do presidente do Tiradentes, você teve mais alguma pessoa que foi fundamental para o início da sua carreira?

**T6.** – Olha, além do presidente que já conhecia o meu trabalho, tinha também o... Como se fosse o suplente do presidente. Que ele vinha muito a São Paulo, então ele me acompanhou muito com os meninos e também com as meninas do campo, mas nada profissional porque elas jogavam os Jogos Regionais e os Jogos Abertos. Então ele gostou muito. Ele quis me levar para lá, então ele também foi fundamental.

**M.N.** – Bacana. E você comentou sobre os cursos, conta um pouco por favor, que tipo de capacitação você já fez, como são os cursos para treinadoras no Brasil...

**T6.** – Olha, eu fiz, fora Educação Física que eu tinha te dito, fiz Bacharel e aí eu fiz dois cursos de treinadora. Um eu fiz aqui em São Paulo, ele chama “[nome inaudível]”, alguma coisa assim, é cheio de abreviação. E o outro que fica no [nome inaudível] também. E o que eu achei mais interessante nesses dois cursos, é que nos dois cursos só tinha eu de mulher [riso]. Eu fui indicada pelo pessoal aqui da prefeitura e quando eu fui lá fazer só tinha eu de mulher, nos dois que eu fui fazer.

**M.N.** – Entendi. E você considera que houve algum tipo de dificuldade para você começar a sua carreira?

**T6.** – Ah, dificuldade... Ah... Assim, nesse meio do feminino aqui, conforme... Não é igual ao masculino que o treinador fica pouco tempo e sai. Aqui, no Brasil, você vê treinadora no feminino que fica sete, oito anos, quinze anos no mesmo time. É difícil você conseguir espaço, principalmente aqui em São Paulo. Por aqui os treinadores são de muito tempo no clube. [Trecho inaudível]. Aqui, os melhores jogadores são de São Paulo, teoricamente todo mundo procura São Paulo porque tem mais clube na série A e no Nordeste também. Os profissionais são muito bem recebidos no Nordeste porque eles querem copiar o trabalho daqui, que tem São Paulo.

**M.N.** – Entendi. Você falou sobre o tempo que os treinadores e as treinadoras ficam nos clubes. Queria que você contasse um pouco, como está organizada e estruturada a profissão de treinadora. A respeito das questões trabalhistas e condições de trabalho.

**T6.** – Olha, eu posso dizer que hoje, agora, existem dois clubes que tem carteira assinada para a profissão de treinadora. Que é lá no Santos, que eles fazem um trabalho mais profissional, que as jogadoras também têm carteira de trabalho. E o Corinthians também. O restante, de tudo, no geral, é contrato. Você vai lá, entrou como treinadora... Ah, eu vou começar agora... É um contrato de um ano, é um contrato de dois anos, mas todos são contratados. Nenhum tem carteira assinada não. É difícil ainda. É... para a gente... Para jogadora já é difícil ter carteira assinada e para treinadora também. Quando eu vim para o futebol feminino aqui... Eu era jogadora... Quando eu fui para ser treinadora eu também achei.. .Nossa [riso], vai ser igualzinho quando eu era jogadora, vou ter contrato a vida toda? [riso]. E é muito ruim. Questão de organizar, ainda falta muito. Você vê aí em beira de gramado, assumindo time grande, treinador que não tem nem um curso. O que eu acho absurdo. Pelo menos um curso deveria ter. Já que não foi professor, não fez a faculdade, pelo menos um curso. Porém, alguns estão começando a qualificar agora. Mas ainda não é obrigado. Então assim, enquanto não for obrigado, não vai conseguir não. Espera um pouquinho... [interrupção]. Eu acho que nesse sentido, eles deviam... Olha, eles agora organizaram o campeonato mas não organizaram esse tipo de coisa que para mim é fundamental. Porque eles cobram das meninas jogarem em alto nível, que as meninas cheguem na seleção em alto nível, mas não conseguem chegar na seleção em alto nível porque o trabalho que é feito no clube não é bom.

**M.N.** – E você já passou por outros clubes, com exceção do Tiradentes?

**T6.** – Depois que eu fui para o Tiradentes eu fiquei no CAT que é o Clube Atlético Taboão, joguei Regional e Jogos Abertos, fui treinadora das meninas e agora, recentemente eu acebei de assumir... Eu passei pelo Audax agora também. De janeiro até segunda feira passada eu estava no Audax. Como eu tinha o projeto aqui no Embu, agora eu estou iniciando aqui no Embu.

**M.N.** – Você está começando então um clube de futebol de mulheres aí na sua cidade?

**T6.** – Isso. E vai entrar... No Embu... Vai entrar no Campeonato Paulista, vamos fazer um trabalho com as meninas mais novas. Na verdade o projeto é descobrir talentos.

É um projeto com meninas mais novas com talentos que vão aparecer. Então, vai jogar o Campeonato Paulista, jogar os Jogos Abertos.

**M.N.** – Legal. Tomara que dê certo. Você já exerceu outra função dentro de uma comissão técnica?

**T6.** – Sim. É... o último que eu te falei, o Audax, eu fui auxiliar. Eu fui para o Audax esses dois últimos meses porque eu tinha fechado o projeto aqui no Embu mas não tinha tido resposta ainda. Aí eu fui para o Audax como auxiliar já para estagiar. Como o treinador é  *muito* bom, eu falei assim, vou ficar no Audax um tempo, vou ficar estagiando aqui porque daqui a pouco o projeto vai dar certo e aí eu venho para cá. Então eu fiquei lá um tempo como auxiliar.

**M.N.** – Entendi. E você acha que existe espaço dentro das comissões técnicas para as pessoas progredirem nos cargos? Por exemplo, da preparação física passar a auxiliar, auxiliar passar a treinadora, o que você pensa disso?

**T6.** – Eu acho que o que mais tem... O mais comum ver, é você ser auxiliar e passar a treinador. Isso é mais comum no feminino. De preparador físico ser treinador é um pouco mais difícil. Mas sempre tem um auxiliar hoje aqui, amanhã treinador lá no outro time. Começou como treinador e foi auxiliar lá em outro lugar. Essa troca aí sempre tem. É o que mais acontece.

**M.N.** – Como você enxerga a questão da remuneração para mulheres que atuam como técnicas hoje?

**T6.** – Olha, para ser sincera, é tudo aquilo que eu te falei. Tudo depende de onde você está trabalhando. Se você vai trabalhar num Embu, em um Taboão, em um Araraquara agora, Ferroviária que já é comum o futebol feminino, você vai ter um teto que não é ruim, mas se você for para um grande você vai ganhar muito mais. Então assim, em questão de remuneração não é ruim. Não é ruim. É que não se compara com o masculino. Não tem como comparar, não cabe mais a comparação porque todo mundo já percebeu que não dá. Não tem margem para isso. Então, mas em questão de... É uma remuneração legal. Não é ruim não. É boa. Média para boa.

**M.N.** – E o que você considera como importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

**T6.** – Olha, eu acho que o mais importante para o sucesso... Primeiro é você ter um bom relacionamento com o grupo e outra, você tem que estar estudando sempre. *Sempre* tem alguém com coisa diferente. Acho que o que você buscou hoje, amanhã já está um pouquinho melhor e depois de amanhã vai estar bem melhor do que quando você começou. Então se você não tiver... Na verdade, acho que é preciso gostar. Gostar do que faz. Não cair de paraquedas. Se você gosta do que faz, você vai estar sempre querendo melhorar. Então, acho que o mais importante para mim é gostar do que faz. Porque aí, dentro disso, você começa a trabalhar mais, a buscar mais conhecimento e assim você vai ter sucesso.

**M.N.** – Bacana. E você falou sobre a relação com a equipe. Como é ou como foi a sua relação com as pessoas que você lidera dentro das equipes?

**T6.** – Com as jogadoras?

**M.N.** – Tanto jogadoras quanto quem é subordinado a você dentro da própria comissão técnica, tudo isso.

**T6.** – Tenho uma boa relação. Lógico que é... Conflito tem, às vezes, com a comissão, mas conflitos de ideias para melhorar. Isso sempre vai ter, porque também se correr tudo muito bem... Graças a Deus, mas sempre tem um que concorda com ali, que não concorda, que acha melhor aqui, até chegar a um consenso. E com as jogadoras, é... Relacionamento é bom. É bom. Você sabe que um relacionamento é bom quando tem respeito. Quando as pessoas escutam o que você fala, quando fazem acontecer o que você está pedindo... Quer dizer que tem um bom relacionamento.

**M.N.** – Legal. E o que você pensa sobre as redes de contato no meio do futebol?

**T6.** – Não entendi muito bem a pergunta.

**M.N.** – Se você acha que faz diferença na carreira, para se inserir, para permanecer, ter uma boa rede de contatos.

**T6.** – Ah entendi. Sim, sim. Acho que é o mais importante, na verdade. Porque quando você está na condição de ser ex-jogadora para você ser treinadora, ou auxiliar, o que seja... Se você não tiver uma boa rede de contato, você vai ter mais dificuldades para chegar. Como eu tive o contato com o ex-presidente, que foi presidente num clube onde eu jogava, ou quando eu fui para o Audax com meu ex-treinador que teve confiança em mim para me colocar lá. E aqui no Embu também porque eu fui jogadora muito tempo da cidade e aí o pessoal conhecia muito a gente e aí me colocou até lá e eu pude chamar as meninas para virem para cá. Então acho que é o mais importante, viu. Se você tem uma boa rede de contato vai te ajudar muito, *muito*. Eu acho que sem rede de contato demora muito para você chegar.

**M.N.** – Entendi. E sobre a sua profissão, você ainda acumula duas funções? Ou você está agora só no seu projeto mesmo?

**T6.** – Por enquanto eu estou só no meu projeto. O meu contrato com a escolinha da prefeitura acabou no final do ano e aí por enquanto eu estou só no projeto. Mas isso não impede porque como eu dou aula o tempo inteirinho. Como eu sou professora, ter dois trabalhos, isso pode acontecer de novo. Porque quando o time passa para o profissional você tem muito mais desgaste... De muita coisa... Às vezes você vai dar treino, tem quatro, três horas por dia mas depois você tem muita coisa para fazer, para resolver. Então, às vezes, você só ficar ali é melhor, mas financeiramente falando, pode ser que eu volte a dar aula na escolinha.

**M.N.** – Entendi. E como se dá a conciliação ente a sua vida profissional que, com certeza toma bastante o seu tempo, com a sua vida pessoal?

**T6.** – Então, o que eu tento fazer, e venho conseguindo... Às vezes foge... É quando sair do campo eu troco a chave. Até um certo horário eu fico resolvendo algumas coisas. Depois que eu saio eu ligo o celular, a internet porque aí eu tenho outras coisas de casa para fazer, principalmente final de semana eu tenho família, né. Então, com as minhas amigas ou outras pessoas que eu tenho que não são do futebol... E

quando eu volto segunda feira para dar treino eu já troco a chavinha de novo e aí eu vou respirar o futebol até... [riso].

**M.N.** – Está certo. E você considera ainda, ter algum tipo de dificuldade agora para permanecer no seu cargo?

**T6.** – Ah, quando se fala em futebol feminino, tudo é delicado. Porque se a gente tem quatro patrocínios hoje, amanhã se eles quiserem sair, eles vão sair. Tem contrato sim, mas até onde esses contratos vão? Contrato... Ele é efetivo, eu não sei. Então a gente trabalha primeiro porque faz o que gosta, mas também a gente fica insegura. Há uma insegurança por conta disso. Então o medo é... A gente tem que segurar o patrocinador até... Porque ele assinou, ele não pode cancelar o contrato e sair porque assim a gente fica inseguro.

**M.N.** – Entendi. E o que você acha que pode ser capaz de garantir a permanência de uma mulher como treinadora no futebol aqui no Brasil?

**T6.** – Então, agora a gente está tendo umas novas leis aí que estão deixando os treinadores e os jogadores mais tranquilos. Mas acho que o ideal seria que todos os clubes tivessem por obrigação. Fazer como, tipo, como o masculino. Ter obrigação de ter o calendário, de pagar tudo e de cumprir os contratos. Clubes e Federações também, premiações melhores pro campeão... São essas coisas que vão fazendo os clubes terem interesse em ter o feminino.

**M.N.** – Sim. E como você analisa, hoje, as oportunidades de ascensão para as mulheres que ocupam o cargo de treinadora?

**T6.** – Olha, como a Emily assumiu a seleção, e foi todo aquele barulho, isso ajudou muito para que as pessoas começassem a olhar que a mulher também pode ser treinadora. Porque tem gente que já tem preconceito com homem treinador dentro de uma modalidade que tem preconceito contra a mulher jogando. Agora, com a chegada da Emily na seleção, abriu portas, muitas. Porque se você... Aí depois disso as mulheres já tomaram uma posição de que pode. O clube, o clube já olhou diferente,

então... Agora abriu melhor o caminho aí e está crescendo. Você pode ter certeza que daqui para frente vai ver muito mais mulheres no comando.

**M.N.** – Que bom. É isso que a gente quer mesmo. E quais são as suas expectativas futuras como treinadora?

**T6.** – Olha, como eu te disse, são muitas. Os meus planos como treinadora são [trecho inaudível] no futebol e ir fazendo mais cursos. Então assim, eu quero fazer um projeto aqui e ser muito bem vista, isso é o que eu quero para esse ano. Uma boa campanha, eu quero fazer as meninas serem observadas e eu também ser. Ser observada, o meu trabalho ser bem visto e as meninas... Vamos supor... Está bem, muito bem, é uma vitrine de gente muito boa, que a gente tem um projeto legal, que aqui também tem gente trabalhando, aqui também tem menina... [trecho inaudível]... e depois eu quero assumir um time grande. Quando eu tiver muito mais fortalecida, muito mais preparada aí vou brigar para estar em um grande também.

**M.N.** – Legal. E há algo que te faça pensar em desistir dessa carreira?

**T6.** – Por enquanto não [riso]. Por enquanto não, não. Eu acho que isso aí está no sangue. Você já entra no futebol desde quando tem... criança. Então isso para mim é... Eu não tive vontade de parar de jogar. Depois que eu parei isso é uma chance de eu ficar mais próxima do futebol. Então não há possibilidade não.

**M.N.** – Que bom. Eu terminei as perguntas que eu havia preparado, agora gostaria de saber se você deseja deixar algum comentário ou algum depoimento em relação ao assunto, mas que eu não tenha te perguntado.

**T6.** – Então assim, eu acho importante também, mas a gente falou bem pouco, é falar mais sobre quantidade de meninas interessadas no futebol agora. Recentemente tiveram duas peneiras. Eu participei da peneira do Audax onde tinham cento e oitenta meninas e em um lugar extremamente difícil de chegar, todas as dificuldades eu notei. Tinha dificuldade de metrô... Muitas meninas vieram de Uber, e se viraram. Chegaram. E o que mais me chamou a atenção, que eu achei muito interessante, é que eram abaixo de vinte anos. Tipo, tinham cem mais ou menos com dezoito, dezessete,

*quinze* anos. Eu fiquei impressionada porque até eu não estava acreditando naquilo. Feliz! Feliz porque se você tem menina de quinze, dezesseis, dezessete e dezoito é sinal de que o que as meninas mais velhas estão fazendo está rendendo fruto agora. É plantar a semente totalmente. Eu estou plantando, e as sementes estão brotando, estão brotando, então isso é muito importante.

**M.N.** – Bacana. Legal. Mais alguma coisa que você gostaria de relatar?

**T6.** – Não, não. Acho que não.

**M.N.** – Então eu te agradeço muito por ajudar no estudo. Agora vou proceder com a escrita de tudo isso que você me falou e em seguida eu retorno o texto a você para caso você deseje fazer alguma outra consideração fica aberto. Então irei te fazer essa devolutiva e ainda vamos continuar conversando sobre o estudo, está bom?

**T6.** – Está bom.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 07

Entrevistada: Gleide Costa (T7)

Idade: 40 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Uiraúna, Paraíba

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Solteira

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Graduada em Educação Física

Profissão ou profissões: Treinadora de Futsal e Futebol, Empresária (Gerenciamento e organização de eventos)

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): 6 horas semanais (futsal), 12 horas semanais (futebol) e os eventos são esporádicos

**T7.** – “Meu nome é Gleide Costa, tenho quarenta anos. Brasileira, natural de Uiraúna, Paraíba. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Educação Física e trabalho com futebol e futsal totalizando juntos 18 horas semanais além de atuar na área e gerenciamento e organização de eventos esporadicamente”.

**M.N.** – Vamos começar lembrando sua trajetória no esporte. Queria saber como era sua relação com o esporte durante a sua infância e sua juventude.

**T7.** – Então. A minha relação com o esporte durante a minha infância e a minha juventude foi sempre uma relação muito estreita. Sempre fui uma criança que gostava de praticar as diversas modalidades. Tive uma criação mais livre e quando criança, geralmente eu praticava o futebol no meio dos meninos. Não tinha tantas meninas como mesmo interesse que o meu. Do mesmo jeito na adolescência. Mas era uma relação muito estreita... Todos os esportes. Desde cedo eu tinha essa afinidade. Acho que já nasci sabendo o que eu queria ser. Com o que eu iria trabalhar. Nunca tive dúvida que seria com o esporte.

**M.N.** – Está bem. E especificamente com o futebol, como foi o início da sua participação nesse esporte?

**T7.** – Então... com o futebol especificamente que eu lembre foi em 1992 quando eu entrei para um time chamado de bairro chamado Monte Castelo aqui em João Pessoa. Foi quando eu dei os primeiros passos dentro de um campo de futebol. Eu tinha 15 anos, acho que é isso... 15 para fazer 16. E aí foi a minha primeira vez, mas eu sempre *quis* participar dos jogos onde os garotos estavam envolvidos. Até na própria pracinha da cidade, nas ruas, eu sempre tinha aquela disposição para estar embora sofresse com muita reclamação por parte da família.

**M.N.** – Você comenta sobre essa reclamação da sua família. Existiu alguém, então, que pelo contrário, tenha lhe incentivado e apoiado?

**T7.** – Assim, no princípio eles sempre reclamavam por conta de estar junto com os meninos. Porém, quando eu fui jogar nesse time minha mãe me incentiva. Apesar de ser um esporte não tão popular entre as meninas... Mas na realidade, ela nem incentiva mas também não brigava [riso]. Ela preferia que eu estivesse jogando com as meninas em um time do que estar com os meninos na rua, lógico. Na realidade dentro da minha família aquela pessoa incentivadora mesmo não existiu. Eu fui [pausa] na contramão de todos.

**M.N.** – E para além da família, como você enxerga que as pessoas percebiam a sua participação nesse esporte? Estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de algum preconceito? Você tem algo a relatar em relação a isso?

**T7.** – É *lógico*. Na minha época [riso] era mulher macho, macho-fêmea, sapatão... vários adjetivos interessantes. Então foi muito sofrido. Desde as brincadeiras de quando a gente estava entre as meninas até quando se dizia que jogava futebol... que gostava de futebol. *Muito* preconceito. Enfrentei muito... foi pouco não. Porém, pouco me atingia ou atingia e eu sabia lidar com isso muito bem.

**M.N.** – E ainda falando sobre esse período que você era praticante do futebol, por quem você foi treinada?

**T7.** – Eu lembro bem que era um cara sem formação... Na época... era um tal de *Zezinho* [trecho inaudível]. E o outro eu esqueci... [pausa]. Maurício! Que era de um

jornal. Nenhum dos dois era formado, nenhum dos dois eram da área. Zezinho assumiu o time e tinha também duas mulheres na coordenação desse time de futebol.

**M.N.** – E por mulher você chegou a ser treinada também?

**T7.** – Então... pouco tempo, mas depois de alguns anos nesse Monte Castelo... Na realidade, em um campeonato Paraibano assim como em vários torneios que a gente conquistou... Não me lembro de ter perdido... Quem assumiu a equipe foi a professora Rejane que tinha formação e tinha sido ex-atleta de futebol. Ela é da época da Didi da seleção... esse pessoal mais antigão que eu. Tive sim... a Rejane. Mas pouco período. Acho que uns 3 a 4 meses.

**M.N.** – E como você diria que é ser treinada por homem e ser treinada por mulher?

**T7.** – Particularmente, eu não percebo diferença [riso] em ser treinada por homem ou por mulher. Eu percebo diferença na qualidade, no que sabe, no que tu passa... a forma que tu passa [pausa]. Eu penso assim. Eu penso que tanto faz. Penso que a diferença é... Está aí. É você saber conduzir... É você saber do que está falando, é você desenvolver um trabalho com qualidade, um trabalho com conhecimento. Da mesma forma, sou eu como percebo o trabalho de uma mulher. Eu sinceramente eu não perceberia as diferenças por ser mulher ou por ser homem. Eu acho que por *ser qualificado*. Agora, o problema está em que as mulheres sempre foram discriminadas, no âmbito dessa profissão. Aí existe realmente já um *preconceito*. Se hoje ainda existe, imagina naquela época era pior. Porém, como eu disse, meu julgamento não vai de ser homem ou mulher até porque eu não lembro bem... como eu disse um não tinha formação e o outro não tinha mas era um conhecedor do futebol, então às vezes ele, como não era iniciação, como já tinha toda uma gama de conhecimento, às vezes te passa alguma informação interessante. A outra vai fazer um aquecimento... sabe mais daquilo, mas na hora de formar a equipe eu lembro que era muito frágil na parte tática do jogo. Então um completava o outro, na realidade para mim, naquela época. E como eu disse com ela também foi pouco tempo não dava nem para avaliar. Mas para mim, na época, ela não fez tanta diferença, sinceramente falando.

**M.N.** – Entendi. Já passando agora para a sua carreira como treinadora, como isso começou? Me conte um pouco por favor.

**T7.** – Então. Em 2008 insistiram tanto e eu saí do futsal mesmo já lesionada, tendo uma ruptura de LCA, já cirurgiada, fui participar de um campeonato de futebol de campo... Tinha sido o retorno do campeonato estadual aqui no meu Estado pelo time da Portuguesa e aí a gente se sagrou campeã eu ainda jogando. Só que aí jogando no sacrifício, sem aquela condição física adequada, sentindo muitas dores ainda no joelho [pausa]. E eu que já fazia toda aquela estratégia do time. Já comandava o time, era a capitã e comandava o time dentro do campo, fora lá nos vestiários. Então, em 2009 surgiu uma oportunidade de... Que o Valter conhecia já o meu trabalho com as categorias de base masculina que eu atuava, tanto no futsal quanto no futebol. Por incrível que pareça eu atuava com homens. Aí ele me convidou para fazer parte da equipe do Botafogo que teria que ter uma equipe em dez dias para ir para uma Copa do Brasil, você imagina. E foi a partir daí então, de um desafio em 2009 que a gente juntou um pessoal e foi apenas participar da competição. E a partir de 2010 que foi o primeiro ano que a gente encarou de forma mais profissional a nossa participação na Copa do Brasil, então a gente teve parâmetro de treinamento e uma organização maior.

**M.N.** – Bacana. Percebo então que, de fato, seu ingresso se deu pelo reconhecimento ao trabalho que você já desenvolvia anteriormente. E você destacaria alguém que tenha sido importante nesse processo?

**T7.** – Eu destacaria, na realidade, o Valter. Acabou que de uma imaturidade dele enquanto Diretor do Botafogo que me chamou... A gente se esbarrou numa federação e eu... Eu estava lá indo inscrever jogadores do Miramangue que era um time masculino para o campeonato estadual, acho que era categoria sub 17. E que ele apontou e disse: “Ah não, você é minha treinadora. Você vai desenrolar uma guerra para mim...”. Que foi aquela história que eu te contei de entrar em 2009 faltando dez dias para a competição. E ali foi quando eu disse: “Aqui vai ser o pontapé inicial, eu aceito o desafio”. Eu acho que foi... No caso, se ele não tivesse aquela ideia maluca dele e insistisse com a federação naquela época, talvez eu não tivesse me motivado também, embora como eu disse, eu já atuava com o masculino no futebol e futsal

como treinadora. E também já treinava o time sub-20 feminino. Já tinha treinado seleção já em 2007. Já tinha pego Seleção Paraibana sub-20 para treinar. Então eu tinha bagagem, enquanto treinadora, *pouca* bagagem, mas tinha.

**M.N.** – Sim, entendi. Então vamos voltar um pouquinho. No futsal, como começou sua carreira? Porque você fez uma transição do futsal para o futebol então é interessante a gente conhecer como você começou no futsal.

**T7.** – Então, o meu primeiro clube de verdade aqui foi o Esporte Clube Cabo Branco, um clube tradicional aqui da cidade. Eu digo que eu tive essa vivência no futebol, mas minhas aparições enquanto atleta de futsal foram maiores até porque chegou um período que eu acabei me dedicando mais ao futsal que foi a partir de 1995 também. Foi a partir de 95, na realidade, no futsal. Eu fui vice-campeã brasileira universitária aí e depois ganhei todos... Acho que todas as competições possíveis a nível de Nordeste e Estadual. Joguei no Sumov no Ceará, joguei no... Também no Nacional Gás que hoje é Unifor, joguei em duas equipes no Ceará, joguei no Rio Grande do Norte. Tive outras propostas... Tive proposta para Santa Catarina, na época também. Fui campeã brasileira universitária, peguei duas vezes Seleção Universitária de Futsal. Então eu tenho uma história *grande* aí no futsal. E enquanto treinadora eu consegui colocar o nosso time entre os oito melhores do país, a Servicar. Então a história é longa no futsal. Hoje eu tenho, juntando os títulos dos clubes, hoje eu tenho mais de doze títulos estadual e hoje eu sou a atual hexa campeã paraibana, embora o ano passado não tenha havido campeonato estadual. Mas eu acho que ainda está num recorde... A nossa equipe é a equipe que é campeã seis vezes na mesma modalidade consecutiva. Na mesma categoria, desculpa. Consecutiva.

**M.N.** – *Muito legal.* E nesse processo todo, considerando toda sua carreira até então, perante amigos, família, atletas e próprios colegas de comissão, você considera que tenha havido alguma dificuldade na sua carreira?

**T7.** – Na realidade a dificuldade é uma dificuldade financeira... Uma dificuldade de se inserir no meio. Eu acho que, como eu te disse, quando você começa a apontar qualidades isso meio que acaba sendo aceitável. Porém, para que a gente pudesse estar na carreira de treinadora, a gente... Eu tive que me virar em dez para poder fazer

o que gosto, como dizem. Porque é pouca remuneração, muitas vezes, principalmente antigamente quase nenhuma. Logo de início, então fazia dez outros trabalhos. Isso se tratando especificamente do feminino, então tinha que ganhar dinheiro sendo treinadora do masculino, das escolinhas... Isso tudo para poder *gastar* com o futebol feminino. Porque na realidade eu nunca fui só treinadora. Tive que ser gerente de futebol, tive que levantar um time e eu tenho muito orgulho disso. Depois é que as coisas começaram a vir acontecer. Parei de dar treino... Na realidade, parei de acumular as funções de treinadora de futebol e futsal desde o ano passado. Então desde o ano passado que a gente vem trabalhando só com o futebol.

**M.N.** – Tem mesmo que se orgulhar muito. E nessa trajetória toda, pelos clubes que você passou, você comenta que ocupou o cargo de treinadora e também de gerente de futebol... Queria que você comentasse um pouco como é essa organização hierárquica. Se existem possibilidades de ascensão nas comissões técnicas, como é essa dinâmica?

**T7.** – Na realidade eu até brinco. Ainda acumulo até hoje, no Botafogo, o cargo de gerente de futebol e... Hoje em dia acumulo... Já tive diretores dois anos... Mas hoje eu acumulo o cargo de gerente de futebol e treinadora e a única coisa boa que tem nisso é que eu mesma me demito. É interessante... Eu mando em mim [riso]. É a única coisa interessante. Demais situações é só isso: *sobrecarrega*. Mas você tem que ter muito entendimento do que está fazendo para não misturar as coisas. Porém, eu tenho os demais membros da comissão e aí em alguns momentos, com as categorias de base, o auxiliar passa a ser o treinador e eu faço a função de gerente e aí vai subindo as hierarquias dentro da comissão. Hoje a gente pode dizer que hoje a gente tem uma comissão mínima qualificada com seis pessoas e que a princípio dá conta do recado. É lógico que não é o desejado mas dá conta do recado. Nós temos desde preparadores físicos a supervisor de material, a preparador de goleira. Os demais membros são fisioterapeuta, nutricionista a gente utiliza o do clube. Porém, é... para quem vê nossa evolução hoje sabe onde que a gente já conseguiu chegar e a tendência, é lógico, é eu mesma ter que definir onde eu vou querer estar. E nisso eu vou ter que interferir nesse final de ano. É bem capaz de eu ir para a gerência porque é bem mais fácil eu encontrar um treinador homem, mulher, tanto faz do que alguém estar disposto a estar lutando pela manutenção do time, a busca da captação de

recurso, as elaborações de projetos de patrocínio, então isso tudo no clube eu que faço. Então não é fácil, você tem que estar muito disposta e eu não tenho mais trintinha não. Então a gente precisa definir papéis.

**M.N.** – Perfeito. E para além dessa questão da disposição que você coloca como fundamental, o que você destaca como sendo importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

**T7.** – Eu acho que todo... Toda profissão é você se dedicar, é você conhecer sobre o seu trabalho, tentar extrair o melhor de você, tentar sempre estar disponível a escutar... Escutar a tua comissão, as atletas nas situações de jogo. Mas você tem que *conhecer*. Então o conhecimento faz a diferença. Eu procuro muito conhecer, eu procuro muito estudar. E procuro também estudar a prática... ver o que a prática me revela no dia a dia, os resultados que me traz em determinadas ações e aí eu tiro as minhas conclusões. É você entender que o jogo é um jogo de estratégia, é um jogo de ocupação de espaço cuja finalidade é vencer o adversário através de fazer gols e não tomar. Então é isso, eu acho que tem que ter... Primeiro quando você não tem a estrutura igual a todo mundo, você tem que perseverar, segundo você tem que ser inteligente para montar a tua equipe e a forma de jogar dentro dos limites que te dão, que são as peças que tu tem pro jogo. E como eu disse, saber escutar. Eu acho que saber escutar para tirar conclusões é interessante. Então quando você se fecha dentro do seu próprio pensamento você acaba que... Não conseguindo ter o contraponto do que você pensa e isso é ruim. Então ter um pouquinho de abertura sempre é bom também. Escutar os envolvidos no trabalho no momento que são os atletas e demais membros da comissão. É isso.

**M.N.** – Ok. E você destaca, então, o conhecimento sobre o futebol. Queria saber se você fez cursos de capacitação específicos, como foi a sua formação para ser treinadora?

**T7.** – Eu sou profissional de Educação Física, me formei aqui pela UFPB. Estava fazendo o curso de treinadora de futebol em Pernambuco, lá em Recife... Uma pós graduação, quando eu tive que fazer um curso rápido de Gestão Esportiva porque me veio a ideia de abrir uma sociedade com mais três amigos. Uma empresa de

assessoria esportiva. Então hoje, como eu já tinha o CREF eu podia atuar como treinadora eu não precisava do curso de especialização. Então hoje eu atuo como gerente da empresa também e hoje sou a sócia majoritária da empresa. Então eu vivo trabalhando, na realidade. Mas eu gosto. É isso. Muito trabalho. Mas sempre estou trocando informações com outros treinadores, pesquisando. A internet é um campo muito interessante para isso. A gente consegue se comunicar com várias culturas, com várias pessoas diferentes que percebem o futebol de diferentes formas e isso é interessante. Tenho muitos amigos treinadores e a gente troca bastante experiência.

**M.N.** – Muito interessante sua última resposta que já adentra na próxima pergunta que eu faria. Iria pedir para você comentar qual é a sua percepção sobre a importância das redes de contato nesse campo de atuação. Se você tiver mais alguma coisa a acrescentar.

**T7.** – Não, só dizer que é de extrema importância. Como eu te disse anteriormente, hoje para mim é o meu principal canal de contato e de aquisição ode conhecimento também. Até porque os diplomas são importantes, mas o que te vai fazer diferente não é o diploma não. Vai ser... É a forma como tu vai assimilar o conhecimento que tu consegue adquirir. Aí tá jogado, tá exposto, cabe a ti adquirir. Lógico que para os outros o diploma vai importar para determinadas situações, mas eu não penso bem assim não.

**M.N.** – Claro. Existe essa exigência pela qualificação até por se tratar de uma profissão como tantas outras e a respeito disso, gostaria que você falasse como está estruturada hoje no Brasil a profissão de treinadora. Em termos de condições de trabalho, condições salariais, em geral.

**T7.** – Então. É uma carreira que está se iniciando. A de treinadora de futebol feminino e [pausa] você não sobrevive. É diferente do futebol masculino. Se for sobreviver disso você não sobrevive. Infelizmente a gente tem que trabalhar em outras situações para poder trabalhar no futebol feminino. É muito pouco pelo que eu também acompanho e já tive propostas também de outros clubes e é incompatível. Até porque você vai trabalhar três meses em um canto ou seis meses, você não tem condição de se sustentar com dois salários, com [riso]... Tem canto que paga um. Então, para minha

fala da realidade totalmente adverso aos altos salários do futebol masculino. Ainda se tem muito o que ganhar nesse sentido. De buscar o espaço, de buscar o reconhecimento. É triste ainda, pelo menos nesse âmbito. No eixo também do Nordeste, Norte, Nordeste. Tem algumas raras exceções que pagam mais acima mas nada tão convincente que faça uma pessoa sonhar em ser treinadora de futebol feminino para ter uma vida, no mínimo, digna. Se você não tiver condições de fazer outra... Outros trabalhos. Por isso que assim... Eu particularmente tenho que me virar nos trinta para poder fazer o que eu sei fazer, o que gosto, porém, pouco remunerada.

**M.N.** – Beleza. E uma vez que se ocupa esse cargo, essa profissão de treinadora, como se dá na sua realidade, o processo de formação da sua comissão? Como é a sua relação com as pessoas que são lideradas por você?

**T7.** – Então, assim como eu, eu tive que reunir pessoas que acreditassem no nosso projeto, que comprassem a briga, que tivessem a qualidade e capacidade para estar dentro de uma comissão e que quisesse sofrer junto [riso]. Sem uma remuneração também, mas que a gente buscasse o nosso espaço para que lá na frente a gente pudesse ser reconhecida. Sempre foi com muito respeito, como eu lhe disse, aceitando as opiniões contrárias às minhas, que é uma coisa que a gente aprende. Que é interessante escutar e são pessoas que sempre estão somando. Elas que muitas vezes me fazem enxergar os meus erros. É isso. No mais, estão ali sempre juntos trabalhando em prol de um único objetivo que é a gente dar seguimento e andamento ao nosso projeto. Melhorar sempre e qualificar sempre a nossa equipe.

**M.N.** – Ótimo. E em meio a tantos desafios, principalmente o que você falava anteriormente sobre ter a necessidade de acumular funções e outros trabalhos em função das condições em que se encontra a profissão de treinadora hoje, como se dá a conciliação entre a sua vida profissional e pessoal?

**T7.** – Então, na realidade, eu brinco [riso] dizendo que elas se misturam [riso]. Porque acaba que o futebol é o meu amor e a minha vida pessoal é o treinamento. [Pausa]. É brincadeira, mas é meio louco. Assim... Acaba que o tempo todo você parece que está dentro do campo, você parece que está fazendo algo voltado para o próprio futebol. Aí você em um momento de estresse tenta distrair um pouquinho, sai

raramente, mas sai e... Assim eu te digo... Quando eu consigo sair, um pouco nas próprias férias, no período de afastamento que a gente tem, eu sinto falta, eu sou viciada nesse negócio. Eu sou uma pessoa apaixonada pelo que faço e como eu te disse eu trabalho muito mas quanto mais eu trabalho, mas eu quero trabalhar. Um vício. Bem que atrapalha a vida pessoal que a gente acaba mergulhando nisso tudo e acaba esquecendo do resto mesmo que além disso tudo eu tenha uma família, tenha as pessoas com que a gente tem que se dedicar, dar atenção. Mas é difícil.

**M.N.** – Você diria que, hoje, há algum tipo de dificuldade para você permanecer no cargo de treinadora?

**T7.** – Se, eu fosse depender da remuneração do cargo, é o que venho dizendo... Se eu não tivesse meus outros afazeres, é lógico que seria muito difícil eu estar como treinadora. Se eu não tivesse a minha outra condição que me dá suporte para isso. Porém, como eu te disse, eu vou ter que abdicar ou da gerência ou do cargo de treinadora por conta de não ser salutar para um ser humano essa carga de trabalho. Eu já estou em um período de estresse forte e que me renderam coisas indesejáveis como uma gastritezinha, então, particularmente, hoje eu me coloco na condição de fazer isso por conta de outros trabalhos que eu tenho mas numa condição de um ser humano normal eu não conseguiria desenvolver meu trabalho da forma desejada sem a remuneração adequada.

**M.N.** – Está ok. E quais são suas expectativas pessoais futuras enquanto treinadora e como você analisa as perspectivas de ascensão na carreira para todas as mulheres que já ocupam ou desejam ocupar esse cargo aqui no Brasil?

**T7.** – Então, a gente vê a evolução da modalidade em passos *curtos* eu diria, porém, com esse advento das licenças CBF que a partir de 2019 os clubes profissionais que vai começar com série... A partir de 2019 todos os clubes da série A terão que ter futebol feminino e assim sucessivamente nas séries seguidas, eu acho que vai abrir espaço sim para as treinadoras femininas. Hoje a gente tem uma treinadora na Seleção que tem uma responsabilidade grande... De fracasso ou de sucesso. Se fizer sucesso eu diria que então isso vai ser bom para todas as mulheres. Caso fracasse, nós mulheres vamos sofrer mais ainda. Porém, eu acho que vai ter uma abertura, mas

nada tão estrondoso e nada muito para agora. Eu acho que vai pegar uma safra muito boa daqui uns dez anos. É isso. Eu acho que o futebol feminino possa estar melhor, mas nada tão para de imediato.

**M.N.** – E existe algo que te faça pensar em desistir?

**T7.** – Como eu te disse, é o lugar que eu mais gosto de estar. É a profissão que eu queria poder exercer com a devida condição que eu acharia justa e uma boa remuneração. No entanto, eu teria que abdicar dessa condição, tudo indica, para assumir a gerência por não ter outra pessoa capacitada para desenvolver os projetos, para captar recursos, para visitar empresa, enfim. Para estar discutindo e estar mobilizando aqui em torno do futebol feminino. Porém, desistir, essa palavra é muito forte. Eu não pretendo desistir. Na realidade, de muita coisa eu não abro mão na minha vida não. Eu pretendo seguir.

**M.N.** – Que bom. E eu gostaria de saber então, por fim, se você deseja deixar algum comentário, fazer algum destaque em relação a algo que eu não tenha te perguntado e você julgue importante ser falado, por favor.

**T7.** – Na realidade eu acho que você discutiu coisas... Fez uma discussão ampla aí. Sobre o futebol feminino, sobre a atuação das treinadoras, com um paralelo com a vida, a profissão. Achei super interessante e eu quero te parabenizar pela tua pesquisa aí que você está fazendo e espero ter contribuído. E dizer que a gente sempre tem que lutar e que infelizmente nossa condição de mulher já nos coloca em uma história de luta que não é de agora. É de ganho de espaço porque mesmo a gente estando em uma sociedade mais avançada, que deveria ser, a gente é preciso lutar muito para ganhar o nosso real espaço em todos os campos dessa sociedade, inclusive para estar ali dentro dos gramados.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 08

Entrevistada: Michele Kanitz (T8)

Idade: 26 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Muçunense

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Solteira

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Graduada em Educação Física

Profissão ou profissões: Treinadora de Futebol

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): 70 horas semanais

**T8.** – “Meu nome é Michele Kanitz, tenho 26 anos. Brasileira, natural de Muçum. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Educação Física. Trabalho como Treinadora de Futebol com carga horária de 70 horas semanais”.

**M.N.** – Boa tarde. Gostaria que você começasse me contando como era a sua relação com o esporte em geral desde a sua infância até a sua adolescência.

**T8.** – Boa noite, Mariana. Tudo bem? Então, a minha relação com o esporte ela sempre foi muito... muito forte no contexto geral. Desde criança eu fiz diversas atividades, em diversas áreas diferentes... eu fiz futsal, fiz um pouco de campo... de futebol de campo, mas infelizmente não tinha muita área para menina, no caso, naquele tempo então fiz mais o futsal. Mas fiz natação, fiz basquete, fiz vôlei... é... o que mais? Fiz mais um monte de coisa. Algumas danças também... tradicionais gaúchas. Então eu circulei bastante. Patinação artística eu fiz também por bastante tempo então eu sempre gostei muito do esporte em geral e sempre tive muito presente em tudo que era relacionado ao esporte.

**M.N.** – Muito legal. E especificamente com o futsal ou o futebol, como foi esse processo? Como era a prática na época? Agora falando mais dessa relação com o futsal e o futebol mesmo, por favor.

**T8.** – Então, Mari, na verdade eu sempre fui incentivada pelos pais desde pequena a ter o contato com a bola e jogava assim de brincadeira mesmo o campo e o futsal eu

cheguei a fazer... participar de uma escola que hoje já não existe mais... de futsal feminino... e eu adorava. Eu sempre fui desde pequena em estádios então tudo que era relacionado ao futebol ou ao futsal eu sempre estava bem envolvida, mas infelizmente eu tive... não tive tantas oportunidades. Ainda hoje as oportunidades são bem aquém do que deveriam ser, mas naquele tempo as oportunidades eram bem menores e mesmo assim as poucas que eu tive eu sempre pratiquei e depois na faculdade que eu voltei, no período de aulas de futsal, a jogar um pouco ainda, mas não tive tantas oportunidades como hoje em dia esse mercado está se abrindo mais pro jogo. Para o futsal e para o futebol.

**M.N.** – Entendi. E você comenta que foi incentivada pelos seus pais. Queria saber se você teve alguém que tenha sido referência nessa questão de apoiar e incentivar a praticar o futebol ou o futsal.

**T8.** – Então, Mari, minha referência foi realmente meus pais. Primeiramente, meu pai e minha mãe que sempre estiveram do meu lado, o meu irmão que é mais novo, mas sempre seguiu essa área do futebol, sempre jogou e está se direcionando ao esporte também. Então a minha referência foi sempre dentro de casa. A minha mãe jogou futebol, meu pai também jogou, tentaram também outras... tentaram se firmar, mas infelizmente nenhum dos dois conseguiu. Por falta de oportunidade, por ter que escolher entre trabalhar e tentar o futebol tiveram que trabalhar então os meus exemplos e até sem eles... sem essa minha referência nada do que... nada seria possível sem todo esse apoio deles até hoje, essa força de vontade deles de me motivar, de me incentivar, de me colocar sempre no caminho certo, dando os conselhos certos, então tudo que eu já conquistei eu devo muito a eles.

**M.N.** – Perfeito. E durante a sua trajetória como atleta, dentro do futebol, por quem você foi treinada?

**T8.** – É... Na verdade quando eu fiz o futsal foi um profissional que hoje ele continua no mercado da bola que é o Deive Bandeira. Ele treinou meu irmão por algum tempo e aí surgiu essa hipótese de fazer o futsal... O feminino e aí ele acabou abrindo a escola e em cima disso foi feita... Eu acabei sendo uma das alunas dele. Fiquei um

tempo e depois infelizmente não foi dado sequência, mas foi muito bom esse início todo com ele.

**M.N.** – Entendi. E por mulher, você chegou a ser treinada também?

**T8.** – Não, por mulher não. Infelizmente eu sempre tive apenas contato com homens. Gostaria sim de ter tido mais contato com mulher nessa formação, mas infelizmente não tive. Só com homens mesmo.

**M.N.** – Entendi. E como as pessoas percebiam a sua participação no futebol? Quando você dizia que praticava esse esporte, o que você costumava ouvir?

**T8.** – É... Bom, na verdade eu nunca me preocupei muito com o que as pessoas comentavam. Eu gosto, eu sempre gostei, então nunca parei para prestar atenção também em relação aos comentários das pessoas. Mas é claro que eu me lembro de comentários positivos, principalmente do lado masculino. Amigos... Principalmente amigos do meu pai e algumas pessoas da família que achavam bacana, que eu estivesse nesse esporte. No futebol e outros esportes eles ficavam felizes por eu estar participando de mais um esporte.

**M.N.** – Sim, legal. E pelo contrário disso, você se recorda de alguma situação em que você tenha sido alvo de preconceito em função dessa prática?

**T8.** – É... Durante a prática não, Mari, mas no meu ciclo de trabalho inicial com o futebol, tanto no masculino quanto no feminino, sim. Infelizmente a figura da mulher... Aliás, a figura de um profissional que foi contratado para uma função seja de treinador, ou preparador físico ou de goleiras, qualquer uma função que esteja no futebol, independente de masculino ou feminino, ainda há muitas pessoas que tem preconceito muito grande em relação a isso. Não por ser mulher, mas as pessoas não conseguem olhar você como profissional e eles te rotulam de uma forma que você não pode trabalhar.

**M.N.** – Entendo. E você se recorda e gostaria de relatar alguma situação específica que tenha acontecido já nesse âmbito profissional?

**T8.** – Eu prefiro não especificar essas coisas que aconteceram, mas muito preconceito de ter uma mulher no cargo, de julgá-la que não tem competência nenhuma para tal. Quem me falou isso também foi a pessoa que estava por trás das contratações... De falar que eu sou muito nova e não deveria estar onde eu estou. De levar algumas cantadas e [pausa]. Alguns abusos da pessoa não respeitar o meu espaço, de tentar ser mais agressivo assim com palavras, de oferecer coisas, mas enfim. Eu sempre fui muito firme em relação a isso e sempre soube sair por cima de todas essas histórias. Graças a Deus eu aprendi muito com a minha família em relação a isso e eu já sabia que poderia acontecer esses casos e me preparei muito para quando acontecesse eu soubesse lidar com esse tipo de situação totalmente desagradável.

**M.N.** – Está bem. E aí já passando para sua carreira como treinadora, queria que você me contasse como começou, como se deu sua inserção.

**T8.** – Então, Mari, devido à falta de oportunidade de jogar futebol, pela... Por não ter escolas mesmo lá no Sul e também por não ter condições de procurar outros lugares, de sair para mais longe para tentar alguma coisa, eu resolvi que eu ia estudar e me focar no esporte. Foi nesse momento que, em primeira mão, eu tentei fazer medicina, aí eu até cheguei a passar, mas eu vi que não era o que eu queria. É... Não queria trabalhar só com a recuperação de pacientes ou outras áreas assim mais específicas, eu queria trabalhar realmente no campo e aí eu fui fazer faculdade de Educação Física no Sul mesmo e logo no primeiro semestre do curso, já sabendo a área que eu queria, que era o futebol, todos os cursos que eu pude fazer eu sempre corri atrás para poder fazer e em cima disso, logo em sequência eu comecei a fazer um estágio na categoria de base do Futebol Clube Santa Cruz... Fiquei um ano e meio com eles. Aí depois eu fiquei meio ano no Lajeadense e logo em seguida que saí de lá eu fiquei em uma franquia do Inter... Que é o Genoma Colorado por mais um ano. E aí depois do Genoma Colorado sempre com categorias de base, até o sub 15 e depois disso eu voltei para o Santa Cruz... O Futebol Clube Santa Cruz, mas aí no profissional fazendo um pouco... Auxiliando o treinador e fazendo um pouco da parte de análise de desempenho. Time que disputa a série A2 do Campeonato Gaúcho. Então foi uma experiência diferente das demais, mas foi muito bacana. Nesse meio tempo também eu fiz diversos cursos e em cima disso aproveitei bem o período da faculdade com os cursos e o trabalho para adquirir bastante experiência e aproveitei para fazer bastante

estágio também. Eu conheci vários clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro devido aos cursos também pela abertura de profissionais que eu conheci e foi muito bom. Fiquei ali circulando por algum tempo e depois eu fui para a Ferroviária, fiquei sete meses lá. Aí eu resolvi sair de lá devido a uma série de inconseqüências de alguns profissionais, por falta de compreensão do processo... De compreensão não... De querer concluir o processo, porque é impossível você trabalhar onde você não tem uma comissão que é paga. Por várias incoerências dos profissionais que estavam lá, então é impossível você fazer tudo sozinho. Eu resolvi sair de lá não foi devido a resultados, ninguém me mandou embora... Porque, em relação a resultado, principalmente no Campeonato Paulista, a gente tinha feito seis jogos com cinco vitórias e um empate e no Brasileiro a gente estava em quarto lugar na zona de classificação. Tinham sido treze jogos, se não me engano. Então, não foi por causa de resultados, eu resolvi sair de lá, eu resolvi abrir mão do meu cargo por uma série de fatores que aconteceram e [pausa]. Aí eu fique... Depois eu saindo de lá eu resolvi estudar e fazer algumas coisas que eu também precisava fazer e aí agora eu vim para o Corinthians/Audax para contribuir um pouco com o processo no final no Paulista mas principalmente para a disputa da Libertadores que é já na próxima semana.

**M.N.** – Entendi. Só para esclarecer, esses clubes que você passou, você trabalhou com o futebol de homens ou sempre com as mulheres?

**T8.** – É... Sempre foi com o masculino. Os que eu te falei. O Futebol Clube Santa Cruz, o Lajeadense e o Genoma Colorado. Foram com o masculino até o sub 15 e depois retornando para o Futebol Clube Santa Cruz foi com o profissional masculino também que disputa a série A2 do Campeonato Gaúcho. A minha experiência no futebol feminino foi na Ferroviária e agora a segunda experiência é aqui no Corinthians/Audax.

**M.N.** – Entendi. E no início da sua carreira existiu alguém que tenha sido referência ou que tenha te ajudado no processo de inserção?

**T8.** – É... Eu sempre cito os meus pais porque eles que me deram todo o apoio, toda a força para iniciar. Se não fossem eles eu não teria iniciado essa trajetória. Claro que conheci vários profissionais, mas sem o apoio deles nada seria possível.

**M.N.** – Entendi. Essa pergunta é mais em relação a referências profissionais mesmo.

**T8.** – Então, de referências profissionais eu tive alguns mas são tantos nomes que [riso] acaba sendo difícil falar porque eu acho que cada pessoa teve um... Contribuiu de uma forma diferente em cada etapa do processo de aprendizagem e vem me ajudando de formas diferentes até agora. Então são algumas pessoas que eu tenho um carinho muito grande, mas não gostaria de falar assim porque senão eu acabo esquecendo de alguém.

**M.N.** – Tudo bem. E você considera que tenha havido algum tipo de dificuldade para começar a carreira? Isso perante atletas, comissão, dirigentes, família...

**T8.** – Com relação à família não, eles sempre me apoiaram muito. Por parte de algumas pessoas que estão no meio, sim. É... Devido a entender que talvez lugar de mulher não seja no futebol, de algumas pessoas se questionarem se a pessoa é competente ou não, mas eu sempre fui muito focada nos meus objetivos e sabia que eu iria enfrentar um pouco de dificuldade no início... É... Digo dificuldades até então, porque hoje graças a Deus é um pouco mais tranquilo, mas até o último momento teve bastante dificuldade de pessoas acharem que estão há tanto tempo no futebol e aí um outro profissional entrar e ainda mais por ser mulher... Julgam que você não tem a competência suficiente para estar onde você está. Mas eu nunca me importei muito com isso, eu escutei de uma forma muito inteligente essas questões e sempre mostrei com trabalho e competência que o lugar onde eu estou é pela dedicação e pelo meu trabalho. Não é pela ajuda de ninguém não e isso eu nunca precisei. Essas críticas só me fazem ficar mais fortes.

**M.N.** – Entendi. E o que você considera então que seja importante para o sucesso na carreira de uma treinadora?

**T8.** – Acredito que seja a busca constante de aprendizado nas mais diversas áreas que se estende o futebol.

**M.N.** – Considerando essa importância da capacitação então, além do curso superior em Educação Física, como foi seu processo de capacitação para ser treinadora?

**T8.** – Na verdade, assim que eu entrei na graduação, eu sempre procurei cursos direcionados a área. Capacitações que pudessem me dar mais abrangência em relação ao futebol, no contexto geral. Então, desde que eu entrei na faculdade tinha cursos relacionados a parte mais academia, mais parte física, fisiologia... É... Já trabalhando durante a faculdade com o futebol eu fiz algumas capacitações na parte técnica, parte tática e alguns cursos no Sul mesmo e nesse meio do processo, durante a faculdade, eu ingressei a fazer o curso da... A Licença C da CBF. Fiz a Licença B no outro ano, fiz Análise de Desempenho também. Agora eu estou concluindo um de especialização em futebol na UFV, em Minas e eu sempre fui muito de buscar. Se tinha um curso interessante relacionado a área eu sempre fui atrás para poder fazer e me capacitar cada vez mais. Além dos cursos fiz muitos estágios, sempre corri atrás em relação a isso também para conhecer outras realidades, tanto na base e um e outro também no profissional para poder entender melhor o procedimento não só teórico mas prático também.

**M.N.** – Entendi. E em relação a redes de contato, qual a importância delas na sua concepção?

**T8.** – Extremamente importante, Mari, porque foi assim que me abriram muitas portas. De conhecer profissionais extremamente competentes, de conhecer estruturas, de saber um pouco da realidade de cada um. E os mundos diferentes do masculino e do feminino também, a parte da base, do profissional, enfim. A rede de contatos, esse networking ele é muito importante para a gente trocar experiências e fazer com que a gente tenha um ganho muito grande em todos os sentidos.

**M.N.** – Sim. E você comenta sobre esses mundos diferentes, gostaria que você comentasse como está estruturada a profissão de treinadora no Brasil em termos trabalhistas mesmo, por favor.

**T8.** – Na verdade, em termos trabalhistas, eu acho que ela é muito aquém ainda em todos os quesitos do mais alto escalão do profissional masculino até categorias de base ou times de divisões menores. Eu acho que não é devidamente como devia ser. Não existe contrato... O contrato ele é muito aberto, a CLT também... A Carteira de Trabalho acho que não tem uma organização melhor em relação a isso. O que eu vi foi que eles estão tentando algumas coisas e eu tenho certeza que vai melhorar um pouco mais a profissão em si.

**M.N.** – Entendo. E em relação a remuneração o que você tem a dizer? Está satisfeita?

**T8.** – A remuneração eu acho que ela é bem inferior ao que os profissionais deveriam receber. Acho que no contexto geral o futebol feminino é muito aquém e acredito que quem deve receber um salário considerável é quem está no alto escalão só. Do restante, acredito que tenha muitos profissionais que não são valorizados como deveriam.

**M.N.** – Entendi. E dentro do futebol feminino, você vê diferença de compatibilidade na remuneração entre homens que treinam as mulheres e mulheres que treinam as mulheres também?

**T8.** – Na verdade eu não sei responder essa pergunta porque eu não... Desconheço sobre a equivalência de salários. Mas, por onde eu passei acredito que o salário era semelhante devido às condições do clube. Mas fora isso não sei dizer essa relação.

**M.N.** – Sim. Sem problema. E exatamente a próxima questão, diz respeito a essas condições às quais você se refere do clube. Queria que você contasse um pouco como são as condições de trabalho de uma treinadora hoje dentro do futebol de mulheres.

**T8.** – Infelizmente ainda as condições não são das melhores. Porque algumas situações ocorrem de forma um pouco precária e como treinadora onde já passei eu tive muito “Você tem isso, você trabalha com isso” e não tem a possibilidade de conseguir outras coisas. Me refiro a material, financeiramente, entre outras coisas. Então ainda fica um pouco aquém do trabalho. Você tem que se virar com o que você

tem em mãos. Por um lado é bom porque eu acho que quem começa assim acaba adquirindo pontos positivos em relação a criatividade, a saber se adaptar a situações, mas também dificulta no processo. Esse é o lado negativo porque tem muita coisa extra campo que fica muito... Que impedem que você trabalhe de uma forma que seja mais coerente e que poderia agilizar o processo.

**M.N.** – E o processo de formação das comissões técnicas e também de convocação e formação da equipe. Como é a autonomia da treinadora em relação a esses pontos?

**T8.** – Bom, como eu já cheguei em um primeiro projeto já com as coisas bem definidas eu infelizmente não tive autonomia para isso. Mas acredito que pegando um início de trabalho e conhecendo um pouco mais a realidade a autonomia, com base nas coisas que você faz, ela acaba vindo.

**M.N.** – E como é a sua relação com as pessoas lideradas por você? Tanto comissão, quanto atletas.

**T8.** – Então, Mari, foi uma adaptação muito tranquila. Eu tinha alguns receios no início mas foi muito tranquila a relação, todo mundo muito participativo, comunicativo e o trabalho fluiu como deveria fluir, tanto em relação a atletas e quanto à comissão o respeito sempre foi mútuo e deu muito certo.

**M.N.** – Que bom. E atualmente, você possui alguma outra ocupação profissional?

**T8.** – Não, Mari. Só nessa área mesmo. Só trabalhando aqui.

**M.N.** – Entendi. E como se dá a conciliação entre a sua via pessoal e profissional?

**T8.** – Acho que no contexto geral, trabalhando com o futebol, você acaba abdicando de algumas coisas. E... Enfim. Mas é o que eu escolhi. A vida pessoal, às vezes fica um pouco de lado porque o meio do futebol é realmente bem corrido sempre, mas quando dá algum tempo eu tento aproveitar mais a minha família, um pouco dos amigos para realmente matar um pouco da saudade porque a gente acaba viajando realmente bastante e sempre de um lado para o outro e acho que é isso [riso].

**M.N.** – Está ok. E já quase finalizando as nossas questões, eu gostaria de saber se hoje em dia você considera haver ainda alguma dificuldade para você permanecer no cargo de treinadora?

**T8.** – Não vejo dificuldade para isso. Pois acredito que depende só da minha pessoa mesmo, para que eu possa fazer um bom trabalho e assim permanecer no cargo.

**M.N.** – E como você enxerga e analisa as possibilidades de ascensão para as mulheres que são treinadoras no Brasil?

**T8.** – Acredito que essa ascensão do futebol feminino ela abre muitas portas. Eu sempre digo que, indiferente da mulher ou do homem, vai abrir portas para a competência do profissional porque se já somos julgadas por sermos mulheres a gente tem que mostrar mais competência do que qualquer outra pessoa para que a gente possa trabalhar tranquila e poder receber, claro, os elogios, mas também as críticas construtivas de forma que possa sempre agregar no nosso trabalho.

**M.N.** – E quais são as suas expectativas futuras como treinadora?

**T8.** – Expectativas futuras é que eu possa sempre trabalhar da melhor forma possível. Eu tento viver o amanhã, não penso muito lá na frente porque o futebol é assim. Um dia você está aqui, no outro dia você ganha uma oportunidade em um outro local... Então é aproveitar sempre o máximo as oportunidades que eu já estou ganhando e que eu vou ganhar para cada vez aprender mais, ter mais experiência e poder ir alcançando os objetivos. Eu *tenho* alguns objetivos pessoais, mas sempre guardo bem eles comigo [riso] para poder ir aos poucos batalhando e adquirindo eles.

**M.N.** – Entendi. E por fim, existe algo na sua trajetória até então, que te faça ou já tenha feito pensar em desistir dessa carreira?

**T8.** – Não, jamais. Desistir nunca [riso]. Tiveram muitas coisas que me deixaram bem chateada, mas bem pelo contrário, foram situações que me fizeram querer mais. Em vez de ser uma situação que me colocasse para baixo, foram situações que eu sempre

tentava trazer para o lado positivo para mostrar para as pessoas o meu lado profissional e quem eu sou.

**M.N.** – Ótimo. Eu finalizei com as questões que eu tinha pré-estabelecidas e eu gostaria de saber se você deseja deixar algum comentário, fazer algum registro sobre algum assunto que seja pertinente às questões que a gente tratou, mas que eu não tenha te questionado.

**T8.** – Ah, Mari, eu acho que a gente conversou bastante, eu acho que deu para eu te falar um pouco das coisas como eu penso. Acho que ficou interessante [riso]... Acredito eu [riso]. Porque foi bacana conversar com você e expor de uma forma bem... Com uma liberdade bacana, uma conversa sempre bem boa, as suas perguntas sempre bem pertinentes, todos os assuntos. Eu só quero te agradecer por você me dar essa oportunidade de contar um pouquinho do que eu já fiz, das minhas experiências e como que é o trabalho.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 09

Entrevistada: Thaissan Passos (T9)

Idade: 31 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Duque de Caxias

Etnia autodeclarada: Parda

Estado civil: Solteira

Tem filh@s? Não

Escolaridade/Formação: Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, Pós graduação em Gestão de Projetos Educacionais

Profissão ou profissões: Treinadora de Futebol

Tempo de dedicação à(s) profissão(s): Está no mercado há 11 anos. Dedicação todos os dias da semana ao futebol.

**T9.** – “Meu nome é Thaissan Passos, tenho trinta e um anos. Brasileira, natural de Duque de Caxias, etnia parda. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e possuo Pós Graduação em Gestão de Projetos Educacionais. Atuo como treinadora em Duque de Caxias. Todos os dias da semana eu me dedico ao futebol.”

**M.N.** – Então você pode começar me contando, por favor, como era a sua relação com o esporte na sua infância?

**T9.** – Então, eu sou neta de uma avó emprestada com quatro netos. E aí eu precisava brincar com os meus primos e a brincadeira antigamente era jogar futebol. Todo mundo queria jogar futebol. Então eu comecei a brincar de futebol com os meus primos em casa, no terraço de casa, na garagem e depois minha avó... A minha família acabou me liberando para brincar na rua com eles de futebol. É... Depois de um tempo quando eu comecei a ter de uns oito para nove anos... E com doze para treze anos os meus primos entraram para uma escolinha de futebol e eu tentei entrar nessa escolinha também, mas não aceitavam meninas. Aceitavam só meninos. E aí eu fui jogar handebol porque a moça falou que era uma modalidade mais próxima do futebol que eu chegaria. Eu fiquei bem frustrada por não conseguir jogar com os meninos, não participar daquela brincadeira com eles. Continuei jogando, praticando esportes... Sempre gostei muito de esportes, então eu fazia judô, eu já joguei handebol, já fiz

arremesso de peso... Até que quando eu estava fazendo treze para catorze anos abriu uma escola no núcleo do Vasco perto da minha casa, e aí eu ficava sentada vendo os treinos até que o professor me chamou para participar das aulas e tal. E eu ia escondida da minha mãe porque eu achava que minha mãe não ia deixar, na verdade. E aí eu meio que ia na escolinha paga mas ele meio que me deu uma bolsa aí eu fiquei jogando. Então eu fiquei meus treze, catorze participando dessa escolinha e minha mãe acabou descobrindo... Foi uma confusão porque minha mãe tinha um salão de beleza. Não era o que ela sonhava muito para mim, mas com o passar do tempo foi ficando uma coisa mais séria... Eu era muito dedicada e acabava que os meninos estavam sempre me chamando para participar das competições, para brincar e coisa e tal. E aí com quinze anos o meu treinador, que é um cara bem famoso aqui no município de Duque de Caxias, de revelar atleta... Ele falou que não dava mais para eu ficar com ele, porque eu estava evoluindo bastante e aí ele me levou para fazer teste Duque de Caxias. E aí eu fiz o teste, fiquei e aí iniciou minha carreira como atleta de futebol feminino... Antes era... Eu jogava junto com os meninos.

**M.N.** – Entendi. E você comenta sobre a questão da sua mãe, de talvez pensar que ela fosse brigar com você, comentou também sobre esse treinador que te apoiou no sentido de te fazer crescer e ir para outra escolinha... Você citaria mais alguém que tenha lhe incentivado e lhe apoiado nesse processo?

**T9.** – Então. Essa minha avó emprestada sempre gostou muito de futebol. Ela é tricolor... Fluminense doente e ela sempre... Eu nunca passei por preconceito para jogar bola dentro do meu ciclo familiar assim. Com minha avó, os meus primos, a minha madrinha... Sempre me apoiaram para eu fazer o que eu quisesse. A questão da minha mãe... Não é que... Eu tinha medo porque a minha mãe tinha um salão de beleza, ela tentou me colocar no balé, ela tinha uma questão, mas ela assim... Nunca me proibiu. Eu que tinha medo de frustrar a minha mãe. Tanto que quando eu fiz quinze anos... Na minha festa de quinze anos eu pedi... Eu era goleira então eu pedi um kit de goleira. Eu ganhei chuteira, luva, caneleira, meião da minha família para eu poder iniciar meus treinamentos. Então assim... não é que minha mãe tinha preconceito. Eu que tinha medo de não ser para minha mãe o que ela gostaria que eu fosse, entendeu?

**M.N.** – E as outras pessoas, em geral, como você entende que elas percebiam a sua participação no futebol?

**T9.** – Nossa. As outras pessoas era terrível. Porque assim... eu sempre falo para as pessoas: criança não tem preconceito, sabe. Os amiguinhos da rua... Ninguém tinha preconceito. Todo mundo ia me chamar para brincar. Para eles todo mundo é igual, criança é criança, não importa se é menino ou menina. Mas os pais viam de uma outra maneira. Eu era uma criança que ficava na rua brincando com os meus primos e a gente ia para a escola, fazia tudo direitinho mas a noite a minha avó deixava a gente ficar na rua brincando. E eu era a única menina que ficava. E as pessoas são muito preconceituosas... Eles chamavam de tudo: “mulher-macho, sapatão...”. Só que graças a Deus a minha vida esportiva começou a dar resultado muito cedo então logo assim que eu fui para o Duque de Caxias eu ganhei bolsa de estudo para estudar em uma escola melhor e aí você já não pode ficar tanto na rua porque você precisa treinar. Logo vem a primeira viagem, a primeira página de jornal então as mesmas pessoas que têm preconceito são as pessoas que depois batem nas suas costas e dizem: “Poxa, legal que você chegou”. É... a sociedade em si se você não se encaixa naquilo que eles esperam... as pessoas são muito cruéis e depois acabam fingindo que nada aconteceu. Mas a minha história não é diferente de muitas pessoas. As pessoas acham que, às vezes, quando a gente opta pelo futebol a gente é vagabundo, quando a mulher opta por jogar futebol ela é porque ela é lésbica e as coisas não são bem assim. Hoje, graças a Deus, eu não posso dizer que eu não passo por preconceito, mas a visão das pessoas é um pouco melhor, mais respeitosa. E assim, volto a dizer... Eu falo isso sempre nas reuniões pros pais dos meus alunos nas reuniões: criança não tem preconceito. A criança passa a ter preconceito a partir da visão dos pais.

**M.N.** – Exatamente. E sobre essa questão do preconceito, quando você se considerava um alvo, se lembra e consegue descrever alguma situação que tenha lhe marcado?

**T9.** – Ah eu lembro da primeira vez que eu fui jogar uma competição pela escolinha lá do professor Thiaguinho. E eu era goleira e jogava no sub-13. E a gente foi jogar uma competição em Minas... Era um triangular... Contra o núcleo do Cruzeiro e aí ele tinha ligado para o rapaz e tinha falado para o rapaz que ele ia levar uma menina para jogar

porque a menina agarrava bem e coisa e tal... E, na época, teve um jogador que até passou pelo São Paulo agora, e na época jogava pelo nosso sub-15 e o interesse do cara era ver esse jogador para poder levar para o Cruzeiro... Que é o... O Marcelo Paraíba. Ele não é o Paraíba que todo mundo conhece não. Ele tem passagem pelo São Paulo, mas hoje ele joga no Japão. Na época o apelido dele era Soró, para a gente. E aí ele: “não, então traz o sub-13 e o sub-15”. E ele falou: “Olha, meu goleiro é uma menina”. Aí o cara: “Não, não pode.” E aí ele não me contou essa história. A gente teve umas oito horas até Minas de ônibus e chegou lá ele pediu para todo mundo sair do vestiário e virou para mim e falou: “Olha, você vai colocar esse boné... Tu vai colocar o cabelo todo para dentro porque os caras não queriam que você jogasse e eu achei um absurdo.” E eu assim... Eu tinha treze anos, eu queria jogar... Eu não queria saber se meu cabelo iria estar para dentro, para fora... Eu queria jogar. E aí a gente acabou ganhando o jogo por 3x1, eu fui o destaque da partida e o cara veio dar parabéns para a equipe e daí o professor Thiaguinho virou e falou: “Você lembra da menina que você não queria que jogasse e coisa e tal?” Aí o cara falou: “Eu lembro.” Daí o meu professor tirou o boné do meu cabelo e falou: “É. A menina está aqui. Está aqui a menina que você falou que não ia jogar... Ela foi o destaque da partida.” E aí o cara me pediu mil desculpas e eu voltei muito feliz para a casa, não entendendo que aquilo era um ato de preconceito porque para mim o mais importante era ganhar o jogo, mas a partir daquilo ali eu percebi o que eu podia, sabe, para a minha vida e eu sou muito grata porque passaram “n” pessoas na minha vida... Pessoas de clube, de experiência de jogar em grandes clubes, mas para mim o professor Thiaguinho é a minha referência de início porque a gente está falando de 1998, 1997 em que eu era a única jogadora de uma escolinha de futebol, sabe... Menina... E que ninguém aceitava e ele sempre, *sempre* bateu de frente por mim. Então eu acho que depois que você chega ao clube e os resultados começam a chegar é muito fácil alguém dizer que te ajudou, sabe, mas é quem bateu de frente mesmo... Até mesmo para eu não desistir, foi ele. Ele é uma grande referência para mim.

**M.N.** – Que legal. E além dele, por quem mais você foi treinada nessa sua trajetória?

**T9.** – Cara, eu fui treinada pelo professor Edson Galdino que até hoje está a frente do Duque de Caxias. O Duque de Caxias é, junto com o Flamengo, a grande referência

aqui no estado do Rio de Janeiro. Esse cara... Se o futebol feminino do Rio de Janeiro ainda existe é porque essa cara luta muito, acredita muito. Perdeu apoio, perdeu patrocínio, tira dinheiro do bolso para poder bancar a equipe para jogar as competições. Eu tive o *prazer* de ser auxiliar técnica dele durante dois anos, inclusive ano passado no Campeonato Brasileiro. Por questões de estar fazendo Pós-Graduação e entrando em um grupo de estudos para o Mestrado na UFRJ com especialização em futebol, eu optei em sair do Duque de Caxias por querer ir conseguindo outras coisas na minha vida, mas esse cara é uma lenda no que diz respeito ao futebol feminino, sabe. Quando ninguém acredita ele empenha joia, ele vende as coisas dele e é por isso que ainda existe o Duque de Caxias, ainda existe... enquanto todos os times do Rio de Janeiro acabaram, o Vasco veio, o Botafogo veio, o Bangu, o Flamengo foi Flamengo, o Botafogo foi Vasco, mas o Duque de Caxias nunca acabou por causa desse cara. Então ele é uma grande referência para mim e também tem treinadores de futebol de salão, de futsal, aqui no Rio que é o Felipe Orelha, o Mauro Longo e o Wiliam que foram grandes referências num colégio aqui do Rio de Janeiro que é o Colégio Percepção. Onde “n” jogadoras que hoje estão em grandes clubes, como a Diane do Flamengo Marinha, a Mariane do Rio Preto, a Michele do São José... São todas do Rio de Janeiro, todas elas saíram dessa mesma escola, desse mesmo projeto que eu tive o grande prazer em participar durante cinco anos. Infelizmente, hoje, o Wiliam não está mais no futebol feminino. Ele é empresário no futebol masculino mas é um cara de grande referência para mim.

**M.N.** – Legal. Treinada por mulher, você nunca foi?

**T9.** – Não. Eu nunca fui treinada por mulher.

**M.N.** – Entendi. E aí passando agora já para a questão da sua carreira como treinadora, me conta um pouco como ela começou.

**T9.** – Então, em 2012 eu estava jogando futsal no Fluminense. Em 2011 eu jogava no Mackenzie aqui no Rio e eu recebi uma proposta da Prefeitura de Duque de Caxias de estar trabalhando com o futsal, com a equipe principal no Jogos Abertos do Interior. Que é como se fossem os Jogos Regionais de São Paulo. Porque nessa época, o Edson Galdino era técnico tanto do Duque de Caxias no time de futebol de campo,

quanto da Prefeitura. Só que foi a época que teve o “Bum” e que o Duque de Caxias foi campeão da Copa do Brasil. Então ele não tinha como ficar com as duas coisas. E eu acebei, como já estava formada na faculdade, nunca tinha trabalhado no município, eu acabei aceitando o desafio. Aceitei o desafio e acabei sendo campeã da competição. E aí eu comecei a pensar se eu ainda teria o que acrescentar como atleta. Eu ainda continuei jogando... 2011, 2012 eu joguei Copa do Brasil pelo Fluminense, joguei o campeonato Carioca de Futsal e aí foi quando eu recebi a proposta do Instituto Loide Martha, que é a escola na onde hoje acontece o meu projeto o “Daminhas da Bola”, para assumir a equipe, para dar bolsa de estudos para as meninas jogarem as competições estudantis do Rio de Janeiro. E nesse mesmo ano, graças a Deus, eu já fiz uma primeira final e perdi essa final para o time do Edson Galdino que era o Casemiro de abreu por 1x0 e nesse dia ele me abençoou e falou para mim: “Olha, eu encerro aqui minha carreira a nível estudantil e depois de mim ninguém mais vai ganhar as competições do município a não ser você!” E desde então, desde que o professor Edson saiu, eu sou pentacampeã dos Jogos Estudantis de Duque de Caxias com a benção dele. E aí em 2012 para 2013 eu já vi que era o que eu queria para a minha vida, que eu já não tinha mais tanto prazer em treinar... Desde treze anos de idade. E aí as propostas de trabalho foram melhorando, eu queria me especializar e aí eu resolvi cair de cabeça. Então, atuando desde 2011 para 2012 buscando outras coisas.

**M.N.** – Muito legal. E você cita muito esse senhor, o Edson Galdino, você diria que ele tenha sido fundamental para sua inserção? Já que você assumiu a equipe porque ele não podia ou você tem outra pessoa para citar nesse começo?

**T9.** – Não, então. Na verdade, ele foi um treinador muito importante para mim, a gente ficou um bom tempo sem se ver e depois a gente veio a se encontrar eu já como profissional. A gente se encontrou em beira de quadra e coisa e tal. Ele sempre foi uma grande referência para mim pela luta dele como professor. A luta dele como militante do futebol feminino. Lógico que eu me espelho nele porque um cara que é nove vezes campeão carioca, um cara que até eu conseguir esses cinco títulos, só ele tinha sido campeão dos Jogos Estudantis de Duque de Caxias... Lógico que é uma referência para mim. Na verdade, quando eu entrei para ser treinadora em 2011, eu aceitei, eu me perguntava porque não tinha mulheres trabalhando com o futebol. E aí

a resposta que eu tive foi que elas não tinham competência e aí aquilo mexeu muito com meu brio. E aí eu fui buscar ser competente, eu fui buscar ter argumentos, eu fui buscar saber falar, respeitar e discutir sobre futebol. Então assim, virou um desafio para mim saber. Porque na verdade eu sempre pensei “e quando eu parar de jogar, o que eu vou ser?” Eu sempre quis trabalhar com o futebol. Não imaginei que seria tão rápida a minha transição. Não foi uma coisa dolorida, tipo “Caramba, eu vou deixar de jogar”, foi uma transição muito satisfatória. “Não me vejo mais como atleta” e aí as coisas foram acontecendo para mim.

**M.N.** – E você considera ter havido alguma dificuldade no começo da sua carreira? Perante família, amigos, dirigentes, comissão, as próprias atletas...

**T9.** – Sempre. Muito mais... Atleta você até acaba conseguindo quando você tem um grupo que está com você, um grupo que está junto. É um primeiro desafio e que depois uma passa para a outra que você é uma boa profissional e as coisas começam a melhorar. Agora dirigente, diretor é sempre uma gracinha. Quando você ganha fala que foi sorte, e aí você sempre tem que estar dando resultado para não terem o que falar de você. Ainda tem muito preconceito, muita gente que fala que não tem é mentira, tem sim. Mas na frente da mídia... Nas perguntas, algumas pessoas fingem que não tem. Muita gente mesmo que ainda não vê a mulher como uma profissional competente no futebol.

**M.N.** – E como você venceu ou ainda vence essas dificuldades?

**T9.** – Me capacitando. Eu tenho gana de estudar. Eu tenho gana de fazer curso, eu tenho gana de me preparar, de fazer estágio, de melhorar a qualidade dos meus treinos. Porque quando você tem uma estrutura, eu não estou falando financeira e nem uma estrutura de material porque no futebol feminino a realidade não é essa. A gente tem que trabalhar com o que a gente tem. Mas quando você se estrutura para você chegar a algum lugar os resultados vêm. E eu não posso reclamar dos meus resultados como profissional. Lógico que a gente não pode ficar na zona de conforto, cada vez mais você tem que buscar estudar, você tem que buscar desafio e eu me preparo *todos os dias da minha vida* acreditando no crescimento do futebol feminino.

E eu tenho certeza que vai acontecer e quando as oportunidades maiores chegarem eu tenho certeza que eu vou estar preparada.

**M.N.** – Legal. Se Deus quiser. Uma das próximas perguntas era sobre isso. Sobre o que você considera importante para o sucesso na carreira. Acredito, então, que tenha relação com essa questão da capacitação.

**T9.** – Isso.

**M.N.** – E sobre essa capacitação, queria que você falasse se realizou algum curso específico, além de já ser graduada em Educação Física, contar um pouco como é esse processo de capacitação da treinadora no Brasil.

**T9.** – Infelizmente a gente não tem muitas mulheres ainda que tenham buscado se capacitar. Eu, graças a Deus, tive oportunidade de ganhar uma bolsa da CBF para fazer a Licença C. Infelizmente os custos do curso são bem altos, a gente precisa se programar bastante para conseguir fazer, então eu fiz a Licença C no início de 2017. De 2017 para 2018, eu fiz o curso do Sindicato dos treinadores de futebol de São Paulo. É um curso referência nacional. Eu fiz cursos também de futsal pela Confederação... Federação do estado do Rio de Janeiro. Fiz também de Fut7 pela Confederação Brasileira de Fut7. Eu venho fazendo também vários cursos da Universidade do Futebol, tenho curso de Gestão no Futebol, tenho curso no Instituto de Gestão Desportiva. Tenho pós graduação em Gestão de Projetos Educacionais, faço especialização em futebol na UFRJ coordenada pelo professor Parreira e faço parte também do grupo de estudos em Ciência do Futebol na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que eu posso fazer, eu acho que é investir em você como profissional é investir no teu sonho. E eu acredito muito que sedar existe alguma coisa que vai te dar retorno na sua vida é você se preparar. É você se capacitar. Conhecimento nunca é demais, então enquanto eu posso estar estudando, fazendo curso online ou presencial eu faço porque eu acredito muito que a mulher, independente de qualquer coisa, seja no futebol ou dentro de um escritório, ela sempre vai ser desafiada. E a gente precisa estar preparada para responder esses desafios à altura.

**M.N.** – Exatamente. E o que você tem a dizer sobre as redes de contato na carreira de treinadora?

**T9** – Cara, é muito importante. Esse networking de você estar conversando com pessoas eu acho engrandecedor cada vez que você vai fazer um curso e descobre como está o futebol em São Paulo, como está o futebol no Sul, como está o futebol no Nordeste e aí você acaba sabendo que a tua realidade... O que você acha que você passa aqui é... Existe uma outra coisa do outro lado do país, entendeu. Tem oportunidades, às vezes você está aqui esperando uma oportunidade e aí tem um amigo seu que está vendo alguma coisa em algum outro lugar, mas eu ainda acho que dentro do futebol feminino é uma coisa muito restrita. Eu acho que os treinadores, as pessoas, os dirigentes são um pouco egoístas. Eles acham que você conversar, você trocar telefone, perguntar como é o treino isso é você querer o lugar e não é isso. Eu vejo isso muito no futebol feminino. Não é isso. A gente vê as Licenças de CBF, a gente fez agora a Licença A ou não sei se a Pró em que estava o Roger, em que estava o treinador do Flamengo que está no Vasco agora... o Zé Ricardo, e outros treinadores... O Carille, e um do Vasco um do Corinthians e os caras não têm esse tipo de vaidade. Estão ali trocando informação, trocando ideia e eu acho que é isso. O futebol moderno hoje é um futebol estudado, é um futebol de capacitação em que o treinador vai sim para a sala de aula. São pouquíssimos os treinadores de conhecimento empírico e existem aqueles que tinham só o conhecimento empírico e hoje estão buscando a sala de aula e eu acho que está faltando isso para o futebol feminino.

**M.N.** – Verdade. E aí já nessa pegada de como está o futebol feminino hoje, em relação à profissão de treinadora, como você diria que ela está estruturada?

**T9.** – Treinador ou treinadora?

**M.N.** – Treinadora. Em relação às condições de trabalho, condições trabalhistas, se é que a gente pode chamar de profissão pelo modo que sabemos que as coisas são conduzidas.

**T9.** – A gente conta no dedo as pessoas que realmente vêm se preparando para um *possível* profissionalismo porque não é profissional. A gente fica feliz, a gente tem exemplos de mulheres que... A Débora Ventura que é a única mulher que tem a Licença Pró no Brasil, que está na seleção sub-17 com o Luizão, uma grande referência. A Ana Gonçalves da Ponte Preta que fez a Licença B. A Daniela Alves, a própria Emily que fez tudo o que fez, mas se você contar, conta no dedo da mão as pessoas que conseguiram chegar até aí. E conseguiram muitas vezes por ajuda, conseguiram por competência, porque bateram na porta, falaram “Olha, eu estou aqui!” e a gente precisa que essas mulheres sejam vistas de uma outra maneira porque isso já está acontecendo nos outros países. Essa questão da obrigatoriedade do futebol feminino no Brasil, ela vem para 2019 e a gente não tem profissional para colocar em todos os clubes. Parando para pensar que a regra vem, que tem que ter uma mulher na comissão técnica, nós não temos mulheres para todos os clubes. *Capacitada* para o clube. O cara vai pegar uma mulher que faz Educação Física que as vezes não sabe nem dominar uma bola e vai colocar porque foi obrigado. Á Ele não vai colocar porque está se preocupando com a capacitação da mulher, então eu acho que a gente precisa... As treinadoras, a CBF, as pessoas que realmente acreditam no desenvolvimento do futebol feminino, a gente precisa se unir. Se unir para se encontrar, para estudar, para conseguir direitos de um curso mais em conta ou então que os próprios clubes sejam obrigados a pagar porque é um custo muito alto as Licenças e tudo que está acontecendo. Mas a gente precisa correr atrás. Porque só ficar falando que é caro, que é difícil não vai cair do céu. Não vai. Então a gente precisa se unir, buscar essas mulheres que são referências como apoio e correr atrás para que o leque abra para outras mulheres.

**M.N.** – Com certeza. E ainda sobre essa questão da profissão, o que você tem a dizer sobre a remuneração? Você está satisfeita com a sua remuneração no futebol?

**T9.** – Não. Não, primeiro porque eu trabalhei no Duque de Caxias durante dois, três anos e é aquilo que eu falei para você. Quem banca tudo, toda a estrutura do clube é o professor Edson, na parte do futebol feminino. Então eu trabalhei de graça e fica muito complicado quando você perde anos da sua vida estudando... Eu estava falando ali com você antes na internet, fendo um monte de coisas, lendo, buscando na internet o que está acontecendo com o futebol no mundo, com o futebol feminino no mundo e

as pessoas achando que você vai para ali e vai jogar dois coletes e duas bolas e achar que você tem que ser campeã da Séria A do Campeonato Brasileiro. Então, assim, o que você considera como remuneração? Eu não acho que um profissional de Educação Física, um profissional que tenha licença, um profissional que gasta dinheiro, que se empenha, que está de domingo a domingo na beira do campo e que ganha mil reais, dois mil reais seja valorizado. Porque o investimento é altíssimo. O investimento que você faz, mesmo quando você ganha uma bolsa, o investimento que você faz de estadia, de deslocamento, de tecnologia, de ter um celular legal, um computador, filmar os jogos e ver depois, isso tudo gera custos e isso não vem dos clubes. Vem dos próprios treinadores que querem evoluir. Das treinadoras que querem evoluir.

**M.N.** – Sim. E você acha que essa realidade é a mesma para os homens que atuam no futebol das mulheres?

**T9.** – Acho sim. Acho que óbvio que... Eu acho que os homens não aceitam muito o que a mulher aceita. A mulher aceita muito desafio, aceita muito que precisa estar no mercado. Os homens não. Os homens geralmente já vêm do mercado do futebol masculino, já têm uma outra visão que não pode trabalhar de graça, é um cara que tem filho e precisa sustentar família então é uma outra realidade, *geralmente*. Mas toda regra tem a sua exceção.

**M.N.** – Então você acha que não há muita compatibilidade quando se trata de remuneração de um treinador mesmo sendo no futebol feminino?

**T9.** – Não, eu não acho. Eu acho que a realidade financeira do futebol feminino é muito ruim para os dois lados.

**M.N.** – Tanto se você é treinadora ou treinador, não importa?

**T9.** – Não importa.

**M.N.** – Quando se compara aos treinadores do futebol masculino você acha que é compatível a realidade salarial?

**T9.** – Não, não. Isso aí não. Não tem nem como.

**M.N.** – Entendi. E você falou um pouco das suas atuações, sempre falando que foi auxiliar e também treinadora. Fora isso, você também chegou a exercer alguma outra função dentro da comissão técnica?

**T9.** – Não, não. Eu sempre fui treinadora tanto no futsal quanto no campo. Auxiliar técnica do professor no Duque de Caxias, mas eu sempre trabalhei como auxiliar ou técnica, nunca desempenhei outra função não.

**M.N.** – E você sabe dizer ou tem opinião formada sobre a existência de possibilidade de uma progressão hierárquica na ocupação dos cargos dentro das comissões técnicas no futebol feminino?

**T9.** – Acredito. Acredito que não é uma coisa fácil. Não, e na verdade, eu comecei como preparadora física sim. Em 2014 eu entrei como preparadora física do professor Edson, acredito sim, é difícil, é uma luta diária. De “Ah não, como treinadora não vai ser possível”, “Deixa como auxiliar”, mas eu acho que é a parte do comprometimento. A mulher é muito comprometida. As coisas começam a acontecer. Não é uma situação fácil que acontece de uma hora para a outra, mas eu acredito sim.

**M.N.** – Bacana. E ainda falando sobre essa questão da comissão, queria que você descrevesse um pouco como é o processo de formação de uma comissão técnica. Se você enquanto treinadora tem autonomia em fazer as escolhas de quem vai trabalhar com você, como é isso?

**T9.** – Então, eu posso te responder no meu projeto porque no Duque de Caxias partem do princípio de que o Diretor técnico era o Edson Galdino então ele que tinha todo o aparato para fazer tudo isso. Eu, técnica do Daminhas da Bola, técnica de futsal do Instituto Loide Martha, parto do princípio que vão trabalhar comigo dois tipos de pessoas. Pessoas comprometidas e pessoas interessadas. Eu acho que isso faz a diferença lá na frente. Pessoa que acredita no projeto, que acredita... Uma comissão técnica parte do princípio de que todo mundo tem que ter o mesmo objetivo. É ser

quarto colocado, quinto colocado, é não rebaixar, é não... É ser campeão. Então, para comissão técnica, tem que ser aquela comissão que você confia, que você olha e a pessoa já sabe o que você quer dizer e isso é difícil acontecer, mas geralmente quando acontece os resultados são muito bons. Eu sei que existem luazes em que o treinador não tem autonomia para fazer tudo isso. Levam um preparador físico, ou alguém da análise de desempenho, não conseguem montar toda sua estrutura de comissão. Mas quando se consegue, geralmente o resultado é muito satisfatório.

**M.N.** – E em relação à formação da equipe esse raciocínio é o mesmo?

**T9.** – Sim, sim. Para mim o raciocínio tem que ser sempre esse. O comprometimento de todo mundo e o ideal de todo mundo as vezes é melhor do que você ter uma equipe de craques, uma equipe de jogadoras ou jogadores experientes... Hoje o futebol é jogado por todo mundo. Desde a pessoa que limpa a chuteira ao presidente do clube que cada vez a gente vê mais a importância de um presidente de clube ter outra visão do futebol feminino. Quando isso acontece, a exemplo do Santos, a exemplo do Brás, as coisas andam.

**M.N.** – Legal. E aí em relação mais a sua atuação no Duque de Caxias, como você descreve a relação sua com as pessoas que eram lideradas por você?

**T9.** – Era uma coisa muito pensada com o professor Edson. Toda a minha organização de treino vinha mediante ao que ele queria para a equipe. Ele passava as ideias, eu passava os trabalhos, ele me dava o ok e eu apresentava para as meninas. A aceitação das meninas era muito boa. Eu sou muito grata ao que o Duque de Caxias me ofereceu com o que podia me oferecer. E eu sou grata pelo meu crescimento profissional porque o professor Edson falava “Você vai fazer e se estiver errado eu vou te dizer depois”. É o famoso feedback. Mas tudo no Duque de Caxias parte da ideologia do professor Edson. Ele pensava e mediante ao que ele pensava eu preparava a equipe para ele implementar a parte tática.

**M.N.** – E você fala sobre essa gratidão pelo que o Duque de Caxias te oferecia dentro do que poderia te oferecer, como são as condições de trabalho nessa realidade dos clubes brasileiros?

**T9.** – Então, a gente está falando... São realidades muito diferentes. A realidade de São Paulo hoje... São Paulo, talvez o Rio Grande do Sul com a vinda do Inter, a gente está falando de realidades de clubes que estão se importando em dar melhores condições ao futebol feminino. Mas aí a gente conta nos dedos. Aqui no Rio a gente já viu clube que jogou campeonato carioca com jogadoras totalmente sem condições, que abandonou jogo no primeiro tempo. Porque as pessoas... e aí que eu falo que eu não gosto dessa questão de obrigatoriedade. Obrigatoriedade o cara vai jogar a camisa ali e é assim. Está tendo aqui porque é obrigado, então é desumano as vezes você comparar o que acontece em São Paulo que é uma capital a parte, não só do que acontece no futebol feminino mas do futebol no Brasil. A Federação Paulista é uma Federação que deve ser exemplo para todas as federações do Brasil. O que o Mauro Silva vem fazendo com o masculino e a Aline Pelegrino no feminino, faz com que São Paulo esteja *anos luz* à frente de qualquer Estado. E isso faz com que os clubes de São Paulo... Corinthians, Centro Olímpico, vamos falar de Rio Preto também que é uma grande referência, São José... Eles são especiais para o futebol feminino. Quando você tem uma federação que não se importa com o que acontece como aqui no Rio os clubes vão fazendo da maneira que dá. Então assim, infelizmente a gente conta nos dedos os clubes que dão suporte para o futebol feminino. Eu espero que com tudo o que está acontecendo os clubes tenham uma visão diferente. Uma boa estrutura de treino, de descanso faz com que os resultados aconteçam muito mais rápido do que as pessoas imaginam. Aí dá campo careca, dá seis bolas, dá água quente, isso em um sol de rachar, e ainda quer que a menina apresente um bom futebol. É complicado demais. Mas a gente também tem que partir do princípio de que os profissionais não têm que aceitar. Porque enquanto tiver profissional que aceita isso, vai continuar tendo clube que não pensa em uma estrutura.

**M.N.** – É verdade. Inclusive, pegando o gancho do que você falou sobre o profissional aceitar ou não, tem uma pergunta sobre a questão da necessidade que às vezes as mulheres enxergam em ter uma outra ocupação profissional para além da de treinadora de futebol. Você eu vejo que atua em projeto próprio, talvez por isso não atue mais em clube de futebol, então queria que você falasse um pouco sobre isso.

**T9.** – Eu ainda não consigo viver do futebol. Na verdade assim, eu vivo do futebol porque eu sou técnica de uma escola e eu recebo para isso, eu tenho uma escola de futebol masculino e recebo por isso. A minha intenção com o Daminhas da Bola não é cobrar... Eu não cobro nada das meninas. O Daminhas acontece buscando patrocínios, buscando apoio para a gente formar atleta para o futebol feminino. Eu ainda não consigo viver disso. Eu já cheguei a trabalhar em cinco lugares para não deixar de ser treinadora de futebol. E isso suga muito. A gente poderia estar exercendo de uma outra maneira. A gente poderia estar trabalhando, dando treino de manhã, a tarde e à noite, estar estudando os jogos e as vezes você não tem tempo nem para comer. Já cansei de estar fazendo preleção, montando o que eu queria numa preleção, o que eu queria num treino de dia seguinte de madrugada. Porque eu precisava trabalhar, eu preciso trabalhar de uma outra forma para poder viver de futebol. Isso prejudica muito até mesmo as atletas. A gente tem “n” atletas que trabalha à noite, entregando alguma coisa ou então trabalha de dia e vai para o treino sem comer. Eu realmente espero que as mudanças aconteçam de uma maneira geral e, principalmente, que as mudanças aconteçam de uma maneira que a gente tenha uma condição digna de viver do futebol feminino. Porque a gente para pensar que a gente tem prata olímpica vivendo assim. Então imagina o momento em que a gente tiver um planejamento a longo, médio e curto prazo o que é que não vai acontecer com nosso esporte.

**M.N.** – Verdade. E aí como você considera que se dá a conciliação entres a sua vida pessoal e profissional com tantas ocupações assim?

**T9.** – É tenso, turbulento demais. A gente acaba abrindo mão de muita coisa pessoal. 2017 foi um ano muito turbulento para todo mundo, inclusive para mim. Eu vim de um término de um casamento e de “n” coisas por você se entregar demais. Mas eu acho que não é diferente do que acontece com o futebol masculino não. O treinador de futebol quando ele resolve que é aquilo que ele quer e ele tem um objetivo, você não tem tempo de chorar, não tem tempo de chorar perda, derrota. Você vê o professor Abel que perdeu o filho de uma maneira tão trágica e tinha que estar no campo de futebol. Então assim, eu falo muito para as minhas atletas que atleta não é gente, atleta é atleta e treinador de futebol não tem tempo de ser humano, porque você ser humano o tempo todo você não consegue porque você é criticado, você é chamado

de burro, você tem que entender a cabeça de quinze, vinte atletas, comissão técnica e se você não souber enxugar a esponja que é o seu cérebro, você pira. Mas eu não acho que é uma relação só do futebol feminino não é uma relação do treinador em geral. A pessoa que vive de resultado e que você precisa estar preparado para ser o escudo de todo mundo. Então é uma visão do treinador mesmo.

**M.N.** – Entendi. E aí a gente já está quase finalizando, a gente passou pela sua inserção na carreira, um pouco desse processo, seu dia a dia... Você considera, além disso tudo que já mencionou, haver alguma necessidade para uma mulher permanecer no cargo?

**T9.** – Claro. Acho sim. Vou dizer para você, muita gente fala que não tem preconceito, que acha que não porque a mulher tem capacidade sim mas existem... Eu sempre falo isso, que aí quando você perde “Ah, é porque é mulher”, “Ah, é porque não sabe”, “Desde quando mulher serve para ser treinadora?”. Está melhorando? Está *melhorando*, mas não acabou. Não mudou, não é assim de uma hora para a outra. A gente precisa engatinhar, a gente precisa ter mulheres à frente do futebol feminino, é absurdo a gente contar nos dedos as mulheres que trabalham tanto na série A quanto na série B. Na série A1 e série A2 do Campeonato Brasileiro, é absurdo. Conta nos dedos. É a Tatiele no Inter, a Ana Lúcia Gonçalves na Ponte Preta, é a treinadora que surgiu agora no time de Natal então a gente conta nos dedos as mulheres que estão hoje à frente de uma equipe. Então a gente precisa começar a batalhar por isso, a colocar a cara. As ex-atletas que estão encerrando carreira, procurar se capacitar porque elas sabem o que o futebol feminino precisa. Mas não adianta vir do campo para o banco porque é uma diferença muito grande de visão. É se preparar para ser treinadora. Eu espero que cada vez mais as mulheres comecem a ocupar o seu espaço dentro do futebol feminino. Não só dentro do feminino mas do futebol. Porque eu acho que treinador é treinador independente do sexo. É capacidade como profissional.

**M.N.** – Verdade. E fica até um pouco repetitivo, mas da mesma maneira que eu lhe perguntei o que faz com que uma treinadora tenha sucesso e você me respondeu a capacitação, o resultado, o que você diria que garante a permanência de uma mulher nesse cargo?

**T9.** – O que garante é o conjunto disso tudo mais pessoas que acreditem no projeto. Mais pessoas que entendam que o resultado ele não é imediato para nada. Ele precisa ser planejado a médio, longo e curto prazo. Então assim, as pessoas precisam aprender a ter um pouco mais de paciência e acreditar na profissional que está ali. Porque não adianta você estar ali e perdeu um jogo, perdeu dois jogos, você está colocando uma essência, uma visão, uma maneira de jogar e aí as vezes, a mulher está ali, perdeu dois jogos e “Ah, não é assim que se faz”. Então é um conjunto e principalmente acreditar na ideia do que a treinadora quer passar. Se capacitar, buscar resultados e acreditar na sua ideologia de trabalho. Você não pode mudar aquilo ali porque o cara acha, é a sua ideologia, é aquilo que você espera como seu modelo de jogo, sua visão de jogo então precisa partir do princípio que as coisas demoram um pouquinho para se encaixar e elas vão acontecer mediante ao comprometimento de todo mundo. Então vamos comprar a ideia passando por problemas mas acreditando que o resultado vai acontecer.

**M.N.** – E como você analisa as oportunidades de ascensão na carreira para todas as mulheres que atuam como treinadora hoje no Brasil?

**T9.** – Tudo depende de como os clubes vão pensar sobre essa obrigatoriedade. Porque pelo que eu entendi, é obrigado a ter uma mulher na comissão técnica, então assim, se tudo acontecer como a gente espera que vai acontecer, a gente vai ter cada vez que estar capacitando mulheres para estarem em uma comissão técnica. Porque a gente para pra pensar que são dezesseis clubes em cada série então vai faltar mulher para tanta oportunidade de trabalho, mas isso depende de como será a feita a cobrança dessa obrigatoriedade. Então assim, eu *espero* que as oportunidades cheguem. Eu sinceramente acredito que isso vá acontecer, mas não depende só de a mulher estar capacitada, depende de o clube estar abrindo a porta.

**M.N.** – Com certeza. E as suas expectativas como treinadora, quais são?

**T9.** – Eu busco poder um dia viver do futebol feminino. Tenho o sonho de chegar a alguma seleção, tenho o sonho de um dia poder treinar um grande clube no Brasil e aí as coisas vão acontecendo. Nesse momento da minha vida eu não tenho ainda a

vontade de estar à frente de uma equipe principal. Eu gosto muito de formar, muito de trabalhar na base. Eu acho que antes de a gente pensar na Marta a gente precisa formar a Marta, não só como atleta, mas como cidadã. Como mulher consciente da sua posição na sociedade e que eu venho buscando para mim hoje é conseguir formar da melhor maneira possível, atletas para o futebol feminino.

**M.N.** – Perfeito. E você tem interesse em um dia atuar com o futebol de homens?

**T9.** – Nesse momento não. Quem sabe um dia. Eu já trabalhei na escola do Flamengo, tenho a minha escola de futebol masculino, já tive convite para assumir equipes de futsal aqui no Rio de Janeiro em clubes, mas eu a princípio, não posso dizer nunca, mas a princípio não tenho essa mentalidade não.

**M.N.** – E agora passando a nossa última questão, há algo que te faça pensar em desistir de trabalhar como treinadora?

**T9.** – Eu acho que o que poderia me fazer pensar em desistir é se as coisas continuarem não acontecendo. Tem uma mulher na Seleção e nove meses depois ela não está mais na Seleção. Uma obrigatoriedade para que todo mundo tenha futebol feminino e eu espero que ela permaneça. Aqui no Rio de Janeiro a gente tem muito assim: o clube tal montou uma equipe de futebol feminino e no ano seguinte o clube não tem mais. Então é o que pode me fazer desistir. Mas eu acho que cada vez você consegue chegar mais longe, cada vez que você tem uma atleta que está saindo do país e te agradece. Cada vez que você tem, uma atleta, como eu tenho, em que ela é a primeira menina a ter o segundo grau em casa *por* causa do futebol. Eu deixo isso bem claro para os pais. Sua filha paga a escola dela porque ela joga futebol. Isso faz com que eu não desista. Cada vez que eu vejo uma aluna minha entrando na Universidade e continuando na Universidade jogando futebol faz com que eu não desista. E mais o que isso, o que me faz não desistir é que eu não quero deixar a minha história acabar. Porque eu sou fruto do futebol feminino. Desde a minha infância estudando em colégio com bolsa até a minha Universidade veio do futebol feminino, então se *eu* que vim disso não acreditar, a minha história vai acabar. A minha história, a história da Preta, a história da Leda, da Marta, vai acabar. A gente não vai ter um

legado. Então a gente precisa acreditar. Se você não acredita na sua história quem vai acreditar?

**M.N.** – Verdade. E por fim então, eu terminei com as perguntas do roteiro, queria saber se você quer deixar algum comentário, quer destacar alguma coisa que eu não tenha lhe perguntado. Pode ficar à vontade, por favor.

**T9.** – Eu espero que mais mulheres, homens e pessoas tenham essa iniciativa que você está tendo. A gente *precisa* de pessoas que falem sobre o futebol feminino, a gente precisa de artigos científicos, a gente precisa de pessoas que pesquisem sobre o futebol feminino. A gente tem pouquíssimos trabalhos sobre isso e a gente precisa que as pessoas comecem a cutucar. Porque o mercado está para acontecer e aí quando o mercado começar a acontecer não adianta a gente vir igual maluco q começar a escrever e... Porque aí a concorrência vai ser muito grande. Então eu espero que mais pessoas se interessem em escrever sobre o futebol feminino. Mas a gente não está falando só de preconceito, de visão de sociedade, a gente está falando de treinamento, de competência tática, técnica. Existem algumas diferenças no treinamento de mulher e de homem e que valem a pena serem estudadas. Eu espero que outras pessoas tenham essas iniciativas que você está tendo e eu até me coloco à disposição para ajudar no que precisar.

[FINAL DA ENTREVISTA]